

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005	58
Figura 2-Fotografia- Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005.....	1
Figura 3- Fotografia - Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005.....	1
Figura 4 – Fotografia – Praça Duque de Caxias 2005 – Bancos de concreto armado curvilíneos - Acervo pessoal.....	1
Figura 5 – Fotografia Praça Duque de Caxias - 2005 - Coreto sem cobertura- Acervo pessoal .	1
Figura 6 - Planta da Praça Duque de Caxias- cedido - GAU - 2005	64
Figura 7 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2006 – Área 1 – Acervo pessoal	1
Figura 8 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal	1
Figura 9 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal	1
Figura 10 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal	1
Figura 11 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 2 - Acervo pessoal	1
Figura 12- Fotografia Praça Duque de Caxias 2006- Jovens na Área 3 - Acervo pessoal	1
Figura 13 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 4 - Acervo pessoal.....	1
Figura 14 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 4 - Acervo pessoal	1
Figura 15 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 5 - Acervo pessoal	1
Figura 16 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 6 - Acervo pessoal	1
Figura 17 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área - Acervo pessoal	1
Figura 18 – YOGA – fotografia do coreto ao fundo 12/05/2007	1
Figura 19- Fotografia JOU – 11/04/2007	1
Figura 20 – Fotografia CORUJA – 05/04/2007	1
Figura 21 - Fotografia BLUBLU 03/05/2007.....	1
Figura 22- Fotografia JOU 11/04/2007	1
Figura 23 - Fotografia GORILÃO 26/04/2007	1

TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 Posição na ocupação de jovens de 18 a 24 anos por sexo raça e cor 2003 47

Tabela 2 Educação e Ocupação de jovens de 18 a 24 anos por sexo raça e cor 2003 48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - DAS INQUIETAÇÕES DE UM DOCENTE AO OBJETO DE PESQUISA	4
CAPITULO I - JUVENTUDE COMO TEMA DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO TEÓRICA PARA PENSAR O SUJEITO JOVEM E POBRE.	8
1.1 DA TEMÁTICA JUVENTUDE AOS SUJEITOS DA PESQUISA: UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO	17
CAPITULO II - METODOLOGIA	20
2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS:	20
2.2 O ENCONTRO COM OS SUJEITOS	25
2.2.1 JOVENS NEGROS DO SEXO MASCULINO: UM RECORTE DE PESQUISA, UMA IMPOSIÇÃO DO CAMPO.	28
2.2.2 PROCEDIMENTOS DE RECRUTAMENTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	29
2.3 DAS ENTREVISTAS	31
2.4 JOVENS NEGROS: OS SUJEITOS DA PESQUISA.	32
2.4.1 O JOVEM ELEPÊ	32
2.4.2 O JOVEM JOU	34
2.4.3 O JOVEM YOGA	36
2.4.4 O JOVEM GORILÃO	37
2.4.5 O JOVEM BLUBLU	39
2.4.6 O JOVEM TRUTA	41
2.4.7 O JOVEM CORUJA	43
2.5 DEFININDO UMA CONDIÇÃO JUVENIL: SER BRASILEIRO, JOVEM, NEGRO, POBRE, MORADOR DE UMA GRANDE METRÓPOLE	44
CAPÍTULO III - NO BAIRRO, A PRAÇA: DO CLUBE DA ESQUINA, PASSANDO POR SEPULTURA E CHEGANDO AO SKANK	52
3.1 A PRAÇA: DE ESPAÇO PÚBLICO A LUGAR	57
3.2 CAMINHOS E TRAJETÓRIAS NO CAMPO: RECONHECIMENTOS DAS ÁREAS EM BUSCA DOS SUJEITOS DA PESQUISA	62
3.3 NA BUSCA DOS JOVENS NEGROS: A ROTINA DAS ÁREAS.	64
3.3.1 ÁREA 1	65
3.3.2 ÁREA 2	68
3.3.3 ÁREA 3	71
3.3.4 ÁREA 4	72
3.3.5 ÁREA 5	74
3.3.6 ÁREA 6	76
CAPITULO.IV- ANALISANDO OS DADOS: CATEGORIAS E INTERPRETAÇÕES	79
4.1 ANÁLISE DOS DADOS	79
4.1.1 TRATANDO DAS FRATRIAS:	83
4.1.2 A PRAÇA E O ENCONTRO COM OS PARES: AS RELAÇÕES FRATERNAS	96
4.2 ESTILOS E JOGOS NA CONFIGURAÇÃO	110
4.3 FAMÍLIA	121
4.4 O ENTRELAÇAMENTO DAS INSTÂNCIAS	124
4.5 DAS FOTAGRAFIAS	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	139
ANEXOS	143
ANEXO- A- MAPA DO ENTRONCAMENTO DAS RUAS ONDE SE LOCALIZA A PRAÇA-2006	143
ANEXO- B- PLANTA DA PRAÇA DE DUQUE DE CAXIAS DE 1937	144
ANEXO- C - PLANTA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS 1991	145
ANEXO D - ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	146

INTRODUÇÃO - DAS INQUIETAÇÕES DE UM DOCENTE AO OBJETO DE PESQUISA

Inicialmente o objeto de pesquisa era investigar os sentidos e os significados que jovens negros(as) atribuíam a suas identidades, enquanto grupo geracional e grupo étnico-racial, tendo como ponto de partida a interação em um espaço de lazer em área urbana. O foco seriam os jovens que freqüentavam espaços de lazer da Região Leste de Belo Horizonte, especificamente aqueles com os quais, de certa forma, eu convivía na escola, na condição de professor de química.

Havia, de nossa parte, um interesse em conhecer os jovens alunos fora do ambiente escolar, ou seja, vivenciando outras experiências nas quais não os identificássemos apenas como alunos, mas que traduzíssemos outras dimensões de suas subjetividades que nem sempre a escola permite emergir. Focalizar os(as) jovens negros(as), portanto, foi uma decisão tomada logo de início, pois nossa observação desses alunos dentro da escola levava-nos a identificar uma série de estigmas que os negros em geral sofrem no cotidiano escolar.

Esse estigma não era, entretanto novidade; alias já existem inúmeros estudos que analisam a escola como um espaço no qual se produz e reproduz a discriminação dos jovens negros, afetando, diretamente, sua auto-estima e, conseqüentemente, sua identidade.

Enquanto docente, incomodava-me muito tal situação, na medida em que eu mesmo, como negro, via esse processo ocorrer, entendia que ali estava um dos grandes desafios a ser enfrentado por qualquer projeto que se pretenda democrático e busque avançar na concretude da eqüidade social.

Das várias situações relacionadas aos alunos negros, uma em especial me chamava atenção: o encontro (quase cotidiano) com alguns deles na praça que fica próxima à escola em que eu lecionava, em dias e horário letivos.

O encontro com os alunos, nestas circunstâncias, provocava em mim um sentimento ambíguo, pois, se por um lado eu compreendia a necessidade de

lazer e diversão desses jovens, sujeitos do presente, e reconhecia a incapacidade de a escola lhes acenar com isto, por outro lado o reconhecimento de que eles preferiam a rua à escola me trazia o sentimento de impotência diante do que via. A escola, de um modo geral, e eu, de modo particular, fracassávamos em nossa tarefa de fomentar a permanência “daqueles alunos” no interior da instituição.

Este encontro semanal com os jovens alunos da escola, fora do espaço escolar, em momentos nos quais a expectativa era de que eles estivessem estudando, instaurava em mim uma série de dúvidas e inquietações: afinal, que tipo de experiências eles vivenciavam em outros espaços nos quais ficavam durante o horário das aulas e que se mostravam mais significativas que a presença na escola e as atividades ali realizadas (inclusive aquelas nas quais o encontro e a socialização se destacavam)?

Nos muitos momentos de reflexão sobre esta questão, eu percebia que a forma desses jovens - negros e pobres, em sua maioria - estar na/se relacionar com a escola era também o reflexo das condições sócio-raciais e econômicas nas quais eles vivam. A percepção dos limites que lhes são impostos por estas mesmas condições reforçava minha preocupação com o assunto, na medida em que muitas vezes, eu também assistia e participava do esforço, por vezes vão, de muitos alunos, com o mesmo perfil, para ingressarem na escola, e lá permanecerem. Estas reflexões foram se adensando e se transformaram em questões de pesquisa.

Assim, em busca de respostas para essas e outras questões, passei a me aproximar do estudo da temática da juventude, em princípio com trabalhos formativos fora dos espaços escolares. Trabalhei com oficinas tratando a temática da juventude negra urbana; acompanhei e atuei em fóruns juvenis de diversas ordens. Posteriormente, atuei também na formação continuada de professores, discutindo questões referidas à temática, direta ou indiretamente.

Dessas várias experiências, bem como dos estudos e reflexões que eu fazia, novas questões foram formuladas e reformuladas, abandonadas, recuperadas e, da sistematização de todo este processo, resultou a construção e proposição

do objeto dessa pesquisa de mestrado, cujos resultados são apresentados no texto que segue.

Muito embora a identificação do objeto proposto para estudo tenha sido feita a partir e em paralelo às minhas atividades como docente do ensino médio regular, a pesquisa realizada que, no início pretendia estudar os sentidos e significados que os jovens atribuíam à sua identidade mudou para um estudo que pretendia investigar os processos de socialização desses jovens. Assim, o foco da pesquisa recaiu nas interações destes jovens com os grupos de pares com os quais vivenciavam atividades de lazer na praça.

Optamos por desenvolver o estudo fora da escola pelo fato de ser a Praça o espaço onde se tornaria possível chegar até eles, visto permanecerem lá, mais tempo que na própria instituição. Por outro lado, pretendíamos construir com os sujeitos um diálogo no qual a educação não fosse o elemento central, situação difícil de ser construída dentro dos limites da escola.

O trabalho de pesquisa proposto teve, portanto, por objetivo, compreender a vivência do lazer entre jovens negros frequentadores daquela Praça. Pretendíamos, a partir (re) conhecimento das potencialidades deste espaço na socialização juvenil, levantar elementos que nos auxiliassem na compreensão de suas especificidades e na identificação, por conseguinte, das fragilidades da escola na relação/atendimento a este segmento de alunos em particular.

O trabalho está estruturado em quatro partes, compostas da seguinte forma: no capítulo I apresentamos os resultados do estudo da produção teórica referida à temática da juventude em geral, com algumas incursões no campo da relação entre juventude e educação/escola. Trata-se da sistematização da contribuição de diversos estudiosos para a compreensão do modo como as mudanças do mundo contemporâneo situam a categoria juventude frente aos desafios atuais.

No capítulo II, apresentamos a nossa trajetória de pesquisa, detalhando o percurso realizado em todas as etapas do trabalho e dando ênfase às especificidades do trabalho de pesquisa com os jovens no campo/situação escolhida para a realização da investigação, e às escolhas que fizemos diante das situações e alternativas que tínhamos à frente. Também nos utilizamos

desta parte do texto para apresentar, sumariamente, nossos sujeitos, tal como se apresentaram para nós em nossa pesquisa.

No capítulo III apresentamos nosso espaço-campo de pesquisa, mostrando, por meio da História da Praça de Santa Tereza, o modo como este espaço público foi se convertendo em um lugar de referência para a comunidade do Bairro, de seu entorno, para a cidade de Belo Horizonte e quiçá do País e para além de suas fronteiras. O objetivo desta apresentação é mostrar o contexto no qual nossos sujeitos se inserem quando lá estão, deixando antever parte das implicações da presença deles, nos modos como ela se dá, ali.

No capítulo IV apresentamos a análise dos dados coletados em campo junto aos jovens, mostrando o modo como definem, pensam e vivem suas interações. A partir de suas auto-definições, buscamos captar o modo como eles se estruturam em configurações que articulam diferentes instâncias de socialização.

Nas considerações finais apresentamos as conclusões nas quais chegamos por meio do desenvolvimento da pesquisa, destacando os elementos que uma vez desvelados, ajudam a compreender a especificidade da condição deste segmento da juventude, o que possibilita uma reflexão melhor fundamentada acerca dos modos de ser-e-estar-e-viver “daqueles alunos”, **jovens – entrando- no- mundo-adulto**, encontrados freqüentemente na Praça, quando deveriam estar na escola.

CAPITULO I - JUVENTUDE COMO TEMA DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO TEÓRICA PARA PENSAR O SUJEITO JOVEM E POBRE.

Na etapa inicial e durante todo o decorrer da pesquisa, fizemos uma revisão bibliográfica com o objetivo de compreender o modo como a temática da juventude vem sendo contemplada teoricamente, as principais questões apontadas pelos estudos mais recentes acerca desta etapa de vida nas sociedades contemporâneas e acerca de nosso objeto de pesquisa.

Do contato mais amplo com a produção teórica sobre juventude, foi possível perceber que esta é uma temática em torno da qual se vem consolidando um campo do conhecimento que a cada dia ganha mais relevância. Por meio desta literatura, foi possível apreender que o ciclo juvenil tem sido objeto de vários estudos realizados a partir de diferentes perspectivas, que revelam muito sobre o ser jovem no contexto atual.

Dentre as mudanças nos enfoques dos estudos centrados na juventude destaca-se, inicialmente, a superação da figura romântica do jovem revolucionário do movimento estudantil, importante nos anos 50 e 60 do país. Tal mudança se deu por meio da ampliação do foco que recaía sobre a juventude urbana classe média, universitária passando, gradativamente, a abarcar a idade escolar nos anos 70 e 80 e, considerando, também, estudantes jovens pobres, rurais, negros, mulheres, etc. Trata-se de uma conseqüência da consideração de (...) *uma série de movimentos de inserção [dos jovens] em diversos planos da vida social; inclusive no mundo do trabalho, na vida afetiva/sexual, na produção cultural, na participação social etc.* (PERALVA, 1997, p.2).

Os estudos atuais apresentam uma diversidade de recortes que revelam as distintas formas de vínculo dos jovens à cultura e sociedade. Sobre este acervo, ABRAMO (1997) diz que

Na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado — no entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação “anormal” ou de risco),

ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. (ABRAMO, 1997, p 22)

Na produção teórica acerca do papel das instituições¹ em relação aos jovens à qual se refere a autora, a condição juvenil teria se concentrado na relação do ciclo juvenil com instituições como a escola, família ou, ainda, com os sistemas jurídicos e penais. Este enfoque vem sendo predominante na sociedade brasileira, como assinalado abaixo:

No Brasil, este foi o enfoque que praticamente dominou as ações dos anos 80 aos 90; foi uma das principais matrizes por onde o tema da juventude, principalmente a “emergente” juventude dos setores populares, voltou a ser problematizado pela opinião pública e que tencionou para a criação de ações tanto por parte do Estado como da sociedade civil. E ainda é predominante na fundamentação da necessidade de gerar ações dirigidas a jovens: quase todas as justificativas de programas e políticas para jovens, quaisquer que sejam elas, enfatizam o quanto tal ação pode incidir na diminuição do envolvimento dos jovens com a violência. (ABRAMO, 2005, p.21)

Conforme apontado neste trecho, o entendimento posto é o da juventude como etapa “problema”. Este entendimento é criticado por vários estudiosos da temática, dentre os quais se destacam ABRAMO (1994, 1997, 2005a), CARRANO (2000), DAYRELL (2000, 2001, 2003) e SPOSITO (1997), entre outros.

DAYRELL e GOMES (2005) são estudiosos em particular que, ao tratar do tema, apontam os limites de tal abordagem:

A questão é que ao conceber o jovem de uma maneira reducionista, vendo-o apenas sob a ótica do problema, as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca de superação do suposto “problema” e, nesse sentido, voltam-se somente para os setores juvenis considerados pela sociedade, pela escola e pela mídia como “em situação de risco”. (DAYRELL & GOMES, 2005 p.2)

Para estes autores, trata-se de uma concepção que, construída com base na focalização de um único aspecto da condição juvenil, reduz e limita a compreensão deste à sua tensão com o mundo adulto. Esta tensão é revelada

¹ O termo instituição aqui é compreendido como exposto por BERGER & BERGER (1977) e BERGER & LUCKMAN (1996). Trata-se de uma programação de conduta imposta pela sociedade que é dotada de exterioridade, objetividade e coersitividade, autoridade moral e historicidade, bem como dos mecanismos socialmente construídos e reconhecidos na tarefa de promover a adoção de determinadas orientações de conduta.

por meio da dificuldade, cada vez maior, de diálogo entre o que o mundo adulto oferece e espera dos jovens, e os modos como essa etapa tem sido vivida nos tempos atuais.

A superação desta concepção se dá, segundo os próprios autores, na medida em que a questão passa a ser colocada em outros termos: no lugar do jovem como problema, dever-se-ia focalizar a sociedade como problema para o jovem.

Segundo ABRAMO (2005), tem sido comum a busca, entre muitos estudiosos, de superação da ótica da “*juventude problema*”, através da formulação em termos do “*jovem como solução*” (p.20-22). Neste novo entendimento, os problemas que existem geralmente eclodem no campo das formas, mecanismos e/ou dos processos de integração do jovem ao mundo adulto e falam diretamente desta relação. Tal como estes autores, acreditamos que seja necessário começar a ver nestes “problemas”, a explicitação dos limites e inadequações destes processos, visando sua superação.

Outros aspectos importantes identificados na revisão da bibliografia acerca da juventude são as mudanças verificadas na ênfase dos estudos. Tais mudanças são próprias dos contextos históricos nos quais as pesquisas foram feitas e as críticas que a elas se dirigem têm dado contribuições significativas no sentido de promover uma compreensão mais aproximada da realidade juvenil contemporânea, conforme sugerido por ABRAMO (2005):

[...] a condição juvenil sofreu grandes transformações nas últimas décadas; hoje é difícil dizer que se resume à preparação para uma vida adulta futura: a juventude se alargou no tempo e no espaço social, e ganhou uma série de conteúdos próprios. Isto é, deixou de ser um momento breve de passagem, restrito às classes altas e médias, não só porque a educação foi largamente expandida, pois não é mais definida exclusivamente pela condição estudantil, mas por uma série de movimentos de inserção em diversos planos da vida social; inclusive no mundo do trabalho, na vida afetiva/sexual, na produção cultural, na participação social etc. (p. 34-35)

Neste trecho, a autora aponta algumas mudanças na forma de compreender o que atualmente considera-se juventude. Na perspectiva inicialmente indicada, a juventude aparece como um período de transição entre a infância e a idade adulta e o enfoque dado assume uma acepção universalista, pensada a partir

de uma homogeneidade juvenil que se esfacela frente às desigualdades presentes na realidade dos jovens.

A produção tem apontado que contemporaneamente, a condição juvenil se alargou no tempo e espaço social, o que significou uma relativização da dimensão etária, da participação política e dos modos de produção e reprodução social em decorrência de mudanças na sociedade.

PERALVA (1997) contribui com este debate ao tratar das idades da vida e nos mostra que na modernidade, embora as idades da vida - e, um de seus recortes, o ciclo juvenil, por exemplo -, estejam diretamente vinculadas ao mundo natural (biológico e psicológico), estas também são datadas historicamente e instituídas no cultural e no social, resultando, portanto, de conformações históricas da sociedade que implicaram, segundo a autora, naquilo que a modernidade teve de educativa.

Ainda segundo ela, no *bojo da aceleração das transformações contemporâneas*, o envelhecimento adiado pelas mudanças na sociedade transforma o jovem em modelo cultural do presente, o que tem implicado em uma super valorização da juventude. Esta, por sua vez, está associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico e se configura no que a autora chama a *promessa da eterna juventude*. (PERALVA, 1997, p. 15).

Nesse sentido, devemos considerar que as mudanças e transformações sociais das últimas décadas modificaram os modos de vida das pessoas e alteraram, de forma acelerada, relações socioeconômicas e culturais. Como consequência, tem-se a desorganização do modelo de vida estruturado no contexto da modernidade em três momentos vitais, a saber, formação, atividade e aposentadoria (PERALVA, 1997), o que tem gerado impactos importantes na orientação de estudos realizados neste campo.

Entendido como a desorganização do modelo ternário do ciclo da vida, este processo é um dos indicadores da transformação mais geral do mundo contemporâneo, particularmente no que se refere às responsabilidades respectivas e à lógica das reciprocidades entre os diferentes grupos etários.

Trata-se de um processo que tem importantes repercussões na (des) organização da sociedade. Assim, segundo nossa autora,

O novo significado dos estudos sobre juventude emerge ao que parece desse conjunto de transformações. Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação. (PERALVA, 1997 p. 20-23).

As noções conceituais e implicações apontadas nesta perspectiva analítica ajudam os autores a diferenciar o que consideram ser as *novas condições juvenis*, da *situação social dos jovens*:

A “condição juvenil”, como categoria sociológica e antropológica, está referida à estrutura social como aos valores e à cultura particular dos sujeitos jovens nos processos de transformações sociais contemporâneas (formativas, trabalhistas, econômicas, culturais). E a “situação social dos jovens” nos remete à análise territorial e temporal concreta, sendo como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens, em um espaço e um tempo determinados. (DAVILA, 2005, p 15. Grifos do autor).

A partir da desvinculação destas duas noções, conjugam-se processos que vinculam à noção de juventude elementos que se visualizam com certa estabilidade, dentre os quais se destacam o alargamento ou prolongamento da juventude, como uma fase da vida, produto de uma maior permanência no sistema educativo; o atraso em sua inserção sócio-trabalhista e de constituição de família própria; a maior dependência em relação a seus lares de origem e menor autonomia ou emancipação residencial.

Considerando que a expressão *trajetórias de vida* remete às mudanças experimentadas nos modelos e processos de entrada na vida adulta por parte dos sujeitos jovens, os estudos sugerem que

“(...) enfoques em desenvolvimento nos remetem a transições juvenis de novo tipo, onde se conjuga este processo em um contexto diferente no nível dos sujeitos e as estruturas sociais nas quais se desenvolvem estas transições, ganhando maior relevância a passagem do mundo da formação para o mundo do trabalho, entendido como a plena inserção sócio trabalhista e suas variáveis pertinentes.” (DAVILA, 2005, p.17)

Em exame da produção recente sobre a temática da juventude, ABRAMO E DAVILA (2005) identifica quatro perspectivas analíticas atuais da compreensão

do fenômeno juvenil: gerações e classes de idade, estilos de vida Juvenil, ritos de passagem infanto/adolescente/juvenil e trajetórias de vida e a nova condição juvenil. Tendo em vista que a nossa pesquisa focaliza cada uma destas perspectivas, vamos descrevê-las com o objetivo de mostrar os aspectos enfocados por nós em nosso estudo.

As gerações e classes de idade: Nesta abordagem, considera-se que os sujeitos de uma mesma faixa etária e de uma mesma época podem vivenciar algumas experiências em comum. O fato de estarem inseridos, portanto, em um mesmo contexto favorece o surgimento de pontos de encontro objetivos e subjetivos; as experiências vivenciadas apresentam regularidades e se conformam em pontos comuns de uma identidade geracional.

Atentos a isso buscamos, no nosso estudo, ressaltar o que no discurso dos jovens aparecia como “experiências comuns”: a forma como chegam à Praça; as relações familiares; ansiedades frente às questões de sobrevivência, bem como os efeitos da discriminação racial em suas trajetórias.

Na perspectiva analítica que enfoca **os estilos de vida juvenil**, sobressaem, segundo ABRAMO E DAVILA (2005), os elementos referentes à trajetória de socialização do segmento etário, imerso simultaneamente, em contextos culturais e redes de relações sociais preexistentes como família, amigos, meios de comunicação, ideologias, grupos de estilo, entre outras. Nesse contexto, os sujeitos *selecionam e hierarquizam valores e ideais, estéticas e modas, formas de relacionamento ou convivência e vida, que contribuem para modelar seus pensamentos, sua sensibilidade e seus comportamentos* (Op. cit. p. 21). Os espaços da vida cotidiana emergem, neste sentido, como sendo o campo onde operam mecanismos de mediação constitutiva e ancoramento histórico de subjetividades e de mediações da busca de uma identidade própria e geracional. Aqui considera-se, ainda, que tais mediações podem sofrer modificações em função de mudanças tecnológicas comunicacionais, introduzindo os jovens em nova experiência de socialização.

Em nosso trabalho, buscamos compreender esses estilos em uma perspectiva dialética e como algo que não apenas molda a vida dos jovens, mas é também

produzido na dinâmica da sociedade capitalista. Os estilos não estão dissociados dos determinantes sociais que caracterizam este modo de produção; nosso objetivo foi mostrar que os estilos de vida juvenil têm laços muito estreitos com os determinantes do mercado de consumo que impõem valores e significados à sociedade como um todo.

Outra perspectiva analítica são os **ritos de passagem infante/adolescente/juvenil** que se configuram nos estudos que centram o foco nos “ritos civis” que cumprem com a função de integrar o menor na comunidade e que correspondem a acontecimentos importantes para o indivíduo, tendo, igualmente, repercussões para a comunidade. Tais estudos observam que os sistemas de idade nas sociedades urbanas servem para legitimar um acesso desigual aos recursos e às tarefas produtivas. No entanto, cada situação implica direitos e obrigações diferentes, quando consideradas as camadas sociais em suas especificidades, sendo importante, deste modo, atentar para o fato de que, *na maioria das culturas da sociedade urbana, não se sabe em que momento os menores abandonam a infância e em que momento se entra na maturidade* (ABRAMO E DAVILA 2005, p. 21).

Os ritos de passagem entram em nosso estudo muito mais para caracterizar a forma como se processa a passagem do mundo infantil para o contexto por nós denominado do jovem-entrando-no-mundo-adulto. E será nesse momento que introduziremos uma noção que as abordagens sociológicas insistem em abandonar por considerá-la muito “psicológica” que é: a adolescência.

Nossa opção foi por seguir sugestões de uma abordagem mais psicanalítica, uma vez que ela esclarece melhor os impasses e conflitos que os sujeitos vivem no mundo que já não é o mundo da infância, mas também não pertence ao mundo adulto. É nesse contexto e apenas nele que tem sentido evocar os ritos de passagem. Nossa referência foi Maria Rita KEHL (2003) cuja contribuição será tratada no capítulo em que falaremos desses ritos.

A perspectiva analítica que se orienta para o estudo das **trajetórias de vida e as novas condições juvenis** têm produzido importantes contribuições no campo temático da juventude, principalmente pelas noções conceituais e suas

implicações na forma de pensar a categoria juventude na sociedade contemporânea. A primeira contribuição apontada refere-se às mudanças e transformações sociais experimentadas no nível global nas últimas décadas, marcadas pela *revolução informacional* que, segundo Manuel CASTELLS (2002), *estão influenciando com maior força os modos de vida das pessoas e estruturando mudanças aceleradas no funcionamento da sociedade*. Essas mudanças afetaram toda a estrutura social, promovendo modificações na estrutura socioeconômica e cultural, o que gerou implicações no(s) modo(s) de entender e compreender a etapa juvenil e a categoria juventude.

A partir do entendimento deste amplo conjunto de modificações na forma de conceber o ciclo juvenil na contemporaneidade, percebemos que se trata de uma fase complexa, cujo entendimento demandava um cuidado especial para evitar que, ao olhar para os sujeitos de nossa pesquisa, não caíssemos em extremismos (de culpados/fonte de problema e/ou vítima que sofre as conseqüências de problemas causados por outrem). Ao contrário, objetivávamos vê-los tais como são, em suas relações e interações com o universo no qual estão inseridos e/ou pelo qual transitam, captando suas especificidades e construindo uma maior compreensão da forma como nossos sujeitos vivenciam esta etapa/ciclo de suas vidas.

Por outro lado, a análise de parte da produção teórica referente à temática da juventude nos levou ao (re)conhecimento do grande desafio que o mundo adulto tem na contemporaneidade de, diante das novas e variadas juventudes, responder às expectativas e necessidades relativas à integração das novas gerações em um mundo cuja responsabilidade pela manutenção os jovens receberão por herança.

A revisão bibliográfica revelou que atualmente, a temática juventude vem sendo tratada sob vários aspectos, distintos focos, e em diversas áreas de conhecimento. Neste sentido e, considerando a pluralidade de experiências vivenciadas no universo juvenil, *cada uma das quais caracterizadas por formas de relacionamento, linguagens e regras específicas* (CARRANO 2000, p. 16), a produção sobre a condição juvenil, vem passando por um processo de re-

significação, onde a “multiplicidade das juventudes” e de suas “interpretações” compõe o campo, conforme se afirma no trecho abaixo:

Devemos entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Enfim, podemos dizer que não existe um único modo de ser jovem, o que nos leva a enfatizar a noção de juventudes, no plural, para explicitar a diversidade de modos de serem jovens existentes. (DAYRELL, 2001, p. 4).

Tentativas de generalização no que tange à análise e à construção de uma categoria, em contraponto com a realidade juvenil, impuseram aos pesquisadores a necessidade de incorporar a idéia de juventude no plural, na tentativa de dar conta da diversidade sob a qual esta fase da vida é vivida. A consideração de que existem “juventudes”, em contraposição à “juventude”, amplia os usos da categoria, tida até então como rígida, o que tem possibilitado à produção teórica as bases sobre as quais tem se assentado a busca pela compreensão desse ciclo de vida na sociedade brasileira contemporânea:

(...) mesmo que exista um caráter universal referente às transformações que ocorrem nos indivíduos de uma determinada faixa etária - como o amadurecimento biológico e as mudanças psicológicas que se realizam na vida de cada jovem - será “muito variada a forma como cada sociedade, em cada tempo histórico determinado, e, no interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo”. (DAYRELL, 2000 p. 42)

A consideração de que os sujeitos jovens se encontram em uma fase socialmente identificada como de passagem para a vida adulta, aportada por um modelo linear - escolarizar-se, entrar no mercado de trabalho, sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos – ainda se mantém, muito embora a produção teórica aponte para a não-linearidade e/ou redefinição dos tempos/espacos de vivência de cada uma destas etapas entre os jovens contemporâneos.

Entendemos que a idéia da juventude como transição (tomando-se o devido cuidado para não esvaziar o sentido deste ciclo no presente vivido pelos jovens) pode ser útil, no entanto, para se observar como os processos de inserção social e econômica dos jovens transformam-se no tempo.

A importância dessa definição reside no fato de que, nesse período, escolhas e decisões fundamentais são tomadas em direção a um futuro com menores sobressaltos. De acordo com Casal (apud. ABRAMO, 2005), tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso que sobre ela se constrói os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Desse modo, colocam-se em evidência que as etapas desse processo podem ocorrer em idades mais ou menos avançadas, sendo marcadas, pela “dessincronização” dos eventos.

O quadro até então apresentado nos mostra que a produção sobre juventude teve um desenvolvimento significativo nas últimas décadas do século XX, tornando-se tema relevante neste início de século. Este crescimento da produção não se deve apenas ao aumento da exposição de jovens na mídia e por sua presença re-significada no debate público em geral, mas, também, à compreensão da complexificação da realidade juvenil no contexto atual.

1.1 Da temática juventude aos sujeitos da pesquisa: um campo em construção

Apesar de toda esta ampliação verificada na produção teórica, a temática da juventude ainda é um campo em construção com vários temas que demandam mais estudos. Nesse contexto, destacam-se elementos constitutivos dos jovens que, certamente, interferem e dão uma dimensão particular às vivências juvenis, tais como raça e gênero, que consistem em aspectos pouco considerados na produção teórica acerca da juventude

Há dez anos, pesquisas com tais enfoques foram consideradas emergentes, sendo *recentes na produção acadêmica em processo de construção* (CORTI e SPÓSITO e 2000, p, 315), os pesquisadores enfrentavam dificuldades teóricas para fazer o entrecruzamento entre juventude, raça, gênero e educação. Segundo os autores o número de pesquisas desta natureza, existente na época revelava

(...) capacidade de abertura da área para novas possibilidades na produção do conhecimento, com a vantagem de nascer em um momento que a própria comunidade de pesquisadores busca

melhorar seus recursos teóricos e adensar seus instrumentos de pesquisa. (p,315)

Mais recentemente (GOMES, 2004) reforçou a idéia da existência de uma lacuna neste campo e alertou para a necessidade da realização de pesquisas que visem cobrir *as particularidades vivenciadas pelos jovens como as relações raciais e de gênero*, [uma vez que estas] *ocupam um lugar ainda mais incipiente na produção teórica sobre juventude no Brasil* (p.1).

Trata-se, segundo esta autora, de uma tarefa desafiadora. Contudo, tendemos a acreditar que a existência de demanda por estudos desta natureza, por si só, aponta as potencialidades deste recorte temático que ainda tem pouca penetração no campo das Ciências Sociais, de um modo geral, e da Educação mais especificamente (SPÓSITO 1997).

As constatações reafirmadas nos poucos estudos sobre as condições de vida da juventude negra, pobre e moradora de periferia urbana revelam que, para este segmento da população, a sociedade tem reservado - via de regra -, uma *inclusão precária, instável, marginal* (MARTINS, 1997, p. 20) nas esferas sócio-econômica e cultural, e que o agravamento cotidiano desta situação expõe ao risco social, proximidade com violência e drogadição parte significativa das novas gerações das camadas populares.

Os jovens que participaram de nosso estudo traduzem bem esta situação: os sete sujeitos da pesquisa são negros, do sexo masculino; dois moravam no bairro no qual a Praça está situada e os demais vinham de bairros próximos. Todos se caracterizavam como filhos de famílias de trabalhadores que apostavam na escolarização dos filhos, sem, contudo, abrir mão de sua inserção no mundo do trabalho; eles apresentam algum nível de inclusão, são escolarizados, chegaram ao ensino médio, vivem em famílias com certa estrutura, têm ocupações que lhes permitem sobrevivência, mas essa inclusão é incompleta, pois a eles não chegaram as oportunidades que os ajudariam na sua emancipação enquanto sujeitos e cidadãos.

O estudo por nós realizado consistiu em uma tentativa de contribuir para o entendimento de algumas nuances do que a produção teórica aponta como lacuna. Buscamos, no amplo universo de questões que permeiam o ser jovem nas sociedades contemporâneas, lançar luz sobre as formas de socialização juvenil, de modo a compreender de que modo estas instâncias influenciam e/ou afetam os jovens negros pobres, moradores de uma área urbana, orientando seus modos de (...) *compreender-como-os-outros e ser-entre-os-outros*. (PEREIRA, 2005, p. 53). Assim, na presente dissertação, buscamos identificar como a pluralidade nas formas de ser e viver o ciclo juvenil (apontada na literatura consultada) se caracterizava nos sujeitos que selecionamos para a pesquisa.

CAPITULO II - METODOLOGIA

2.1 Considerações teórico-metodológicas:

Com relação aos aspectos metodológicos da produção teórica mais recente sobre juventude, DAVILA (2005) aponta que

(...) as pesquisas qualitativas detêm o mérito de ter ampliado o marco compreensivo a partir do próprio sujeito e de seus ambientes próximos e distantes, o que tem levado a uma tomada de posição diferente e que permite maior aprofundamento analítico das cotidianidades adolescentes e juvenis (...). (p. 10).

Ainda segundo este autor, a adoção desta perspectiva metodológica no campo dos estudos sobre a juventude tem gerado resultados positivos no sentido de mais e melhor esclarecer diferentes aspectos relativos a este segmento, uma vez que, por meio deste expediente

(...) podemos visualizar uma readequação ou modificação nos tipos de leitura ou eixos compreensivos das questões constitutivas da condição adolescente e juvenil, onde ganhou uma importante relevância a abordagem destas condições a partir de uma leitura sociocultural, mais desenvolvida atualmente do que as leituras socioeconômicas e as sociopolíticas. (Idem).

Esta forma de desenvolver pesquisas no universo juvenil, também foi identificada por nós na fundamentação de estudos referentes à temática quando da revisão bibliográfica². Orientados por estes parâmetros, adotamos, em nossa pesquisa qualitativa, o caráter compreensivo, por considerarmos que estas se centram com mais ênfase na subjetividade dos sujeitos, possibilitando interpelar e analisar, a partir dos indivíduos, de seus ambientes e também de suas relações e interações cotidianas, os contextos e estruturas sociais em que constroem sua existência (MINAYO, 1998). Trata-se da opção por um tipo de pesquisa no campo dos estudos da juventude que permite (...) *promover a interlocução e interpelação aos contextos e estruturas sociais, como também às instituições sociais* (DAVILA, 2005, p, 10).

² SPÓSITO (2000) e CHARLOT (2001) são dois estudiosos da juventude, dentre outros, que apontam a necessidade de reconhecer a presença de outras dimensões na construção das subjetividades dos sujeitos.

Na coleta de dados, optamos pelo uso da observação participante de modos distintos e complementares: como técnica e como metodologia. No primeiro caso, objetivávamos levantar elementos a partir dos quais se pudesse fazer uma descrição dos jovens freqüentadores da Praça e detalhar sua presença naquele espaço, buscando conhecer suas interações, rotinas, horários, indumentária, enfim, a sociabilidade dos sujeitos da pesquisa, no campo de pesquisa.

Posteriormente, o uso da técnica da observação participante foi orientado no sentido de promover a aproximação com os sujeitos pesquisados, registrando suas rotinas. Aos dados coletados por via da observação foram somados outros, construídos por meio de registro fotográfico e de alguns diálogos resultantes de abordagens feitas aleatoriamente.

As diferentes formas de ser e estar dos sujeitos da pesquisa naquele espaço, bem como os modos como eles o ocupavam e/ou dele se apropriavam, foram dois aspectos muito observados neste momento, o que nos permitiu traçar um mapeamento do campo, conforme sugerido por DA MATTA (1990)³. Neste momento, interessava-nos conhecer parte das experiências de jovens freqüentadores daquele espaço; pretendíamos, através destas abordagens, identificar e selecionar aqueles que participariam mais diretamente da coleta de dados.

A utilização da observação participante enquanto metodologia teve por objetivo (...) *ir muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução das suas falas e de seus depoimentos*. Nossas pretensões eram considerar os (...) *múltiplos significados atribuídos pelos sujeitos a suas ações e interações* (...) (ANDRÉ, 1997, p. 103-104)⁴. Por meio deste recurso, buscamos compreender os significados que os jovens sujeitos da pesquisa atribuem às vivências experienciadas e à sociabilidade naquele espaço.

³ No capítulo III apresentamos um mapeamento da Praça, construído a partir das observações e registros fotográficos das formas de uso e ocupação do espaço por seus freqüentadores em geral, e pelos sujeitos da pesquisa, de modo específico.

⁴ Compartilhamos da compreensão desta autora no que se refere à forma de o pesquisador estar em relação a seu objeto. Segundo ela, "*na busca da significação dos outros, o investigador deve ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de pensar e entender o mundo*" (ANDRÉ, 1997, p. 104).

Para fazer emergir os significados atribuídos pelos sujeitos às vivências experienciadas no campo de pesquisa, realizamos entrevistas em profundidade com os sete jovens convidados para participar, como informantes, de nossa pesquisa. De caráter semi-estruturado, estas entrevistas versaram sobre a chegada do sujeito no espaço da praça, a realidade vivenciada no espaço de moradia e em outros espaços de lazer/sociabilidade e a realidade vivenciada na Praça. Nestes momentos, buscávamos incentivar os sujeitos a revelarem, por meio dos temas propostos para diálogo, o modo como se constroem na especificidade da vida juvenil, bem como os elementos que participam, implícita ou explicitamente desta construção.

Ao fim de cada entrevista, solicitamos que cada entrevistado produzisse cinco imagens fotográficas da Praça à sua escolha⁵. Objetivávamos, por meio desse registro, captar parte das diferentes representações que cada um tem daquele espaço, para além e/ou em conformidade com tudo que acabara de nos dizer.

Nesse sentido, tanto as entrevistas quanto as fotografias assumiram um caráter estratégico no que se refere à expressão, pelos sujeitos, dos significados atribuídos às suas ações e devem ser “lidas” em complementaridade. Isto porque adotamos a fotografia como um instrumento por meio do qual seria possível ir além da objetividade do discurso construído na situação de entrevista, o que ampliou o potencial de compreensão de nosso objeto de estudos:

A construção de sentido através da imagem se dá na interlocução, num primeiro momento, entre o sujeito e a câmara fotográfica e, posteriormente, no diálogo entre o pesquisador e o jovem fotógrafo, que narra por meio de palavras o sentido das imagens que foram selecionadas no cotidiano e produzidas como fotografias, permitindo que sejam analisadas sob novo ângulo de visão. (SOUZA & LOPES, 2002, p, 67).

A opção pela utilização do recurso fotográfico como complemento da narrativa se justifica por considerarmos que o discurso construído nas circunstâncias da

⁵ Embora não pareça comum nas pesquisas educacionais relacionadas à temática da juventude e educação, o uso de recursos imagéticos no trabalho com jovens e, em especial, com o segmento juvenil por nós contemplado é uma prática que vem se consolidando, aparentemente com resultados positivos no movimento social. No caso de Belo Horizonte apontamos, a título de exemplo, o trabalho das ONG's Oficina de Imagens e Imagem Comunitária.

entrevista pode tanto consistir na **expressão** da compreensão que o sujeito constrói com a mediação do pesquisador, quanto para a apresentação/reafirmação de uma identidade oficial. (SANTOS, 2001). Desta forma, nos limites do trabalho que aqui se apresenta, entendemos que

“a contribuição da fotografia na ciência é a seqüência de registros qualificados que não pode ser obtida de nenhuma outra forma, servindo como uma espécie de olho sintético, imparcial, capaz de tornar visíveis fenômenos que, de outra forma, não haveríamos conhecido. Fotografar é uma maneira de questionar a imagem inicialmente percebida”. (SPENCER, 1974 apud. MAHEIRIE *et alí*, 2005 p, 215).

Assim, objetos, fatos e situações que não foram tratados nas entrevistas, ou o foram apenas superficialmente, naquele momento ganharam nova luz e inteligibilidade.

Uma vez feitas as fotos, solicitamos a seus autores que as apresentassem a nós e explicassem as motivações e significados de cada uma. Ao explicar o conteúdo de seus registros, os sujeitos da pesquisa acionavam suas jovens memórias evocando dali aspectos relevantes de seu estar na Praça.

Com essa estratégia incentiva-se, com as imagens e através delas, a criação de um campo dialógico que amplia o significado original da imagem fotografada, possibilitando que novos sentidos sejam negociados. A partir dessa negociação as imagens ganham interpretações que não estavam previstas pelo autor da foto no exato momento de sua criação. Da imagem à palavra, e da palavra de volta à imagem, ampliam-se não só os modos de observação como as possibilidades de interpretar uma mesma imagem. (SOUZA & LOPES, 2002, p, 69).

Assim, buscamos promover a associação de complementaridade entre o confronto do objeto fotográfico e a narrativa sobre a representação do espaço que possibilitou a construção de um novo texto - *discurso imagético*⁶ - construído a partir da imagem (objetiva) que expressa a subjetividade de uma realidade cotidiana de si e, ao mesmo tempo de si em seu contexto.

Nesse processo, o tempo presente conviveu com o passado e os sujeitos da pesquisa apresentaram, não só os elementos captados nas fotos, como também outros elementos que, não estando visíveis no registro fotográfico,

⁶ CARVALHO (2006).

guardavam relação direta com a imagem captada, dizendo respeito às experiências vivenciadas ali, naquele espaço.

Muito embora o processo de construção da imagem, inicialmente, e a expressão posterior de seus significados tenham sido ações executadas pelos sujeitos, consideramos que a mediação do pesquisador e o fomento à reflexão acerca do produto desta ação foram elementos importantes para fazer emergir significados outros, para além daqueles imediatamente identificados e apresentados pelos jovens fotógrafos. Conforme sugerido por SOUZA & LOPES, *o tempo de observação é determinado pelo leitor/observador, que pode inclusive conduzir seu olhar para além do enquadramento dado pelo fotógrafo no momento do clique.* (2002, p. 69).

Assim, neste momento, revelou-se para nós a propriedade que SPENCER atribui ao registro fotográfico, de *questionar a imagem inicialmente percebida, (...) delineando uma forma única que antes permanecia inexplorada* (apud. MAHIEIRIE et. all. 2005 p, 215).

A contraposição dos conteúdos revelados pelos sujeitos, por meio de cada um dos textos por eles produzidos - narrativa das entrevistas e discurso imagético-, nos sugeria lacunas e ambigüidades, mas também relação de proximidade/semelhança entre a subjetividade objetivada na fala - ou seja, dentro de um determinado quadro de referências já dado e reforçado pela própria situação de entrevista -, e a subjetividade expressa por meio das lentes da máquina fotográfica, sendo esta última menos contaminada, no nosso entendimento, pelos elementos que tencionam, naturalmente, a situação que se instaura entre o entrevistador e o entrevistado.

Das fotografias feitas durante o processo de pesquisa, um primeiro conjunto nos ajudou a conhecer e registrar as rotinas do campo, sendo, portanto fotos mais centradas no mundo objetivo. O segundo grupo composto de fotografias feitas pelos sujeitos teve por objetivo captar parte do mundo subjetivo dos jovens em relações às suas vivências no campo de pesquisa, como resultado do que diziam sobre a representação criada.

Em paralelo à pesquisa de campo e aos estudos teóricos, demos início ao estudo das condições sócio-econômicas e culturais nas quais o segmento juvenil por nos focado na pesquisa vive. Para tanto, procedemos ao estudo de levantamentos estatísticos oficiais referentes à população brasileira⁷, buscando construir, a partir dos indicadores que mais diretamente afetam nossos sujeitos - educação, trabalho, violência -, o quadro no qual sua existência se processa.

O estudo do resultado de pesquisas diversas⁸ voltadas para a compreensão das condições de vida dos jovens na contemporaneidade, realizadas com base em levantamentos de dados de extensões e expressões variadas, complementou a construção do quadro a partir do qual nos foi possível identificar, sobretudo, os desafios inerentes ao ser jovem, negro, pobre e morador de regiões periféricas de um grande centro urbano, como é o caso de Belo Horizonte.

Este quadro ampliado, por sua vez, nos serviu de parâmetro e deu o suporte à análise que realizamos do material produzido nas etapas posteriores da pesquisa e cujos resultados apresentamos nos capítulos que seguem.

2.2 O encontro com os sujeitos

Após o período inicial de incursão no campo de pesquisa, e já de posse do mapeamento da presença dos jovens e de uma maior compreensão das rotinas nas áreas que se formam, através dos usos e frequência, no espaço da Praça, a conduta investigativa se voltou para aprofundar a imersão do pesquisador, no campo da pesquisa.

⁷ Os dados e informações utilizados como referência são originários de quatro fontes: Retratos das Desigualdades - UNIFEM, Desigualdades Raciais no Brasil - IPEA - 2005, Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte - Fundação João Pinheiro 2003 e Síntese dos Indicadores Sociais de 2007 - IBGE. Esse material compõe um conjunto de dados oficiais sobre a população e tem a função de subsidiar ações públicas, governamentais e pesquisas, entre outros.

⁸ A título de exemplo citamos SPÓSITO e GONÇALVES (2002), IBASE (2005), FJP (1998) e ABRAMO (2005).

No contato com os sujeitos da pesquisa em potencial, passamos a explicitar o fato de se tratar de uma presença motivada por um objetivo específico: seleção de sujeitos para a realização das entrevistas em profundidade. Assim a Praça, campo da pesquisa, se tornou um lugar de maior interação entre o sujeito-pesquisador e os sujeitos-pesquisados.

As visitas ao campo da pesquisa, nesta etapa, foram concentradas em três dias por semana, e distribuídas nos dias de maior presença de jovens negros – quintas e/ou sextas-feiras, sábados e domingos, nas manhãs, tardes, noites e madrugadas, e em alguns feriados, alternando dias e turnos.

A observação, nesta fase, se fazia através do estabelecimento de interações verbais e não-verbais, pois, conforme sugerido por GIDDENS (2005),

A interação cotidiana depende de uma sutil relação entre o que expressamos em palavras e o que transmitimos por meio de numerosas formas de comunicação não verbal – a troca de sentido através de expressões faciais, gestos e movimentos corporais. (p. 84)

Ciente disto, quando na praça, caminhava atento e, ao passar pelas pessoas, na medida do possível, buscava promover algum tipo de interação, fosse por meio de cumprimentos com o olhar, olás, acenos de cabeça e/ou conversa com alguns conhecidos, ex-alunos e/ou sujeitos da pesquisa em potencial encontrados ali por obra do acaso.

Neste processo, buscava, também, conhecer os valores e códigos existentes no local, o que se deu lentamente devido, sobretudo, ao fato de se tratar de um espaço aberto, no qual os eventos são variados e dispersos, o que demandava maior esforço de focalização do objeto observado.

Neste período emergiram elementos importantes para a compreensão da dinâmica dos jovens negros focados da pesquisa, através da captação de diferenças nas formas de ser e estar dos mesmos ali. As dimensões de gênero e as diferenças etárias são dois dos elementos que pudemos identificar: jovens de idade situada entre 14 e 17 anos, e entre 18 e 24 anos, possuem tempos e formas distintas de lazer no local, muito embora existam tempos e atividades vivenciadas em comum, tais como conversas, jogo de truco, consumo de drogas, “intera” do vinho e/ou de outras bebidas alcoólicas.

No tocante à dimensão de gênero, a frequência, bem como a permanência de jovens negros do sexo masculino tende a ser maior do que a feminina e também diferenciada: as jovens situam-se, em sua grande maioria, na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade e permanecem por menor tempo na Praça quando em lazer. Isto tende a ocorrer em função da obrigatoriedade de cumprir horários estabelecidos por pais e/ou responsáveis, pela existência e presença de filhos ou, ainda, em função de acordos estabelecidos com namorados ou “ficantes”⁹.

No que se refere ao pertencimento étnico-racial, a maioria dos sujeitos abordados, quando inquiridos sobre cor/etnia, apresentaram respostas que, apontavam, em sua totalidade, para a “afrodescendência”; estas formavam um quadro variado de expressões tais como negro/a, negão/ona, preto/a moreno/a, moreno/a claro/a, moreno/a escuro/a, moreno caramelo, moreninho/a etc.

Por outro lado, embora houvesse, no discurso da maioria desses jovens, elementos que explicitavam o reconhecimento de serem discriminados em função de seu pertencimento étnico-racial, eles muitas vezes demonstraram a compreensão de que essa discriminação é motivada mais pela condição sócio-econômica em geral, e pelo fato de serem moradores de uma região pobre especificamente.

Esta realidade inicialmente frustrava os objetivos propostos no projeto de pesquisa, uma vez que o objetivo era focar jovens auto-declarados negros. No entanto, o trabalho de abordagem dos jovens que potencialmente seriam sujeitos da pesquisa prosseguiu e conseguimos encontrar jovens que se auto-declararam negros e se mostraram dispostos a participar na coleta de dados; estes foram então convidados a contribuir mais efetivamente na pesquisa, concedendo entrevistas em profundidade.

⁹ Estas diferenças serão tratadas adiante.

2.2.1 Jovens negros do sexo masculino: um recorte de pesquisa, uma imposição do campo.

Conforme o próprio enunciado deste tópico do texto sugere, a intenção de ter como sujeitos da pesquisa jovens negros e negras - manifestada inicialmente - não pôde ser concretizada, e a razão para isto decorre da própria dinâmica do campo de pesquisa. A indicação, ainda no projeto da pesquisa, da necessidade de atenção para com as especificidades de ser jovem do sexo masculino e feminino no contexto sócio-econômico e cultural brasileiro, foi confirmada por nós, no campo da pesquisa, durante o processo de seleção dos sujeitos a serem entrevistados.

A maioria das jovens negras por nós abordadas, em campo, se apresentava acompanhando crianças levadas à Praça para brincar, sob seu olhar atento. Geralmente, elas estavam exercendo a função de empregadas domésticas, babás, ou, ainda, na condição de jovens mães chegadas do trabalho ou desempregadas que permanecem na Praça com seus filhos até no máximo 22:00 horas da noite.

Além deste grupo, identificamos, também, na praça, jovens do sexo feminino, cuja presença se dava no tempo e contexto de lazer. Muito embora estas tenham se mostrado solícitas e participativas no primeiro contato com o pesquisador, elas geralmente possuíam idade inferior a 18 anos e se recusavam a participar da pesquisa quando informadas da necessidade de autorização de um adulto responsável para que pudessem fazê-lo (em cumprimento às exigências do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais). Ademais, as poucas jovens que possuíam a faixa etária adequada para a pesquisa sentiam-se receosas e se negavam a tais procedimentos.

Entre todas as jovens auto-declaradas negras, cinco aceitaram conceder entrevista e agendaram conosco, sendo que três, posteriormente, cancelaram o agendamento. Destas, duas alegaram ter mudado de idéia em relação à participação na pesquisa e a terceira não compareceu a dois agendamentos previamente feitos com o pesquisador (não estava em casa), justificando o

cancelamento pelo fato de ter conseguido emprego e não dispor mais de tempo.

As duas outras jovens auto-declaradas negras optaram por ser entrevistadas na própria Praça e acabaram por interromper a entrevista, após a chegada dos namorados/ficantes no local onde o trabalho estava sendo realizado¹⁰. Dentre os principais motivos e justificativas apresentadas pelas jovens para não mais participar do processo de entrevista, destaca-se a suspeita de os “namorados” não gostarem de vê-las nesta atividade.

Tanto o “furo” no compromisso assumido e previamente agendado, quanto o contexto nos quais se deram as interrupções das entrevistas sugerem, em nosso entendimento, a necessidade de estudos voltados para compreensão de como se dão as relações de gênero no interior deste grupo. Em ambos os casos, nos ficou a clara impressão de se tratar de eventos reveladores do contexto e das formas assimétricas nas quais as relações entre os gêneros se dão neste segmento juvenil.

Dessa forma, a seleção e o recrutamento dos sujeitos da pesquisa foram condicionados pela realidade encontrada no campo: o elemento etário, somado à condição de gênero das meninas, bem como os tempos e formas de ser e estar de jovens do sexo masculino e feminino naquele lugar se impuseram como limites intransponíveis, no contexto da pesquisa, para a efetivação da presença de informantes do sexo feminino entre o grupo dos sujeitos a serem entrevistados.

2.2.2 Procedimentos de recrutamento dos sujeitos da pesquisa

¹⁰ A chegada do namorado/ficante interferiu de modo determinante na elaboração do discurso destas jovens. O que mais chamou a atenção, em ambos os casos, foi a similaridade dos eventos, pois, os namorados/ficante inicialmente se aproximaram e permaneceram de pés, mostrando-se pouco simpáticos. Mesmo após ouvir a explicação das jovens e serem cordialmente cumprimentados pelo entrevistador, eles se mantiveram na mesma condição, buscando se mostrar indiferentes ao nosso trabalho. A tensão gerada pela situação interferiu determinantemente na produção do discurso de ambas as jovens que rapidamente encaminharam a entrevista para o final.

Os sujeitos selecionados para contribuir com a pesquisa foram sete jovens do sexo masculino, auto-declarados negros na primeira abordagem. A única exceção neste processo de seleção dos entrevistados se deu em relação ao jovem JOU que se declarou "moreno escuro", e seguidamente proferiu o termo "negro", de forma afirmativa, não deixando pairar dúvidas acerca de sua condição étnico-racial. Todos tinham idade entre 18 e 24 anos, eram freqüentadores da praça em seu tempo de lazer há mais de três anos e moradores Regional Leste – na qual a Praça está situada -, nos seguintes bairros: Pompéia, Paraíso, Santa Tereza (com dois moradores entre os entrevistados), Santa Efigênia, São Geraldo e Taquaril.

Eles não formavam um grupo entre si, mas, eventualmente, interagiam em situações comuns com fins exclusivamente de lazer e "troca de idéias"; o encontro entre eles acontecia sem que houvesse objetivos previamente estabelecidos. Sendo pares de idades próximas, vivendo em um contexto comum e sob condições similares, conheceram-se na Praça e ali trocavam experiências e compartilhavam seus modos próprios de ver, ser e estar no mundo como será mostrado mais à frente.

No contato com os jovens, falávamos dos objetivos da pesquisa e identificávamos aqueles que se mostravam interessados. Posteriormente, chamávamos cada um para conversar em separado dos outros colegas, pedindo para que escolhessem um espaço mais "privado", na própria Praça, onde combinávamos os detalhes do trabalho.

Após este contato inicial com os jovens que se auto-declararam negros e aceitaram o convite para participar da entrevista, agendávamos hora, dia e local. Durante este processo de recrutamento, esclarecíamos dúvidas com relação ao trabalho de pesquisa, ao teor das questões que lhes seriam apresentadas e explicávamos as formalidades, tais como a garantia de anonimato e as formas de retorno do que eles fariam na entrevista. Nesse processo, firmávamos com eles o compromisso de apresentação das entrevistas transcritas a fim de obtermos para a autorização para a utilização de seu conteúdo na dissertação.

Com relação aos registros fotográficos a serem feitos por eles¹¹, informávamos-lhes que deveriam produzir suas imagens focando principalmente lugares, objetos e que, no caso de cenas, estas deveriam ser feitas a uma distância que não compromettesse o anonimato das pessoas em suas ações e fazeres; esclarecíamos que tal orientação deveria ser rigorosamente seguida em função das dimensões éticas da pesquisa.

Informávamos-lhes, ainda, que as fotografias deveriam ser apresentadas por eles, ainda no visor da câmara digital, com a finalidade de o entrevistador poder captar os sentidos dados à imagem imediatamente após serem feitas, e de indagá-los sobre as motivações e interesses que os mobilizaram a tirá-las. Esses relatos foram gravados e fazem parte do corpo de dados a partir dos quais construímos as análises presentes nesse trabalho.

2.3 Das entrevistas

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, voltadas para conhecer a origem dos sujeitos, condições de vida, sua relação com o corpo, com o espaço da Praça, bem como seu olhar sobre os outros freqüentadores dali. Compõe, ainda, o corpo de dados, as fotografias que, para além de imagens, revelam na fala de sua apresentação por seus autores, outros elementos que ajudaram a conhecer melhor a relação que eles estabelecem com o lugar e com os outros que o freqüentam.

As entrevistas foram realizadas no período compreendido entre os meses de abril e maio de 2007, nos locais indicados pelos jovens, sendo que todos preferiram o próprio espaço da Praça, durante a noite. Apenas dois jovens, já durante a realização da entrevista falaram que o trabalho poderia ser realizado em outros lugares, afirmando que mudança de local não teria a menor relevância na medida em que eles tratariam dos temas propostos para diálogo da mesma forma que ali.

¹¹ Solicitamos a cada um que fizesse cinco fotos da/na Praça.

Ao serem estimulados a tratar de suas vivências e experiências, os jovens entrevistados falaram dos locais em que moravam, da Praça e de outros espaços nos/pelos quais transitam; falaram também de sua relação com o mundo do trabalho, com a família, enfim, de suas relações sociais e culturais.

A chegada de outros jovens, durante a realização da entrevista, sem que o trabalho tivesse que ser suspenso, bem como a construção, por parte dos entrevistados, de um tempo particular para este trabalho na própria Praça evidenciaram a existência, entre eles, de uma forma de sociabilidade pautada pelo respeito às individualidades, mesmo em se tratando de um espaço público.

Analisando especificamente a postura dos entrevistados em relação à situação de entrevista, percebemos uma variação em suas posturas que ia, conforme já tivemos oportunidade de dizer, da construção, reflexiva de respostas para as questões propostas à aparente reprodução de uma “fala pronta” que, em alguns momentos parecia ser deles próprios e, em outros, lembravam “ecos” de vozes que circulam socialmente. Trata-se, pelo que pudemos apreender, de uma variação natural nestas situações, conforme sugerido por SANTOS (2001).

2.4 Jovens negros: Os sujeitos da Pesquisa.

2.4.1 O Jovem ELEPÊ

A entrevista com ELEPÊ aconteceu na Praça, por escolha dele, após um adiamento feito em função da chuva que o impediu de ir ao local marcado no dia previamente agendado. Sua escolha pela Praça para a realização da entrevista se deveu, segundo ele, pelo fato de sua casa ser o lugar menos indicado, pois lá, além de não haver privacidade, ele não se sentiria à vontade. Encontramo-nos, nos sentamos próximo ao *play ground*, por sugestão do pesquisador, os procedimentos da entrevista lhe foram apresentados e demos início ao trabalho.

A entrevista sofreu uma breve interrupção em função da chegada de um grupo de jovens que havia se aproximado do espaço onde estávamos, interferindo no

diálogo. Saímos de lá e prosseguimos, até sua conclusão, na escadaria do coreto da praça.

Durante o processo de entrevista, ELEPÊ buscou, com certo esforço, esconder gírias e expressões de uso corriqueiro entre outros jovens freqüentadores da Praça, explicitando, em um dado momento, que esta é uma preocupação sua e que constantemente recebe elogios por buscar termos e expressões mais adequados para conversar. Trata-se, segundo ele, de uma atitude importante para sua integração e mesmo para acessar outros espaços considerados socialmente importantes por ele e, inclusive, para arrumar emprego¹².

Superada a tensão inicial do início da entrevista e da gravação, o entrevistado se mostrou descontraído aos tratar das questões que lhe foram propostas.

O Jovem ELEPÊ tem vinte e três anos de idade, é negro, estudou até a quinta série e trabalha como *pião de obra*. No momento da entrevista, ele estava empregado, com registro em carteira havia quatro meses, após ter passado pouco mais de dois trabalhando na construção civil sem registro.

Nascido em uma cidade do norte de Minas Gerais ele viveu com sua avó que só assina com o *polegar direito*, e mais duas irmãs até os vinte anos de idade. No momento da entrevista, sua irmã mais nova havia parado de estudar por ter engravidado; já a mais velha tinha três filhos, sendo que destes, dois moravam com ela e o terceiro ficou com a pastora da igreja que ela freqüentava em São Paulo, após ela ter se separado do marido.

ELEPÊ nos informou que morava no Bairro de Santa Tereza com sua mãe e seu padrasto, em um barracão de três cômodos, e dormia na cozinha, próximo à geladeira. Segundo ele, no início foi difícil dormir por causa do barulho do motor do eletrodoméstico, situação que se alterou à medida em que foi se acostumando. Tratava-se, conforme ele mesmo demonstrara reconhecer, de uma situação *precária e improvisada*, para utilizar seus próprios termos.

¹² O reconhecimento do não domínio da “fala certa” em função de suas origens e a busca de superação desta condição, através do cuidado com a construção de uma fala mais adequada ao novo contexto em que vive parece ser um dos principais choques sofridos pelos migrantes que tentam se estabelecer na cidade, tendo sido identificados também na pesquisa de SANTOS (2001).

Sua vinda do norte de Minas para Belo Horizonte se deveu à situação, também precária, em que se encontrava na cidade de Salinas, onde nasceu e vivia, em um período no qual ele estava muito “estressado”; não arrumava emprego, ficava muito “nervoso” e sua mãe o trouxe para morar com ela. Tem vivências com a drogadição e, como conta, esteve sempre próximo a *esses jovens mais rebeldes*.

Vivia, segundo ele, em um clima de tensão no ambiente doméstico em função das constantes brigas entre sua mãe e o padrasto; estas brigas geralmente eram motivadas pelo fato de este último não ajudar com dinheiro em casa. A tensão do casal o afetava, tendo havido momento em que ele chegou a ter uma conversa mais séria com seu padrasto, intervindo, ora em função da razão do conflito (dinheiro), ora em função do acirramento das discussões entre ele e sua mãe, mas, como afirmou, isso era raro, pois, *essa é a vida deles*.

ELEPÊ freqüentava a Praça semanalmente e, segundo relata, era constantemente assediado ali por outros jovens a cometer pequenos crimes. Conta que quando chegou ali foi difícil fazer amizade, por ser um pouco tímido e sério, mas, aos poucos, foi conhecendo os outros jovens e se interagindo com os mesmos. Ele afirmou que suas idas freqüentes para aquele lugar se deviam ao fato de ele não ter outro lugar para ir ou outra coisa a fazer em seu tempo livre.

2.4.2 O jovem JOU

A entrevista com o jovem JOU aconteceu na data e no horário previamente marcados; era uma noite fria e o dia da semana (terça-feira), somado ao frio que, parece ter espantado as pessoas, deixavam o lugar praticamente vazio. Apresentados os procedimentos de entrevista a iniciamos, permanecendo no mesmo local - banco próximo ao play ground, no lado esquerdo da Praça - durante todo o trabalho.

JOU escolheu a Praça para a realização da entrevista, pois, segundo ele, em sua casa não daria *porque na minha casa é muita briga, muita discussão, lá não tenho paz; meu pai brigando, discutindo com a minha madrasta, meus irmãos brigando, meu irmão brigando com a minha madrasta... Em casa não tem paz não tem sossego, lá não existe a palavra silêncio, respeito. Dentro da minha casa não existe isso não; por causa disso*.

Durante todo o processo de entrevista, JOU aparentou tranquilidade, demonstrando estar à vontade com o pesquisador e, permitindo-se, em alguns momentos, explicitar, para além das palavras, as angústias e mesmo as dores sentidas em relação a alguns temas sobre os quais foi incitado a refletir e falar. Sua fala era carregada da ironia entristecida de quem, ao olhar a sociedade da qual faz parte, via a hipocrisia, a contradição e se via diante do desafio de lidar e enfrentar tudo isto para fazer-se homem.

JOU tem vinte e um anos de idade, é negro, possui o ensino médio completo, trabalha na feira onde ganha R\$40,00 (quarenta reais) semanais e faz também serviços domésticos em sua casa. Viveu até os 14 anos com sua mãe e sua avó em uma favela da região pericentral da cidade. Ele relatou ter crescido em um contexto de pobreza, marginalidade, violência e proximidade com drogadição. Sua mãe, que atualmente mora em outra favela da cidade e tem outro filho que também não mora com ela, é *morena clara*, conforme declarado por ele.

Atualmente este jovem mora no Bairro de Santa Tereza com o pai e a madrasta. Seu pai, a quem ele atribui a responsabilidade pelo seu afastamento do contexto em que vivia, é um homem negro, de quarenta e dois anos de idade, possui formação técnica e trabalha como metalúrgico; sua madrasta é branca, tem formação superior e trabalha em uma repartição da Polícia. Neste núcleo familiar ele convivia com dois irmãos paternos com os quais afirmou não ter boas relações.

Segundo JOU, as constantes brigas e discussões vividas em sua casa se davam em função do preconceito que os parentes nutriam em relação a ele; preconceito este fundado no fato de ele ter nascido e sido criado na favela (expresso em sua forma de ser, vestir, falar e andar). Segundo ele, este era o principal motivador das diferenças do tratamento dispensado a ele e aos irmãos pelo pai e pela madrasta, e ao tratamento dispensado a ele, de modo particular, pelos irmãos.

Este jovem revelou que sua primeira ida à Praça se deu pela busca de um lugar para onde ir, pois não gostava de ficar em sua casa; ao chegar ali, não conhecia ninguém, mas logo se aproximou de outros jovens que aparentavam ser mais o seu *estilo*.

Ele ia à Praça praticamente todos os dias da semana e, naquele lugar, bebia, fumava, zoava, brincava e trocava idéias; O tempo ali era vivido como um momento no qual conversava com os colegas sobre assuntos ligados à família, emprego, dilemas, conflitos, amores, humores e dramas da vida, dentre tantas outras questões de seu universo e das experiências comuns que compartilhava com os outros jovens com quem se encontrava.

2.4.3 O Jovem YOGA

A entrevista com o jovem YOGA aconteceu no dia e horário marcados, na Praça, por sugestão dele que, quando perguntado se não preferia outro lugar, ainda no recrutamento, disse não haver diferença e que na Praça estaria bom.

O trabalho de entrevista com este jovem foi iniciado, por orientação sua, nos bancos onde ele geralmente participava do jogo de truco com outros jovens, e lá permanecemos até o fim; estávamos próximos a um corredor de passagem que também serve como uma das entradas da Praça.

Nossa entrevista foi interrompida por duas vezes. A primeira em decorrência do barulho de um grupo de jovens que se sentaram próximos e que, ao perceberem o incômodo da proximidade, rapidamente saíram e nos deixaram livres para retomar de onde havíamos parado. A segunda interrupção aconteceu posteriormente com a chegada de um amigo dele e durou cerca de três minutos, tempo no qual o jovem YOGA contou o que estava fazendo ali, apresentou o entrevistador ao colega, e disse que em breve terminaria a entrevista; o colega afastou-se curioso e permaneceu distante até o fim do trabalho, quando YOGA foi ao seu encontro.

A preocupação em dar as respostas corretas, sinalizada pelo fato de, no término de cada uma delas, buscar apoio com a afirmativa “certo?”, e a constante busca de confirmação no olhar do pesquisador marcaram o início da entrevista. Contudo, à medida que o diálogo transcorria, tanto esta busca de confirmação/adesão às suas idéias por parte do pesquisador, quanto o esforço de falar corretamente passaram a ser menos freqüentes, deixando transparecer a segurança que ele foi adquirindo no processo.

Esta situação nos sugeriu que, superada a tensão inicial da entrevista, o entrevistado ficou mais à vontade para tratar das questões que lhes eram

apresentadas e o trabalho transcorreu a contento até o fim, com ele dialogando e construindo entendimentos (para si e para o pesquisador) acerca de todas as questões que lhe foram apresentadas.

O Jovem YOGA tinha vinte e um anos, é negro, possui o ensino médio completo e não trabalhava. Estudante, ainda, fazia pré-ENEN, pois, segundo ele, o conhecimento que a escola oferece não era suficiente para tentar o vestibular – seu objetivo à época.

Nascido em Belo Horizonte, ele morava no Bairro São Geraldo, em uma casa de cinco cômodos com seu pai e sua mãe. Ambos são negros e trabalhavam; ela com limpeza em um supermercado, e *ele trabalha na paradinha de jogo de bicho*. Ao descrever este último em sua relação com o trabalho, YOGA afirmou ser *uma pessoa assim que, que como se diz, não foi uma pessoa muito honesta pra chegar lá, né, mas também é uma pessoa que também tem os seus méritos*.

Para ele, a Praça era um lugar que se caracterizava pela beleza e pelas possibilidades de interação e o respeito à diferença que havia ali. Tratava-se de um lugar de convivência dos jovens; *“um lugar para o jovem ficar à vontade, com um pessoal que é gente boa e fácil de conhecer e conversar”*. O jovem YOGA afirmou que freqüentava o lugar por causa das amizades que fez no Colégio em que estudava no Bairro.

Ao falar da Praça, ele não se referiu à presença de drogas; definiu-se como um jovem que procurava estar sempre mexendo com coisas sérias e para quem *“correria só se for a do vinho”*. Indo à Praça preferencialmente nas quintas, sextas e domingos, ele afirmava que *o que rola nesses dias, o pessoal bebe e zoa, ou rola de ficar, ou então ficar trocando idéia, jogar um truco, certo? Ou então como se diz, ficar à toa mesmo, olhando, olhando pro céu*.

2.4.4 O jovem GORILÃO

A entrevista com o jovem GORILÃO aconteceu uma semana depois do agendado em função das chuvas comuns no período. Realizamos o trabalho em uma quinta-feira de abril e, embora a noite estivesse limpa, fazia muito frio e a Praça estava praticamente vazia. Apresentados os procedimentos da entrevista demos início ao trabalho que foi feito na escadaria do coreto.

GORILÃO escolheu a Praça para a realização da entrevista porque, segundo ele, estaria no caminho e *não pega nada* fazer a entrevista na Praça porque *convivo aqui com os amigos aqui, dia a dia aqui né? Aí eu participo do colégio, depois desço aqui, fico aqui de boa trocando idéia com os meninos.*

Durante todo o processo de entrevista, o jovem aparentou tranqüilidade e descontração; parecia estar à vontade com o pesquisador, de quem já havia sido aluno anteriormente. Outro fato relevante nesse processo foi ele ter nos apresentado outros jovens, colegas seus na Praça, e de havermos nos encontrado em diferentes situações naquele mesmo lugar, nas duas primeiras etapas do processo de investigação.

GORILÃO é um jovem negro de vinte e três anos de idade, cursava o ensino médio, trabalhava *graças a Deus* de terça a domingo, meio horário, em um aviário como abatedor de frangos, pelo que recebia um salário mínimo e vale-transporte.

Vivia com sua mãe e irmãos em uma casa alugada de cinco cômodos, mais área de serviço no Bairro de Santa Efigênia - que, segundo ele, é um lugar tranqüilo - com outros quatro irmãos: um gêmeo que trabalhava como peão de obra em uma empreiteira, uma irmã responsável por cuidar da casa e dois outros irmãos que *só estudam*.

Seus pais eram separados há aproximadamente 10 anos em função do alcoolismo que, segundo informou o jovem, era responsável por seu pai viver *de bicos e lavando carros*. Sua mãe era chefe de cozinha.

A primeira vez que foi à Praça *foi numa vez que tinha seresta, tinha seresta aqui numa sexta feira, aí eu tava no colégio aí eu subi sozinho pra cá, chegou aqui encontrei com meus amigos aqui né, aí nós ficamos aqui fazendo uma vaquinha pra todo mundo comprar vinho (...); eles chegaram e me viram e me chamaram. Aí, a partir desse dia, eu comecei a vir pra cá: domingo, sexta, quarta, aí foi aí que eu vim todo dia.*

Freqüentava a praça havia pouco mais de três anos e, quando perguntado se gostava de estar ali, respondeu *que isso (...) é tanto que no natal do ano*

retrasado, nós viemos pra cá, pra praça beber com as latinhas de cerveja na mão, garrafa e ficamos até as cinco da manhã bebendo.

Segundo GORILÃO, houve um tempo em que *“rolava muita briga, garrafada, pedrada”*, ali, sendo que este movimento só *diminuiu após a reforma da Praça e a chegada do batalhão vizinho*. A partir do momento em que, segundo ele, se fez essa *paradinha* do quartel, melhorou muito, porque sempre *rolava briga de mulher aqui, por causa de homem, esses negócios*.

Em sua entrevista este nosso jovem relatou uma situação de violência policial ocorrida recentemente na Praça: (...) *nós tava aqui no banco aqui, tomando aqui umas, aí tem um policial que chega aí e pergunta, não pede documento nem nada, chega né, aí quando o policial chegou aqui os meninos levantou, e já ia embora já, já chegou escamando o menino já. Só isso que eu sei é que eu vi né, agora não sei (...) o policial bateu no menino ali à toa, encheu o menino de bico, soco, aí, só, aconteceu isso*. Pedimos-lhe que nos fizesse uma descrição da vítima violência ele disse que o jovem em questão era (...) *que nem nós assim uai! Ah, é da mesma cor, cor negra (...), cabelo raspado (...), tava vestido bermuda e chinelo e camiseta*.

Ele revelou, ainda, ter acompanhado e participado a seu modo, de uma mobilização política no interior do bairro, pois, *aqui é um espaço de encontro do pessoal, aí teve um encontro aqui pro pessoal, pra protestar uai!, (...) aí eu fui lá zoar com os meninos; era um sábado, dez horas da manhã*.

Com relação ao que fazia quando estava na Praça, ele disse que *eu sou como qualquer um chega aqui mesmo, eu zôo com os meninos, ando pra lá e pra cá, (...); é vacilou a gente zoa mesmo, pro cara não vacilar mesmo, ficar mais esperto!*

2.4.5 O jovem BLUBLU

A entrevista com o jovem BLUBLU aconteceu na data e no horário marcado, na Praça, numa noite de calor. Sobre as motivações para que a entrevista fosse desenvolvida ali, o jovem respondeu que não se tratava de falta de outra opção mas, (...) *até eu ir à minha casa né? Fica um pouco longe e tal... Também não vou pra minha casa, eu vou pra casa da minha namorada daqui a pouco, e*

aqui, eu preferi fazer aqui porque não ligo de fazer; pra mim qualquer lugar de fazer, se fosse fazer pra mim não faria diferença alguma.

Após nos acomodarmos em um banco próximo ao coreto e, superadas as expectativas iniciais com relação ao teor da entrevista, o trabalho transcorreu tranqüila e descontraidamente.

BLUBLU tem dezenove anos de idade, é negro, cursou até a oitava série da educação básica, trabalhava como auxiliar administrativo e tinha um filho com menos de um ano de idade. Filho pais negros com os quais morava no Bairro Paraíso, ele possui quatro irmãos, sendo um paterno e três maternos.

Seu pai é pedreiro, sua mãe é funcionária pública; seu irmão paterno trabalhava com locação de veículos e um dos irmãos maternos era agente penitenciário. A jovem com quem teve o filho e que, em sua fala, ora aparece como namorada, ora como esposa, *é parda*, trabalhava “*em uma casa de família*”, como doméstica no bairro de Santa Tereza e estudava à noite na escola do mesmo bairro.

Dizendo-se feliz em suas relações familiares, BLUBLU afirmou que tinha uma boa convivência com os parentes, o que não significava a inexistência de conflitos. Pequenos desentendimentos, segundo ele, são comuns em qualquer grupo familiar e, no caso de sua família, não chegavam a comprometer a relação.

Ele revelou ter tido uma adolescência *tumultuada* pela drogadição e *irresponsabilidade*. Já no momento da pesquisa, consciente de que *tem que tomar jeito*, buscava manter uma conduta mais séria, pois o *tempo da experimentação* passou.

Em sua narrativa, o nascimento do filho aparece como um dos principais motivadores desta mudança, pois sinalizou para ele e a namorada que *era hora de nós pegarmos maturidade*. Neste processo de (re)definição de si mesmo e de seu lugar no mundo, este jovem dormia ora na casa dos pais, ora na casa/com a namorada/mulher explicitando, possivelmente, uma das razões para a ambigüidade da presença dela em sua vida, revelada ao longo de toda a entrevista.

BLUBLU começou a freqüentar a Praça indo à *feirinha* que acontecia ali, nas sextas-feiras. Tendo feito alguns colegas, o lugar se transformou em ponto de encontro dele com muitos jovens durante certo período. Contudo, segundo ele, devido às constantes brigas entre jovens de bairros diferentes e também à circulação e consumo de drogas no local, a feirinha foi transferida de dia e local de realização, sendo instalada ali uma guarnição da Polícia Militar, o que reduziu muito a freqüência deles na praça.

Diferente dos outros jovens entrevistados, no que tange à circulação pela cidade, o jovem BLUBLU nos contou que freqüentava, também, os bares do Bairro e os eventos culturais que aconteciam na Praça de Santa Tereza e em outras praças e lugares da cidade. Suas idas diárias à Praça, à época da pesquisa, estavam relacionadas ao gosto por freqüentar o lugar e ao fato buscar sua namorada no colégio todos os dias que podia.

2.4.6 O Jovem TRUTA

A entrevista com o TRUTA foi realizada dois dias após a data agendada, em função de chuva. Encontramo-nos na Praça à noite, por volta de 21:00 horas e a entrevista foi iniciada. Por orientação sua, no sentamos na escadaria do coreto e, posteriormente, fomos obrigados a trocar de lugar, indo para a marquise do cinema em função do forte vento, lá permanecendo até o fim do trabalho.

No caso desta entrevista, houve uma interrupção devido à chegada de um pré-adolescente de aproximadamente 13 anos que, curioso veio com um ar alegre perguntar o que estava acontecendo. Diante desta aproximação, desligamos o gravador e conversamos com aquele jovem que invadia um tempo de privacidade construído em meio a um espaço público.

O jovem recém-chegado o interrogou curiosamente acerca do que fazíamos e, com ar de criança que “zoa” disse que o jovem que entrevistávamos não tinha *nada de bom pra dizer*, nem que valesse a pena ouvir. Sua fala foi seguida de gargalhadas e, em resposta, TRUTTA lhe disse que desejava prosseguir com a entrevista, marcando de encontrá-lo ao final. Esta interrupção durou cerca de cinco minutos, período após o qual demos prosseguimento ao trabalho.

Finda a primeira etapa da entrevista, demos-lhe as orientações para fazer as fotos, que ficaram comprometidas em função da falta de energia elétrica no bairro, da chuva e do vento que começaram. A fim de darmos continuidade trabalho, esperamos alguns minutos no bar de frente à Praça, mas a chuva mobilizou outros jovens a fazerem o mesmo, o que acabou por inviabilizar a continuidade do processo naquele local. Devido a estas ocorrências, este jovem é o único no conjunto dos sete entrevistados que não nos falou acerca dos registros fotográficos que fez na/da Praça.

TRUTA tem vinte e três anos e, quando inquirido sobre sua pertença étnico-racial, afirmou que *a minha é negra mesmo, é com certeza*. Dizendo-se pressionado a abandonar os estudos, nos contou que *larguei o colégio esse ano agora, 2007, eu parei no terceiro, terceiro ano do médio. Por motivo de trabalho, então, acabei dando mais ênfase ao trabalho do que ao estudo*. No momento de realização da entrevista, trabalhava em uma padaria, como embalador.

Nascido em Belo Horizonte, ele morava no Bairro Taquaril e, segundo nos informou, o bairro mesmo, a região onde que eu moro é considerada parte de periferia (...) lá, o próprio bairro ele é um aglomerado. Ó aí já tem outros bairros junto deles que é a mesma coisa, são aglomerados. Vivia com o pai que trabalhava de porteiro e com a mãe, diarista. Relatou, ainda, sempre ter morado na região em diferentes favelas do aglomerado.

Para ele, ou melhor, em suas palavras, a Praça de Santa Tereza *hoje em dia é, pra mim mesmo, ponto de encontro com os velhos amigos, reencontrar os velhos amigos e muito movimento dela nem conta, porque eu costumo vim aqui também porque eu trabalho próximo aqui (...)*. Para este jovem, portanto, a Praça era um lugar que se caracterizava pela interação e contato com amigos, sendo local de convivência dos jovens. Ele a freqüentava por causa das amizades que fez no Colégio em que estudava no Bairro e, como disse, *conheci, gostei e venho aqui até hoje*.

2.4.7 O jovem CORUJA

A entrevista com o jovem CORUJA aconteceu no dia e hora marcados; encontramos-nos e, após lhe serem apresentados os procedimentos, realizamos a entrevista em um banco próximo ao coreto.

Desde o início do procedimento de entrevista o Jovem CORUJA permaneceu tranqüilo, sendo esta uma característica marcante em sua forma de estar e dialogar com o pesquisador, o que favoreceu o transcurso do trabalho e o diálogo construído entre ambos. Não houve nenhuma interrupção durante o processo.

Diferentemente das entrevistas feitas até então, o clima de descontração entre o entrevistador e o entrevistado estabelecido desde o início, foi favorecido principalmente pela disponibilidade do sujeito que, acreditamos, também foi influenciada pela noite agradável que fazia na data.

O Jovem CORUJA tinha vinte e dois anos de idade, é negro, cursava o terceiro ano do ensino médio e trabalhava como mecânico de ar condicionado. Nascido em Belo Horizonte era morador, *desde sempre*, do Bairro Pompéia e freqüentava a Praça de Santa Tereza havia aproximadamente cinco anos, todos os dias, ou de *segunda a segunda* como ele mesmo disse.

Morava com os pais em uma casa de doze cômodos, ambos negros e, apesar das *briguinhas* freqüentes de todo contexto familiar, tinha à época, boas relações com os familiares. Este bom relacionamento consistia em uma situação ação nova, pois, segundo ele, *esta relação já esteve difícil*, tendo melhorado quando ele começou a trabalhar. Esta experiência lhe serviu para aprender que, para os jovens, a relação familiar é difícil, mas, com o trabalho, pode-se ficar longe de tais dificuldades, pois, nestas circunstâncias, segundo ele, *as pessoas têm menos contato para viver discussões*.

Seu pai é aposentado e trabalhava como motorista; sua mãe é dona de casa e seu irmão ainda não trabalhava.

Suas idas diárias à Praça ocorriam para ele ver as pessoas, encontrar amigos, jogar truco, beber e buscar a namorada, que estuda no bairro. De suas estadas ali, ele relata a vivência de experiências com drogadição, e considera que a

experimentação é própria do jovem, mas que esse deve saber ponderar em tudo para não se perder.

Suas idas à Praça eram motivadas pela preservação do anonimato que conseguia ali, na medida em que a experimentação geralmente não se dá em concordância com os valores familiares e fazê-lo nas imediações da moradia seria um elemento de exposição. Nas palavras deste jovem, quando estava na Praça,

(...) não é que cê vai fazer coisa errada aqui, ou porque você vai fazer coisa errada lá, o caso é que os outros não te vê, igual eu mesmo, se os outros me ver bebendo vai conversar fiado, (...) se eu for lá na pracinha lá de casa, dois passos eu tô dentro de casa aí não vai ter jeito. (risos). (CORUJA).

O jovem também falou de suas vivências e experiências ali e, ao longo da entrevista, relembrou-as, avaliando negativamente a experiência com drogadição, em função tanto do custo financeiro quanto dos inconvenientes para a vida. Para ele, *isso não é pra mim e não traz felicidade*. Considerava-se um *quase morador* do Bairro por trabalhar na região e por encontrar naquele lugar uma rede de amigos. Afirmou que freqüentava a missa ali e ressaltou a dificuldade de se entrosar com o grupo de jovens da igreja, dificuldade atribuída, em sua fala, ao fato de ele ser morador de outro bairro.

O jovem tratou também de seu projeto de paternidade quando tinha vinte e dois anos, lamentando uma gravidez interrompida por “sua mulher” que, na época, tinha 16 anos e junto da qual ainda se mantinha.

2.5 Definindo uma condição juvenil: ser brasileiro, jovem, negro, pobre, morador de uma grande metrópole

Ao discutir as especificidades do racismo no Brasil, Edward Telles esclareceu, de pronto, que a desigualdade racial não decorre da discriminação racial. Segundo este autor, “freqüentemente, presume-se que a desigualdade racial decorra da discriminação racial, mas, na verdade, não há uma relação automática de causa e efeito” (TELLES, 2003, p. 221). Ele explica que a desigualdade racial é produto de questões históricas “(...) tais como as geradas pela escravidão” e que, portanto, sua superação dependeria de tempo (Idem).

Apenas a título de lembrança, Florestan Fernandes entendia o preconceito de forma semelhante. Para ele, tratava-se de um fenômeno histórico que perdura como herança nefasta da escravidão, que desapareceria com a inserção da sociedade no mundo de competitividade de classe social (FERNANDES, 1965).

Telles mostra o quão difícil é isolar o “fator discriminação” uma vez que ele está sempre fortemente correlacionado com a “desvantagem de recursos”. Para o autor, medir a discriminação racial não é uma tarefa simples porque, ela é difusa e tem “múltiplas manifestações” (idem 222). Para demonstrá-la, diz Telles, é preciso juntar provas de vários tipos (idem). No estudo que ora comentamos, o autor apresenta dois testes estatísticos que isolam a discriminação racial de outras variáveis para explicar a desigualdade racial. Esta é explicada por variáveis de desvantagem inclusive região, educação, ocupação e até mesmo por diferenças intrafamiliares e de vizinhança (222).

O primeiro desses testes, que interessa mais diretamente à nossa discussão, é o que mede a **mobilidade social** - Importante conceito sociológico utilizado por sociólogos americanos e latino-americanos para estudar se, entre os jovens e seus pais, existe uma mudança no tipo de ocupação desempenhada. Em uma sociedade não movida pelos valores da tradição, espera-se que os jovens possam ter ocupações de mais prestígio que a de seus pais¹³.

Comentando estudos realizados pelo sociólogo Jose Pastore, Telles mostrou, por meio de entrevistas sobre a ocupação atual dos indivíduos, bem como as que tinham quando eram mais jovens, e também a de seus pais, que foi possível determinar a quantidade e a direção de mobilidade social ao longo da vida do entrevistado e de uma geração para outra (TELLES, op.cit. 222-223).

Na pesquisa de Pastore, realizada entre 1950 e 1960, era possível existir uma maior mobilidade social, porque crescia, naquele momento, as ocupações de maior status, ao passo em que se reduziam as de menor status, principalmente

¹³ O segundo teste tem por objetivo medir a discriminação racial por meio da análise do capital humano, e sua aplicação demanda um estudo comparado entre brancos e negros com vistas a aferir se níveis compatíveis de capital em brancos e negros geram iguais condições de inserção sócio-econômica. Como a realização de comparações desta natureza não estava entre os objetivos de nosso estudo, não trataremos aqui desta questão.

na agricultura. Já com base em dados de 1976, Carlos Hasenbalg (1979) revelou que as taxas de mobilidade social para negros e para brancos eram diferenciadas pela cor.

Posteriormente, Pastore e Hasenbalg, repetiram o estudo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – de 1996 e chegaram a conclusões semelhantes às das décadas de 1950 e 1970: algo persistia na estrutura social. Segundo eles, no Brasil, a mobilidade social dependia mais de oscilações da população em diferentes ocupações do que de mudança na própria estrutura ocupacional (TELLLES, op. cit, p, 223).

Os estudos mostravam, também, que entre os homens brasileiros que exerciam a mesma ocupação de seus pais, os filhos dos brancos eram 12% mais propensos a exercerem ocupações de maior status social do que os negros (idem). Estudando essa vantagem de 12% de brancos em relação aos negros, os autores concluíram que em 81% dos casos, a diferença estava em anos de escolaridade completos, uma vez que os jovens brancos possuíam escolaridade superior a dos jovens negros. Já os 19% restantes eram atribuídos à desigualdade racial na obtenção da escolaridade (idem).

A questão fundamental para a nossa pesquisa é a persistência da desigualdade relativa a ocupações de maior status ao longo dos anos, chegando até nossos dias (IPEA, 2001), posto ter sido este um dos elementos que identificamos ao estudarmos as informações referentes à situação ocupacional dos jovens sujeitos da pesquisa.

Quando consideramos a questão do tipo de contrato que se estabelece no mundo do trabalho, observa-se outro tipo de desigualdade racial e de gênero. negros estão em menor proporção nas ocupações que pressupõem carteira assinada, aumentando esse percentual quando se chega ao serviço sem carteira, por conta própria e trabalho doméstico, como se pode ver no quadro abaixo:

Tabela 1 Posição na ocupação de jovens de 18 a 24 anos por sexo raça e cor 2003

Indicadores	Masculino			Feminino		
	Total	Branca	Negra	total	Branca	Negra
18 a 24 anos						
Posição na Ocupação/Ano	2003	2003	2003	2003	2003	2003
Funcionário Público	2,8	2,9	2,6	2,3	2,6	2
Com carteira	39,7	47,4	31,9	37,5	46,3	26,1
Sem carteira	33,3	28	38,6	21,8	21,6	21,9
Conta própria	12,3	11,3	13,3	7,4	6,3	8,9
Empregador	1,2	1,6	0,7	0,6	0,7	0,5
Empregado doméstico	0,7	0,5	0,9	19,3	13,5	26,9
Outros	9,8	10,8	11,8	11,1	9	13,7

Fonte: IBGE/Pnad microdados. Elaboração: Ipea/Disoc e Unifem

Obs: (1) A população negra é composta de pardos e pretos.

(2) A Pnad não foi realizada em 1994 e 2000.

(3) Exclusive a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

No que se referem à análise da ocupação, considerando-se os jovens do sexo masculino, os dados da tabela revelam a inequívoca superioridade da população branca quando comparada ao segmento de mesma faixa etária e sexo da população negra: “funcionalismo público” (2,9% e 2,6% respectivamente); “empregados com carteira” (47,4% contra 31,9% respectivamente), “empregador” (1,6% contra 0,7% respectivamente). Por outro lado, a superioridade dos negros se revela nos indicadores de “empregado sem carteira” (38,6% contra 28%); “trabalhador por conta própria” (13,3% contra 11,3%) e “empregado doméstico” (0,9% contra 0,5%).

No caso das mulheres, os dados revelam a tendência à reprodução da situação acima descrita, uma vez que as jovens brancas com idade entre 18 e 24 anos apresentam desempenho superior ao das jovens negras nos indicadores de “funcionalismo público” (2,6% e 2% respectivamente); “empregados com carteira” (46,3% contra 26,1% respectivamente), “empregador” (0,7% contra 0,5% respectivamente). Por outro lado, a superioridade do desempenho das mulheres negras, da mesma faixa etária se revela nos indicadores de “empregado sem carteira” (21,9% contra 21,6%); “trabalhador por conta própria” (8,9% contra 6,3%) e “empregado doméstico” (26,9% contra 13,5%).

A análise da tabela não deixa dúvidas quanto à melhor posição de negros e negras em determinados setores do trabalho que são característicos tanto em termos de vulnerabilidade do ponto de vista de estabilidade, quanto no referente à subalternidade em termos de ocupação no mercado de trabalho.

No conjunto dos dados relativos ao desempenho da população jovem por raça/cor e gênero no referente à ocupação e educação analisadas acima, foi possível perceber a existência de uma tendência a que as melhores condições estejam concentradas em um único segmento, conforme ilustrado no quadro-síntese da análise dos indicadores abaixo:

Tabela 2 Educação e Ocupação de jovens de 18 a 24 anos por sexo raça e cor 2003

Indicador	Masculino branca	Feminino Branca	Masculino negra	Feminino Negra
Média de anos de estudo	9,1	9,7	7,1	7,9
Frequência à escola	36,6	36,5	31,3	31,6
Ocupação	8,5	78,8	31,3	31,6
Funcionário Público	3,3	2,8	2,5	2,2
Carteira	46,8	45,0	32,3	25,9
Sem Carteira	28,8	22,9	32,3	22,0
Conta Própria	10,5	6,9	13,4	9,3
Empregado doméstico	1,5	1,0	0,7	0,3
Outros	8,4	9,4	12,5	14,4

Fonte: IBGE/Pnad microdados. Elaboração: Ipea/Disco e Unifem

Obs: (1) A população negra é composta de pardos e pretos.

(2) A Pnad não foi realizada em 1994 e 2000.

(3) Exclui-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

As informações sobre o número de anos de estudo da população ocupada, associadas aos seus respectivos rendimentos mostraram que pouco mais de 2 anos de estudo de vantagem para a população branca *resultaram em quase uma duplicação de seus rendimentos em relação aos das populações de pretos e pardos*. Esta situação que foi verificada no Brasil, de uma forma geral, tem reflexo em todas as unidades da federação, regiões metropolitanas e grandes regiões, com exceção da Região Metropolitana de Salvador, “onde a vantagem de 3 anos a mais de estudo para os brancos aparece associada a rendimento 3 vezes maior que o da população de pretos e pardos.” (IBGE, 2003).

Embora não tenhamos aprofundar a comparação entre negros e brancos porque esse não era o objetivo do nosso estudo, temos condições de traçar o perfil dos sete jovens entrevistados em relação a seus pais.

Em termos de escolaridade, cinco dos jovens entrevistados ou tinham o ensino médio completo ou o estavam cursando; os outros dois interromperam o estudo no ensino fundamental. Considerando suas idades e a escolaridade, pode-se inferir que, com exceção dos dois últimos jovens, os demais não apresentaram defasagem em termos de série e idade.

Apesar de apresentarem, em termos gerais, nível de escolaridade superior ou igual ao de seus pais, os sujeitos da pesquisa possuíam ocupações que se igualavam às daqueles. No caso dos jovens com escolaridade igual à de seus pais, a situação ocupacional era inferior à deles. Por outro lado, não percebemos diferenças significativas entre o status ocupacional dos sujeitos que tinham concluído e/ou estavam cursando o ensino médio e dos sujeitos com escolaridade correspondente ao ensino fundamental incompleto, conforme expomos a seguir.

JOU tem o ensino médio completo, seu pai tem ensino técnico e é metalúrgico; sua madrasta tem ensino superior, trabalhava como professora e, hoje, é escritora de polícia. JOU trabalha na feira aos domingos e ganha R\$40,00 (quarenta Reais) por semana.

GORILÃO está estudando e cursa o ensino médio. Não informa nem a escolaridade do pai e nem da mãe, mas fala de suas ocupações: a mãe é chefe de cozinha em um restaurante; o pai está desempregado e faz bicos, mas já teve emprego com carteira assinada no Serviço de Limpeza Urbana de Belo Horizonte – SLU, de onde foi mandado embora por *problema de bebida*. Hoje seu pai é lavador de carros. GORILÃO trabalha em um aviário, em meio período e ganha um salário mínimo.

YOGA concluiu o ensino médio e não trabalha. Seu pai também tem ensino médio completo e trabalha como cambista de jogo de bicho. Ele não informa a escolaridade da mãe, mas diz que ela trabalha no serviço de limpeza de um supermercado, com carteira assinada.

ELEPÊ tem o ensino fundamental incompleto. Foi criado pela avó em uma cidade do interior; ela nunca frequentou a escola. Atualmente ele mora com a mãe e com o padrasto, mas não declara a escolaridade de nenhum dos dois. A mãe trabalha, há doze anos, como empregada doméstica. Afirma que a mãe sustenta financeiramente a casa. Não informa o tipo de atividade que o padrasto exerce. ELEPÊ diz que trabalha atualmente com carteira assinada como peão de obra.

CORUJA estuda e está cursando o terceiro ano do ensino médio. O pai está aposentado e atualmente trabalha como motorista. Não informa sobre a escolaridade dele e nem a de sua mãe, mas diz que esta é dona de casa. CORUJA trabalha como mecânico de ar condicionado.

BLUBLU tem ensino fundamental incompleto, parou de estudar na sétima série. Tem tentado supletivo e *só não eliminou matemática*¹⁴. Não informa sobre a escolaridade do pai, mas nos diz que ele é pedreiro. Também não nos informa sobre a escolaridade da mãe, mas indica que ela é funcionária do Estado. BLUBLU trabalho como auxiliar administrativo.

TRUTA tem ensino médio incompleto e trabalha como embalador em uma padaria. Nada diz sobre a escolaridade dos pais, mas informa que a mãe é diarista e o pai porteiro.

A rápida exposição da escolaridade e da ocupação dos jovens e de seus pais, mostra que estamos longe de se falar em mobilidade social. No caso em que o jovem tem o mesmo nível de escolaridade dos pais, sua ocupação não apresenta o mesmo nível de status quando comparada à do próprio pai. Por outro lado, há pouca ou nenhuma diferença, em termos de ocupação, entre os que têm ensino médio e aqueles cuja escolaridade corresponde ao ensino fundamental incompleto.

À primeira vista esse quadro se ajusta mais às análises de Pastore e Hasembalg que salientavam que a lenta ou pouca mudança na estrutura ocupacional dificultava a mobilidade social. Dito de outra forma, segundo as conclusões destes pesquisadores, à época, os jovens permaneciam em ocupações de pouco status porque o baixo ritmo de crescimento da economia não produzia novos empregos. Diante desta constatação, uma questão se impõe: seria este fenômeno capaz de explicar a pouca mobilidade dos jovens em nosso estudo?

¹⁴ É interessante observar o modo como a lógica predominante da relação do sujeito com o conhecimento é reproduzida em seu discurso: ao invés de ser apropriado, o conhecimento se converte em algo cuja “eliminação”, acredita-se, seja condição de sucesso e o que possibilita alcançar níveis mais elevados na hierarquia escolar e, por conseguinte, a ocupação de melhores postos no mercado de trabalho.

Não temos nem como confirmar e nem como contestar essa informação. Para isso precisaríamos examinar o atual ritmo de crescimento da economia brasileira, sobre o qual existem inúmeras divergências, para, daí então, podermos situar a pouca mobilidade de nossos jovens. Entretanto, não descartamos, também, a hipótese que tem sido aventada por analistas do mercado de trabalho, de que existem muitas vagas para ocupações melhor remuneradas; o problema é que são atividades que exigem alta qualificação que os jovens, por nós entrevistados, não dispõem.

Infelizmente não temos dados para avançar nessa discussão. Cabe, entretanto, ressaltar que, embora se trate de um aspecto muito interessante no que se refere à compreensão das condições de inclusão sócio-econômica de nossos jovens, e, em paralelo, do peso que a discriminação racial pode ter neste processo, explorá-lo não estava entre os objetivos de nosso estudo.

Embora não tenhamos dados mais objetivos que possam esclarecer o peso da discriminação racial na vivência dos jovens, temos, em contrapartida, depoimentos nos quais eles revelam o que significa “ser negro” para si mesmos e como lidam com o preconceito e a discriminação em suas vivências diárias. Deixaremos para falar desse dado quando estivermos fazendo a análise de suas entrevistas. Ali poderemos esclarecer até onde esses jovens conseguem entender o nível de discriminação racial a que são submetidos, bem como as diferentes formas como respondem a esta condição.

Passaremos, agora, para uma descrição do bairro no qual a pesquisa foi realizada.

CAPÍTULO III - NO BAIRRO, A PRAÇA: DO CLUBE DA ESQUINA, PASSANDO POR SEPULTURA E CHEGANDO AO SKANK

Santa Tereza é um bairro pericentral previsto no plano de construção da cidade como área suburbana, localizado fora da Avenida do Contorno¹⁵, que nasceu (...) *com a necessidade de povoação da cidade e de braços fortes para trabalhar na construção da capital (...)*. (GÓES,1996; p.14).

Segundo Góes, o bairro foi criado no contexto em que predominava a ideologia positivista, ressaltando o fortalecimento da ordem e a crença progressista do desenvolvimento das sociedades; período em que se dava a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, por meio da política imigrantista do final do século XIX – focada inicialmente na imigração européia -, no qual abundava a oferta de vantagens a imigrantes que viriam a ocupar os postos de trabalho livre existente e, em criação.

Segundo a história oficial do bairro, Santa Tereza estava situado em uma área suburbana transformada oficialmente em colônia agrícola¹⁶. Sua colonização iniciada no ano de 1897 foi feita por imigrantes espanhóis, Italianos e portugueses, somados aos poucos brasileiros que se instalaram no núcleo colonial conhecido, à época, como Ribeirão da Matta¹⁷.

De acordo com Góes, nos documentos de implantação, podia-se ler a seguinte composição:

Esta colônia está situada no subúrbio dessa capital e com 144 hectares, dividida em 75 lotes tendo sido 9 transferidos para Prefeitura Municipal. Ficou assim a colônia constituída de 66 lotes

¹⁵ A avenida do contorno é o anel delimitador entre o que viria a ser a área Central e subúrbio da cidade. Segundo o projeto original da capital, todo o centro da cidade seria delimitado por uma avenida que serviria de divisor entre o moderno e provinciano, entre o vigor do novo e a decrepitude do “velho”; a nova cidade deveria se desenvolver do centro para a periferia e, dessa forma, “forçar a população quanto possível, ir-se desenvolvendo do centro para a periferia como convém a economia municipal, a manutenção da higiene sanitária e o prosseguimento dos trabalhos técnicos”. (LEVEN, 1997, apud. CARDOSO, 2002 p 21).

¹⁶ A Comissão Construtora da Nova Capital implantou a VIIª Seção Suburbana em 18/07/1892, pela lei número 32.

¹⁷ Seu nome foi modificado para Córrego da Matta e, posteriormente, para Colônia Américo Werneck, em homenagem ao ex-secretário de Agricultura e Diretor do Departamento de Terras e Colonização.

que se acham ocupados (...). Sua população consta de 266 indivíduos, sendo 147 brasileiros, 82 italianos, 30 espanhóis, 6 portugueses e um sueco (Góes, p.17,2001).

Em 1925 foi iniciada a venda de lotes no Bairro e, dada sua proximidade com o centro, a procura foi muito grande:

No bairro chamado da Imigração, limitado pelas ruas Crystal e Salinas, Almandina e pela linha central na sétima secção suburbana, a prefeitura abriu 28 novas ruas e 60 quarteirões e 1125 lotes, dos quaes 1033 a ella pertencem. Estes lotes tem sido concedidos gratuitamente e alienados a funcionários e empregados estadoaes e federaes, a oficiais e praças da força pública e a operários, em conformidade com as leis... Para 5º o Batalhão de polícia e suas dependências foram demarcados os quarteirões 18, 22 e 23 com área total de 42,916 quadrados e para o Hospital Cícero Ferreira" o quarteirão 53 (...)" (GÓES, 2001 p, 19).

Neste período, a maioria dos recém-moradores do bairro tinha características muito próprias dentro do contexto de construção da cidade: eram pessoas que possuíam relação direta com o funcionamento do centro, predominando, entre elas, operários, funcionários públicos e oficiais de baixa patente. Ou seja, tratava-se de um grupo bem definido socialmente, a serviço de organização do espaço e do tempo sob a qual a cidade fora construída.

Santa Tereza, enquanto espaço geográfico - espaço físico relacionado à dinâmica da sociedade, natureza e ação do homem (CASTELLAR, 1996, p. 101) -, pode ser descrito como um platô de vertentes, de inclinação média, homogênea e de cumeeira larga, delimitado pela linha do trem e tendo, ainda, o Rio Arrudas como barreira natural. O Rio Arrudas e a linha de trem/metrô que margeiam o bairro contribuíram para um isolamento geográfico parcial que torna a localidade menos viável como corredor de tráfego viário entre os bairros da Região Leste e o Centro de Belo Horizonte.¹⁸

Esta configuração inicial no conjunto de moradores do bairro passou por duas grandes mudanças até assumir a feição atual: o período compreendido entre os anos de 1970 e 1980 foi marcado por um intenso processo de substituição

¹⁸ Este trajeto é feito pela Avenida dos Andradas que margeia o bairro e a Avenida Silviano Brandão. Tais barreiras só podem ser transpostas por veículos automotivos através do viaduto que liga o Bairro de Santa Tereza ao de Santa Efigênia, - única ligação direta entre o bairro e o restante da região Leste. No entanto, levando-se em consideração o tempo e a distância, dentro da lógica de custo e benefício, verifica-se que este não se apresenta como caminho mais viável para a transposição do trajeto.

populacional, o que significou uma relativa valorização da área urbana em questão.

Posteriormente, entre 1980 e 1991, o bairro experimentou uma significativa mobilidade social, em consequência do processo de verticalização que se iniciara e da transferência da população pobre moradora da favela do “Perrella”, removida em função de obras de canalização do Rio Arrudas e do término de construção da Avenida dos Andradas¹⁹.

Apesar da mudança no perfil sócio-econômico dos moradores, algumas importantes características do Bairro permaneceram. Assim,

Decorridas quase três décadas e tendo passado por mudanças culturais e urbanísticas tanto da “*década do milagre*” e da “*década da crise*”, Santa Tereza permanece com características de vida local. Embora tenha erguido arranha-céus, a paisagem predominante ainda é de casas pequenas ou pequenos prédios de apartamentos. (WESTIN,1998, p. 55)

Caminhando por suas ruas, percebe-se que a arquitetura do bairro se mantém relativamente preservada, pois lá ainda se encontram casas antigas e muitos sobrados originários da primeira metade do século passado.

Este quadro resulta, em grande medida, da ação da população local. Por meio de mobilização e lutas objetivando a preservação do bairro, os moradores conseguiram garantir a definição de diretrizes especiais de uso do solo que impedem a construção de “espigões”²⁰ e conservam os aspectos paisagísticos do lugar.

Para alguns moradores que freqüentavam a Praça durante o período de coleta de dados, lutar contra a construção de espigões no bairro é lutar contra a especulação imobiliária, pela preservação da vista privilegiada, e já alterada, da Serra do Curral, pela preservação de construções de época ainda existentes ali. Assim preservam adequada a estrutura sanitária do bairro que em pouco

¹⁹ Segundo WESTIN, 1988, a densidade populacional correspondente ao período de 1980/90, diminuiu de 158h/km² para 122h/km² em decorrência da transferência de moradores pobres de baixa renda; entre estes, 60% (6376 no total) eram moradores da favela do Perrella.

²⁰ No plano diretor da cidade estão previstos diretrizes especiais para instalação de atividade no bairro e a altura máxima permitida para as edificações é de 15 metros (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p 83).

tempo ficaria saturada, e ainda, toda uma sociabilidade que seria modificada pelas transformações resultantes de construções desta natureza.

Contudo, segundo outros moradores, a manutenção das características da estrutura de Santa Teresa restringe a comercialização dos imóveis, a possibilidade de os proprietários fazerem reformas e definirem os usos de seus imóveis, além de trazer morosidade e burocracia na autorização do poder público para realizar quaisquer reformas ou mudanças²¹.

Independente da especificidade das lutas referentes às transformações no bairro, fato é que Santa Tereza seguiu um ritmo diferente de outros bairros da cidade de Belo Horizonte. Segundo Westin,

Como espaço vivido na cidade contemporânea, Santa Tereza manteve um relativo isolamento nos modos de transformação urbana e de sociabilidade em relação a outros bairros da cidade. (p, 55)

Estas marcas que diferenciam o bairro estão no discurso de moradores e freqüentadores do bairro e remetem para suas particularidades. Dentre os elementos que marcam a singularidade de Santa Tereza e que freqüentemente são evocados nos discursos dos moradores e dos freqüentadores da Praça, está à imagem da presença de velhos, como nos diz BLUBLU

(...) aqui é uma área mais... não é que é uma área mais pra velho, mas quem tava aqui mais antigamente, mais era velho. Como uma segunda geração foi chegando, e agora tá cheio de jovem, os véio tá querendo dormir e o pessoal tá todo querendo fazer bagunça,(...) (Entrevista BLUBLU - 05/04/2007).

A grande presença de velhos na praça, talvez, se explique pelo baixo nível de verticalização da arquitetura, caracterizada por poucos degraus e menos obstáculos que dificultam a circulação dos mesmos²².

Focalizando o contraste estabelecido pelo jovem acima citado, que assinala que (...) *os véio tá querendo dormir e o pessoal tá todo querendo fazer bagunça* (...) vê-se que há uma tensão entre os moradores do bairro e a “nova

²¹ Nota de campo primeiro semestre de 2005.

²² Dado comparativo IDH, expectativa de vida e presença de velhos da cidade do entorno de Santa Tereza segundo *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil - 2003*, PNUD, IPEA e Fundação João Pinheiro.

geração” que o frequenta. Tal tensão pôde ser constatada durante o percurso da investigação, e, está presente na fala de alguns moradores, e do próprio jovem tencionando a idéia de bairro de vida tranqüila, presente nos discursos sobre o bairro.

A vida tranqüila definida por WESTIN (op.cit.) como sendo “mito e mística da convivência” revela que, no interior do bairro, existem divergências no que se refere às formas de uso e ocupação do lugar, sobretudo quando se trata da Praça e de seu entorno. Tais divergências dão margem para a instauração e manutenção de um controle estrito de condutas, o que indica que ali se fortalecem instâncias socializadoras que buscamos desvendar em nossa dissertação.

No interior dessa mística, está presente nos dizeres das pessoas que ali freqüentam o fato de o bairro ter se constituído como ponto de encontro de músicos, poetas e artistas, onde nasceu o movimento musical do Clube da Esquina, que revelou, entre os anos 60 e 80 do século passado, além do já citado Milton Nascimento, Lô Borges, Fernando Brant, Toninho Horta, Lô e Márcio Borges, entre outros, que referenciam o espaço. Parte dessa memória foi citada por um de nossos entrevistados, da seguinte maneira:

Eu gosto muito da Praça Duque de Caxias porque além de ser uma praça linda, é uma praça onde foi criado o Clube da Esquina, que é um clube de cantores que eu admiro muito, e admiro muito a música popular brasileira (...). (Entrevista BLUBLU - 03/05/2007)

Outros discursos também remetem à aura artístico-musical do bairro em sua produção mais recente. Dentre as imagens que surgiram em campo, destacam-se aquelas produções que dão ao bairro projeção nacional e internacional, conseguida, por exemplo, com o sucesso de bandas como o Sepultura e o Skank e com a importância do cantor e compositor Milton Nascimento, cidadão do mundo, no cenário da música contemporânea.

Para Westin (Op.cit), a repetida “aura” ou “vocalização musical” do bairro, tem suas origens históricas ligadas a Banda do quartel, que tinha policiais, moradores do bairro, como músicos, o que aproximava a música de vários de seus familiares que compraram suas residências nesse local, graças aos planos de lotes criados no passado.

Assim, Santa Tereza é um bairro tradicional, *portador de signos que o distingue de outros bairros da cidade*, localizado próximo ao centro da cidade e com relativo isolamento geográfico do restante da região Leste de Belo Horizonte. Possui uma comunidade historicamente organizada e orientada para a preservação dos patrimônios materiais e imateriais. É portadora de uma sociabilidade própria, na qual se destaca a presença de velhos. Tido por muitos como um “bairro boêmio” com seus vários bares, Santa Tereza possui, ainda, uma “aura musical” marcada na história passada e presente e a Praça como síntese afetiva da memória de seus habitantes.

3.1 A Praça: De espaço público a lugar

Em 1925, o então Presidente Olegário Maciel inaugurou seu busto em um pequeno jardim circular, na área central da entrada do quartel²³ do Bairro de Santa Teresa. Posteriormente, em 1937, o então prefeito Octacílio Negrão de Lima fez a inauguração oficial do espaço, denominando-o Praça Duque de Caxias. Constituída, na época, por três jardins triangulares, separados por ruas internas e calçadas, um coreto baixo em meio-círculo e postes de iluminação pública a Praça²⁴. estava localizada no entroncamento das ruas Mármore, Estrela do sul e Tenente Vitorino²⁵, onde até então era um largo

Sua construção foi resultado de uma reivindicação da comunidade local junto ao poder público da época, e, ao longo do tempo, o espaço passou por diversas reformas.

Em 1957, na primeira reforma, a praça ganhou asfaltamento, replantio de árvores, novo concreto, iluminação em suas ruas internas. No segundo projeto de reforma de 1984, executado em 1991, foram incorporadas a ela as duas ruas que a cortavam, unificando os três trechos e aumentando sua área em cinco mil metros quadrados. Várias jardineiras de concreto foram construídas

²³ Em 1919, este espaço antes destinado a alojar imigrantes e que nem chegou a ser utilizado passou à 59ª Companhia de Caçadores do Exército Aquartelada na Capital.

²⁴ Ver ANEXO B

²⁵ Ver ANEXO A

para abrigar cerca de cinquenta espécies diferentes de árvores. Foram construídos também palco, arquibancada, calçadas portuguesas, mesas com tabuleiros de damas e bancos. O busto de Duque de Caxias recebeu novo suporte coberto por mármore²⁶.



Figura 1 – Fotografia Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005

Em 1997, a população, através de suas associações comunitárias, solicitou ao poder público municipal uma nova reforma na praça. Estavam na pauta de reivindicação a construção de pista de cooper e play ground, mudança de piso, instalação de água potável, uso de cor, nova iluminação, readequação dos estacionamentos nas ruas vizinhas, espaço para banco 24 horas, retorno de calçamento nas ruas circundantes da praça, instalação de bancos e lixeiras, rebaixamento das jardineiras e espaço para shows e eventos. O novo traçado da Praça Santa Tereza, iniciado no final de 1999 com o término na metade do ano 2000, incorporou a Rua Tenente Vitorino, aumentando sua área.

O Processo de reforma modificou as formas de sociabilidades que existiam no lugar e aparecem no discurso dos jovens quando falam de suas vivências na Praça.

Foi logo depois que fizeram esse quartel aqui pra praça aqui não rolou muito né? Porque antigamente era separado, você lembra? Passava uma rua, passava uma rua aqui e tinha feirinha. (Entrevista GORILÃO - 26/04/2007)

²⁶ Ver ANEXO C.

Por meio destas mudanças, a Praça foi redesenhada tendo sua arquitetura atualizada pela intervenção e pelo desejo da comunidade, pois, tal como afirma a arquiteta responsável pela última reforma, “*Existe uma vida comunitária ali (...) e uma relação de vizinhança muito forte. Eu acho que tem três associações, hoje em dia não sei, e eles são muito atuantes. (...)*” (Arquiteta; março de 2005.)



Figura 3- Fotografia - Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005



Figura 2-Fotografia- Praça Duque de Caxias 1997 – Cedido – GAU - 2005

Ainda nesta reforma, a associação comunitária do bairro justificou as mudanças demandadas ressaltando que *muitos mendigos e desocupados (estavam) depredando o espaço, além de pedras soltas, bancos quebrados, deslocados, muita sujeira.* .(GAU p.84 1997)



Figura 6 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2005 – Bancos de madeira - Acervo pessoal



Figura 4 – Fotografia – Praça Duque de Caxias 2005 – Bancos de concreto armado curvilíneos - Acervo pessoal.

Fica claro no projeto e no relatório da consultoria que a última reforma na praça orientou-se no sentido de impedir que mendigos fizessem da praça a sua moradia:

Os bancos, localizados em áreas de mais livre acesso, foram fortalecidos com concreto armado, grandes e curvilíneos dificultando sua utilização para repouso; os outros bancos, localizados em áreas mais reservadas, foram feitos em madeira. No entanto, a espessura das tábuas, tanto do acento, quanto do encosto são finas e atadas com parafusos expostos de ponta arredondadas, tornando os bancos pouco confortáveis para uma longa permanência; por fim, o coreto não possui cobertura e, portanto, não serve de abrigo.



Figura 5 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2005 – Bancos de concreto armado curvilíneos - Acervo pessoal.

Atualmente, a Praça Duque de Caxias é um ponto referencial para os moradores do bairro, concentra, em seu entorno, alguns dos principais aparelhos públicos da região, tais como A Igreja Matriz de Santa Tereza, O Colégio Militar Tiradentes, o Quartel da Polícia Militar e um cinema atualmente desativado. Além destes há, ainda ali, um grande número de casas comerciais de orientações diversificadas, dentre as quais se destacam bares, restaurantes, lanchonetes e casas noturnas²⁷. Trata-se, portanto, de um lugar de interação, memória e lazer. Ao “biografá-lo”, Westin nos diz que

A praça revela-se como (...) um Carrefour viário e das práticas cotidianas (...), ponto nodal da condensação simbólica nascida das interações que ali se processam e é expressa, mais de uma vez, como paráfrase, ressonância interdiscursiva fortemente enfática (WESTIN; p.119,1998).

Na Praça de Santa Tereza acontecem vários shows e eventos, nacionais e internacionais. Segundo uma de nossas informantes

²⁷ Espaço que já comportou uma Fábrica de Macarrão e diferentes casas noturnas (Trash e, mais recentemente, Comics Dancing Pub), o cinema vai dar lugar ao Centro Cultural Leste, conforme projeto aprovado no orçamento participativo de 2001/2002.

(...) deve-se levar em consideração que a Praça Duque de Caxias consolidou sua importância como espaço de shows e lazer para toda a cidade extrapolando seu caráter meramente local. Isso aí, nosso projeto partiu desse princípio, que ela é uma praça de muito uso da redondeza, mas ela é uma praça importante para a cidade... (Entrevista Arquiteta; março de 2005)



Figura 5 – Fotografia Praça Duque de Caxias - 2005 - Coreto sem cobertura- Acervo pessoal

Além de shows e eventos registram-se mobilizações, protestos e reivindicações realizadas ali, sendo a ocorrência de atividades desta natureza uma característica do bairro que está presente desde a fundação da Praça Duque de Caxias.

A praça principal, símbolo do bairro – Praça Duque de Caxias ou Praça de Santa Tereza como é popularmente conhecida em toda a cidade – *revela-se como elemento integrante da*

sociabilidade (...) para onde convergem as memórias afetiva e social de seus moradores (...). (WESTIN 1998, p.119).

Segundo Sodré (1998), (...) esquinas, ruas e praças, como a Praça de Santa Tereza, são

(...) interseções, suportes relacionais, que concorrem para singularizarão do território e de suas forças. Na praça, lugar de encontro e comunicação entre indivíduos diferentes, torna-se visível uma das dimensões do território, que é a flexibilidades de suas marcas (em oposição ao rígido sistema diferencial de posições característico do espaço europeu), graças à qual se dá a territorialização, isto é, a particularização da possibilidade de um corpo. (SODRÉ, 1998, p.17)

Nossa pesquisa de campo foi realizada nesta Praça. Ao nosso ver, esta, com as histórias e feitos ali realizados, poderia ser classificada dentro do que analistas chamam de território, posto que:

Território pode ser definido como limite e fronteira física que configura o espaço no qual se concretiza uma dada relação social, sustentada por um certo poder, é ao mesmo tempo e espaço de dominação e liberdade, de expropriação e resistência (FERNADES 2000, p, 59, apud VAZZOLER, 2007, p,152).

Foi assim, nesse espaço (território) que buscamos conhecer a experiências de socialização de jovens negros que o freqüentam e, ali, constroem identidades, fazem amizades e desenvolvem afetos dos mais variados.

3.2 Caminhos e Trajetórias no campo: reconhecimentos das áreas em busca dos sujeitos da pesquisa

O trabalho de coleta de dados para a pesquisa na Praça foi iniciado ainda no primeiro semestre de 2005, através da realização de um de estudo exploratório, que se estendeu até outubro do mesmo ano. O objetivo desta primeira incursão era, através do trabalho diário de observação participante, conhecer melhor o cotidiano da Praça e levantar elementos acerca da presença dos sujeitos da pesquisa ali. Nesta etapa, a coleta foi feita nos turnos da manhã tarde e noite, pois, interessava-nos apreender o movimento do lugar em todos os dias da semana. Este período também foi dedicado ao estudo da produção acadêmica sobre o bairro e a região na qual ele está situado.

No processo de trabalho, foram feitos contatos com jovens que apresentavam potencial para serem sujeitos da pesquisa e, ainda, com outros freqüentadores de várias idades, com pessoas conhecidas que freqüentam a Praça, bem como com alguns alunos e ex-alunos da escola em que o pesquisador atuava como professor de Química que por ali passavam e/ou ficavam.

Em alguns momentos, na praça, estavam pessoas de diversas faixas etárias, distintos pertencimentos étnico-raciais, diferentes classes sociais, grupos e estilos. A partir da observação e contato inicial com este universo de freqüentadores, coletamos algumas opiniões de moradores locais acerca de assuntos diversos ligados ao bairro e à Praça, tais como o impacto da presença de mendigos ali e os processos de conservação/depredação do espaço; a mobilização política dos moradores em defesa de seus interesses; relatos de ações de grupos culturais na Praça ao longo de sua história; reclamações e questionamentos sobre a ordem no bairro, entre outros aspectos que ajudaram a construir uma imagem mais ampla do lugar.

Assim, passamos a conhecer formas e rotinas do funcionamento cotidiano da Praça. Além disso, este período foi importante para uma aproximação gradual do pesquisador com os freqüentadores do lugar.

Para identificar os sujeitos da pesquisa em um espaço aberto e diverso como a Praça, o primeiro critério para a seleção dos sujeitos a serem investigados foi arbitrariamente definido pelo fenótipo dos jovens: cor de pele e tipo de cabelo foram elementos distintivos escolhidos. Desta forma, observávamos onde e como estavam, os dias, lugares e formas de ocupação daquele espaço.

Durante este processo de observação, dialogamos com alguns jovens que apresentavam perfil potencial para serem sujeitos da pesquisa e, a partir da análise do conteúdo destes diálogos, construímos um conjunto de considerações que passaram a orientar outros diálogos com vários jovens negros de ambos os sexos, com idade entre 15 e 24 anos, que por ali se transitavam e/ou permaneciam.

Com base nos elementos levantados neste período de observação, foi possível traçar, em linhas gerais, a dinâmica e o cotidiano da Praça, os dias e noites da semana nos quais a presença deste público é mais significativa, os horários nos quais esta freqüência tende a se concentrar, bem como um conjunto de informações a partir das quais foi possível mapear, em linhas gerais, a presença dos sujeitos da pesquisa em potencial.

A freqüência dos jovens negros em seu lazer na Praça está concentrada nas noites, principalmente de quinta-feira - mobilizados pela feira que acontece em uma praça próxima; sexta-feira, pela presença de jovens que chegam ao local a partir das 20:30 horas, provenientes de escolas da região; sábados e domingos durante todo o dia e à noite - sendo a noite de domingo o momento de maior preferência, fato confirmado por todos os jovens abordados no local e, posteriormente, pelos sujeitos entrevistados.

Outros resultados desse processo foram a identificação das áreas no interior de Praça onde preferencialmente nossos jovens se agrupam, a compreensão do movimento interno desses agrupamentos ali, bem como o modo através do qual são construídas as relações no interior dos agrupamentos exclusiva e/ou

majoritariamente constituídos por jovens negros, conforme apresentamos a seguir.

3.3 Na busca dos Jovens negros: a rotina das áreas.

Nos dias de maior concentração de jovens na Praça, pode-se notar a existência de uma regularidade nos lugares que eles ocupam, havendo uma tendência a se concentrarem em determinados pontos, conforme indicado na planta abaixo pelos números de 1 a 6, tomando-se como referência a Igreja da Matriz de Santa Tereza:

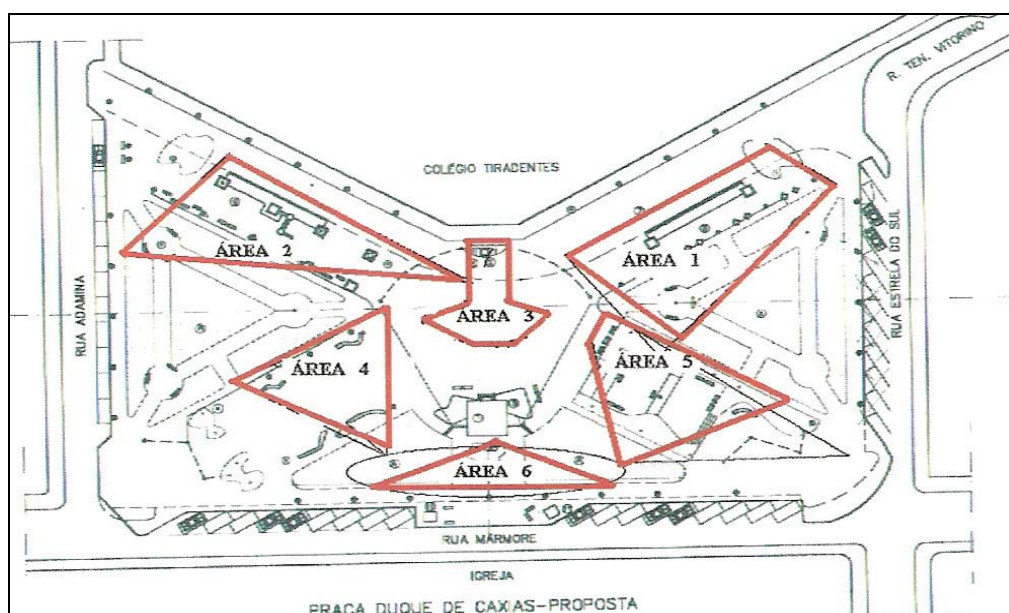


Figura 6 - Planta da Praça Duque de Caxias- cedida - GAU - 2005

As áreas 1 e 5 correspondem ao lado direito da Praça e as 2 e 4 ao lado esquerdo, sendo as de número 3 e 6 centrais. De um modo geral, pode-se afirmar que o lado direito é preferido pelos jovens negros. Assim, nos dias de movimento e maior presença deles na Praça, sua concentração é maior nas áreas 1 (um) e 5 (cinco), muito embora eles circulem por toda a Praça e por todas as áreas.

Uma vez identificados os pontos de concentração dos jovens negros na Praça, a observação participante foi direcionada para estas áreas e nelas o foco foi a movimentação interna dos agrupamentos ali identificados de modo a

contemplar todos os turnos - inclusive a madrugada - com vistas a conhecer suas rotinas ali.

Conforme sugerido por DA MATTA (1990) em relação trabalho de campo, buscamos conhecer a realidade para discriminá-la e transformar essa experiência em dados sociológicos que possibilitassem, nas diferenças e similaridades da organização nas áreas, uma compreensão das formas de ser e estar de nossos sujeitos na Praça. Deste modo, atentávamos para o que diziam ali e dali, para as expressões, movimentos corporais, indumentária, interesses e motivações. Assim, buscamos “fazer amigos”, conhecendo o maior número possível de jovens negros freqüentadores do campo de pesquisa, captando e registrando as realidades por meio de diálogos com os diferentes agrupamentos, de registros dos elementos observados no diário de campo e em registros fotográficos.

Nos diálogos com os sujeitos da pesquisa em potencial, buscamos apresentar a motivação de nossa presença ali, a fim de dar início ao processo de seleção e recrutamento daqueles a serem entrevistados.

3.3.1 Área 1



Figura 7 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2006 – Área 1 – Acervo pessoal

Esta é uma área de entrada para Praça, e região mais próxima ao Batalhão de Polícia. Nela existem mesas para jogos de tabuleiro, que entre outros usos, servem para o jogo de cartas:(...) *sempre a gente marca pra um trazer o baralho né, sempre tem um que traz o baralho* (BLUBLU). Esta é uma atividade que transcorre dentro de

determinadas regras que devem ser seguidas pelos quiserem participar:

(...) quem quiser jogar aí faz a de forinha, é até melhor que a gente enturma mais, faz a de fora, perdeu a rodada, saiu a mão de dois, aí a outra mão perdeu sai, entra a outra turma normal. (BLUBLU)

Trata-se, portanto, de um jogo que é organizado pela espontaneidade do encontro na praça, onde a participação é livre, desde que seguidas as regras previamente estabelecidas. Contudo, os jovens nos informam que, para além das regras habituais do próprio jogo de truco há outras referidas diretamente ao modo de ser e estar junto ao grupo, pois, como diz o jovem TRUTA,

(...) uma rapaziada, (...) traz um baralho pra brincar (...) pra jogar com nós, mas não tem problema nenhum. A gente avisa pra eles, nada de ficar usando droga enquanto tiver jogando com nós, que nenhum de nós usa. (...) não se pode *ficar usando drogas quando tiver jogando com a gente*.(TRUTA, grifos do autor)

Por meio desta fala, observamos que não se trata da condenação do uso de

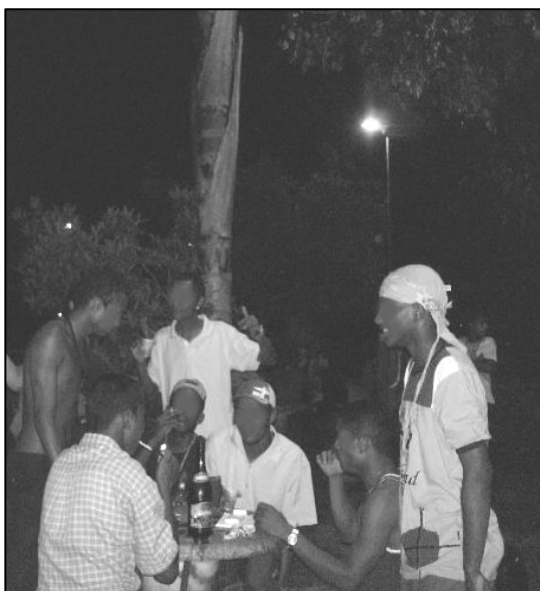


Figura 8 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal

drogas em si; o estabelecimento e manutenção da regra se devem ao cuidado que eles adotam (...) *pra coisa não ficar feia pro nosso lado também*. (TRUTA). Trata-se, portanto, de uma regra que evidencia o reconhecimento, por parte do grupo, de que a proximidade com a drogadição ali implica na exposição de todos e, conseqüentemente, em um maior risco de sofrerem as conseqüências deste ato ilícito em seu tempo/espço de lazer.

Ao tratar do jogo na área, o jovem BLUBLU nos mostra que o espaço e a prática não estão restritos ao universo masculino:

(...) a minha namorada vem pra cá, a gente senta aqui pra tomar um sorvete, pra tomar um vinho, jogar um truco, que ela também tá aprendendo a jogar agora comigo. Não gostava não, mas agora tá aprendendo. Como ela passava boa parte do tempo aqui, em pé esperando eu terminar de jogar, ela foi e começou a querer aprender pra poder sentar com a gente pra jogar, pra poder não ficar esperando (risos); inteligente, e esperta, ela! (BLUBLU).

Conforme dito por ele, para não ficar esperando, sua namorada está aprendendo a jogar, o que lhe possibilita se integrar e compartilhar esse tempo com ele. Contudo, se esta abertura sinaliza uma possível igualdade nas condições de gênero no referente ao jogo, a utilização dos termos “inteligente” e “esperta” para se referir à capacidade da namorada e o fato de o comentário ser seguido por risos é, no nosso entendimento, indicativo da presença e persistência de uma assimetria nesta relação.



Figura 9 – Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal

A capacidade de se organizarem e auto-regularem no espaço da Praça, bem como o modo de ali permanecerem são sugeridos quando o mesmo jovem tratou da forma como ele e seus amigos lidam com as desavenças e brigas, que eventualmente eclodem ali. Segundo ele,

(...) aqui costuma ter [desavenças], mas comigo e o pessoal que anda comigo (...) não tem porque a gente conhece aqui tem muito tempo e todo mundo que apronta confusão (...). Com a gente eles não mexem porque já tem um certo respeito também. (TRUTA)

De sua fala, depreende-se que o não-envolvimento nas confusões está ligado ao fato de conhecer e evitar as pessoas que o fazem. Por outro lado, este não-envolvimento se deve, igualmente, ao respeito à sua figura e a de seus amigos, respeito este decorrente tanto do tempo de freqüência cotidiana na Praça, quanto pelo fato de ser conhecido pelos freqüentadores.

Na área 1, há também um “obstáculo” utilizado por jovens que treinam manobras de Skate e Bicicleta. Nos dias de semana, este espaço freqüentemente é ocupado por estudantes do Colégio que está situado na região da Praça e por outros jovens que com eles se encontram.

A partir da abordagem de alguns freqüentadores desta área, pudemos apreender que ali os jovens estudantes esperam seus colegas para irem juntos para casa ou só pra “zoar” um pouco antes de chegar em casa. À noite, a área

é ocupada por jovens vindos do trabalho, e mesmo de outras escolas da região:

(...) o pessoal bebe e zoa, ou rola de ficar, ou então ficar trocando idéia, jogar um truço, certo? Ou então como se diz, ficar à toa mesmo, olhando, olhando pro céu (...) Onde eu encontrava com os meus colegas e bebia, zoava um pouquinho, (YOGA)

A área consiste, deste modo, em um ambiente organizado espontaneamente pelo encontro, onde ocorrem trocas de saberes e fazeres e onde as formas de ser e estar configuram relações que se transformam a cada momento.



Figura 10 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 1 - Acervo pessoal

À noite, a área é convertida em lugar de agitação e expressividade juvenil, onde além da música, muita zoação e alegria, é constante o uso de bebidas alcoólicas entre os grupos de jovens que li se estabelecem. Nesse lugar a presença do Hip Hop, (música, dança, grafite e comportamento) é marcada pela criatividade e expressividade dos jovens que praticam a dança, e o *free style* (estilo livre), entre outros.

Para além do que já foi dito, na área 1 nossos jovens também fazem uso de instrumentos de percussão com os quais tocam músicas da moda, todas convertidas ao estilo do pagode, independentemente do estilo original. Nos bancos de madeira, durante o dia, tarde e noite é comum verem-se casais e grupos de jovens na penumbra das árvores e arbustos que compõe a estrutura paisagística do local, fazendo dali seu ponto de encontro, diálogo e namoro.

3.3.2 Área 2

A área indicada pelo número 2 é a região do playground, dotado de equipamentos de lazer infantil tais como escada, ponte, escorregador e caixa de areia. Ali, freqüentemente se vê, nos três turnos, em horários de menos sol, crianças brincando. A “barra de passar”, com gramado sintético demarcando um espaço de segurança, freqüentemente se transforma em trave, onde crianças e pré-adolescentes que praticam futebol se divertem sob o olhar

atento dos responsáveis. Nos bancos que ficam no entorno dos brinquedos, adultos conversam enquanto observam as crianças.



Figura 11 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 2 - Acervo pessoal

Não é raro encontrar jovens de diferentes pertencimentos raciais ali, assentados observando as crianças e conversando, mas a maioria dos ocupantes desses bancos acompanha crianças na Praça.

Durante os dias semana, jovens negras trabalhadoras estão ali com as crianças de que cuidam, sendo

pouco comum presença de mães negras acompanhando seus próprios filhos. Notadamente vê-se a pouca interação entre estas jovens e demais mulheres que acompanham outras crianças na condição de não trabalhadoras, ao passo em que a interação entre as que estão na mesma condição é comum.

Consultadas a este respeito, as jovens trabalhadoras negras revelaram a percepção de que tal ausência de interação se deve aos diferentes papéis sociais que cada grupo representa, aos preconceitos e/ou à diferença de classe. Trata-se, neste caso, de um comportamento que pouco se altera nos dias de semana.

Refletindo acerca das interações sócio-raciais no espaço da Praça, o jovem JOU afirma que,

Parece que na praça, num lugar assim que tem tanto jovem, ninguém nem se mistura, não avança, não dá um passo à frente pra conhecer a outra pessoa. Ser taxado, né, igual a gente taxa eles de boy, eles devem taxar a gente de favelado. (JOU).

A nítida dicotomia entre o “boy” e o “favelado” expressa nesta fala revela que independentemente dos nomes dados aos diferentes segmentos de freqüentadores da Praça, o contato entre as classes ali é regulado por uma diferença que se manifesta na tipificação que um grupo faz do outro. Os boys, segundo esse jovem, seriam aqueles que

(...) vêm e fica aqui na praça e tal, todo mundo no bando deles, brincando, zoando, fica apontando, taxando pros outros. (...) isso que é a cara deles, que eu já vi muito isso. (JOU).

Novamente, vê-se, em sua narrativa, a diferenciação entre os freqüentadores; diferenciação que, no caso dos boys, assume a forma de abuso de sua posição de classe, uma vez que serve de “mote” para a taxação dos outros, os ditos “favelados”. Ao tratar do mesmo assunto, o jovem BLUBLU também ressalta este elemento relacional. Segundo ele,

(...) às vezes você tá com as roupas até melhor que o outro, mas a pessoa prefere dar mais atenção pro outro que pra você. (...) mas eu não agrado muito de pessoa que gosta de querer de esnobar, mostrar muito não, (...) *eu gosto mais de andar com umas pessoas mais humildes* (BLUBLU, grifo do autor).

Neste caso, conforme destacado no trecho acima, o desagrado com relação à diferença com que é tratado por pessoas que gostam de “esnobar” é resolvido pela via do afastamento destas em favor da aproximação de outras que, como ele, são mais “humildes”. Trata-se, no nosso entendimento, de uma estratégia por meio da qual este jovem busca a associação com os “pares”, o que lhe fortalece frente aos outros grupos que tendem a lhe inferiorizar e discriminar.

Entre o fim da tarde e as primeiras horas da noite, a área 2 registra maior presença de jovens negras acompanhadas de filhos e/ou crianças com algum grau de parentesco ou proximidade²⁸. Estas jovens podem ser divididas em dois grupos: as responsáveis diretas pelas crianças e as que acompanham e se solidarizam com aquelas, partilhando do cuidar para garantir maior margem de lazer e liberdade para as interações desejadas. Os horários de presença destas freqüentadoras variam de acordo com o clima, pois, no horário de verão o tempo de permanência é estendido.

Ao serem indagadas pelas razões de estarem ali com as crianças, estas jovens revelaram que, ao mesmo tempo em que as levam para brincar, podem encontrar pessoas, paquerar, e até “ficar”, dependendo da amiga ou parceira que a acompanha. Ou seja, trata-se de uma estratégia da qual elas lançam mão para vivenciar uma importante dimensão de sua juventude, qual seja, o

²⁸ Eventualmente vêem-se jovens negros do sexo masculino com crianças neste espaço, neste horário, embora esta ocorrência tenha sido rara durante o período de pesquisa.

encontro e a interação, em um contexto no qual a obrigação para com a criança – filho/a e/ou parente – impede esta vivência de forma livre.

Na contraposição entre os usos e formas de ocupação das áreas 1 e 2, o jovem ELEPÊ ajudou a compreender a rotina desta última ao nos dizer que *de dia assim, na parte de um horário assim de seis horas até oito horas, família vem pra cá com a criançada, a criançada vai brincar lá.* (ELEPÊ). Ainda segundo ele,

(...) essa foto aí do parquezinho, é que nem a parte que eu te falei, tem a parte boa e a parte ruim, que eu divido essa praça né? (...) que essa parte de cá, é o parte dos maluco e lá é o pessoal mais família. A parte de eu ter tirado a [foto] do brinquedo então, colocando a família do outro lado, ali é mais família [área 2], aqui é mais loucura [área1]. (ELEPÊ)

Assim, em sua visão, o uso/ocupação da Praça se fazem dentre de uma interessante divisão na qual a área 1, já apresentada, é representada pelo jovem como *a parte dos maluco*, enquanto o local do parquezinho, onde ficam as famílias com suas crianças, seria *a parte boa*.

Devido ao fato de abrigar “os malucos”, a área 1 é preterida, segundo ele, pelos casais de (...) *namorados [que] preferem namorar mais do outro lado (...)*, nas imediações do *parquezinho*. Cabe-nos lembrar que a área preterida foi fotografada por esse jovem e é o lugar onde encontramos a maioria dos jovens negros, conforme exposto no tópico anterior deste texto.

3.3.3 Área 3

Nesta área encontramos a fonte de água e o Busto de Duque de Caxias. É um lugar aberto onde crianças jogam bola, empinam papagaio, andam de bicicleta, correm e brincam sob os olhos atentos de seus respectivos responsáveis.

Neste ponto da Praça, raramente encontramos agrupamentos de jovens em dias de semana; já nos



Figura 12- Fotografia Praça Duque de Caxias 2006- Jovens na Área 3 - Acervo pessoal

finais de semana, com o aumento de pessoas circulando pela Praça em todos os turnos, esse lugar ganha outras configurações, inclusive com a presença de vendedores ambulantes²⁹.

À noite, esta área é ocupada por grupos de jovens do sexo masculino, com pouca presença feminina. Geralmente são jovens de um mesmo bairro, que chegam em grupos - de 5, em média - aos quais, muitas vezes, se somam outros que ali já estão ou que vão chegando aos poucos.

A maioria destes jovens é negra e os grupos são organizados por elos comuns. Em geral, o objetivo dos agrupamentos é o “estar junto”, circunstância na qual eles conversam, brincam, correm, bebem ou simplesmente se sentam e observam o movimento da Praça. A presença deste grupo não passa despercebida e a área, então, passa a ser das mais notadas e vigiadas, inclusive por outros jovens ali presentes.

Pelo que pudemos observar, a área três parece ser a preferida por este tipo de agrupamento, havendo uma tendência a, sempre que a mesma está vazia, ser ocupada por algum. A dinâmica de ocupação deste ponto se dá do seguinte modo: o primeiro agrupamento a chegar na Praça se estabelece ali, cabendo aos que chegam depois se organizar em outros espaços da área 5 e/ou 4 respectivamente. Os jovens que constituem estes agrupamentos geralmente chegam e saem em grupo e, quando ocorre sua desocupação, imediatamente outro grupo se desloca para lá.

3.3.4 Área 4

A área 4 é constituída por árvores e bancos de concreto curvilíneos que, dispostos de frente uns para os outros, formam um corredor de entrada para a Praça. Nos dias de sol esta estrutura paisagística propicia um lado de sombra, o que torna o espaço agradável. Trata-se de uma das entradas principais da Praça, localizada na esquina e que geralmente serve de ponto de encontro para muitos dos que chegam ao local.

²⁹ Trabalhavam nesse lugar, durante o período de observação e coleta de dados, 2 vendedoras de brinquedos infantis e um pipoqueiro.



Figura 13 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 4 - Acervo pessoal

Neste local, pessoas mais velhas, em sua maioria brancas, observam crianças que brincam na área central da Praça nos dias de semana. Já aos sábados e domingos pela manhã, nota-se a presença de homens, moradores do bairro em sua grande maioria, que lêem jornal, tomam cerveja, e/ou conversam

com amigos enquanto orientam o brincar das crianças com suas bicicletas, nos passos iniciais e/ou na prática de futebol.

São pais, avós e tios, em sua maioria, que levam as crianças à Praça pela manhã, diferentemente do que acontece nos dias da semana quando são as mães ou babás que cumprem estas tarefas. Nestes momentos, a cerveja e o jornal, dos finais de semana, é substituído pelos brinquedos das crianças, livros, revistas ou trabalhos manuais que mulheres trazem consigo para passar o tempo enquanto permanecem ali.

A observação do funcionamento da área nos revelou uma diferenciação nas formas de uso e ocupação deste ponto da Praça, uma vez que estes são marcados pelos elementos de gênero e etário: mulheres lêem revistas, ou fazem alguns trabalhos manuais como tricô e crochê; homens lêem jornal e tomam cerveja; velhos conversam; crianças correm e brincam e, por fim os jovens conversam e/ou namoram.



Figura 14 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 4 - Acervo pessoal

Nestas manhãs, dificilmente vêem-se jovens negros na área. Quando raramente há algum no local com criança, a interação com os demais freqüentadores acontece indiretamente por meio das crianças que, por brincarem juntas, acabam levando seus acompanhantes a estabelecer algum

contato. Quando a brincadeira acaba, não são raras às vezes em que quem vai embora primeiro orienta a criança a se despedir dos outros que participavam da brincadeira.

À noite, a presença de árvores em um dos lados da área cria um ambiente de penumbra ao qual se opõe um ambiente iluminado pelas luzes que clareiam os bancos. Casais e pequenos grupos de amigos se encontram e ali conversam, brincam e cantam. Bebidas como vinho e refrigerante são comuns, além de sorvetes e cerveja, esta última em menor quantidade.

O fato de se tratar de um espaço aberto, “porta de entrada” de muitos freqüentadores da Praça, acaba fazendo desta área um local de concentração de pequenos grupos juvenis orientados por interesses diversos, dentre os quais nota-se a presença de jovens negros.

3.3.5 Área 5

A área 5 está localizada na esquina das Ruas Mármore e Estrela do Sul, e, é um dos espaços cuja freqüência apresenta mais variação em toda a Praça, pois, permanece esvaziada a maior parte do dia, tendo o seu ambiente e dinâmica alterados à noite, quando se transforma em um dos pontos mais agitados dali. Trata-se de um ponto de passagem no qual circula a maioria das pessoas que transitam e/ou visitam o local, sendo, também o principal acesso à Praça para os moradores de outros bairros próximos, na Região Leste.



Figura 15 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 5 - Acervo pessoal

Próximo a este ponto há casas comerciais (sorveteria, padaria, bar, mercearia, posto de combustível e supermercado) nas quais são vendidos os principais produtos industrializados consumidos na Praça.

Ao longo da semana, durante o dia, raramente se vê jovens negros na área. Com o anoitecer, encontramos vez ou outra,

pequenos grupos de jovens, de ambos os sexos, conversando sobre assuntos diversos ou “ficando”. Nas tardes e noites dos finais de semana, os bancos ali existentes tendem a ser ocupados por moradores, visitantes e/ou transeuntes que param ali para tomar sorvete.

No período compreendido entre o ano de 2005 e primeiro semestre de 2006, funcionou uma casa de forró próximo à área; esta era freqüentada por jovens de várias regiões da cidade, o que, muitas vezes, fazia com que membros dos grupos, se deslocassem da Praça para lá. O fato de haver grande número de pessoas do lado de fora da casa fazia com a área 5 se convertesse numa grande área de concentração juvenil, o que continuou ocorrendo, porém em menor escala, após o fechamento e a reabertura da casa, conforme o jovem JOU explica:

(...) hoje tem forró, até aumenta, o forró começa daqui a pouco. Se for ter, aí tem as menininha ali, as paty que fica todo mundo olhando, que é as lourinha, as moreninha, as branquinha, que todo mundo já fica de olho, só de butuca observando. (JOU).

Conforme se pode depreender de seu relato, o forró não é exatamente uma atração para os que estão na Praça, mas o público que o freqüenta sim. Não se trata de um espaço que os jovens negros que se divertem na Praça costumam freqüentar, entre outras razões, pelo perfil daqueles que para lá vão:

(...) é um ambiente que eu acho que eu não vou me adaptar não; não é muito do meu agrado; não pela música, mas pelas pessoas que, algumas pessoas que freqüentam que olham diferente pelo estilo da gente ser, pela nossa cor, pelo jeito da gente andar e vestir. (JOU)

Em sua fala, novamente a questão da divisão entre os diferentes “tipos” de jovens que remete, de imediato, para sua posição de classe e raça que emerge. Assim, se no primeiro momento em que tratou desta questão, o jovem JOU afirmou que os boys taxam os jovens negros, freqüentadores da Praça de “favelados”, em alusão ao local de moradia - entendido por aqueles como uma condição inferiorizante -, agora, o olhar diferente é motivado, entre outras coisas, pela “nossa cor”. Isso deixa antever, de modo mais claro, a discriminação racial ali vivenciada pelos sujeitos de nossa pesquisa.

Nas quintas, sábados, e domingos, a área 5 se transforma em um dos principais pontos da Praça. Nos bancos vêem-se os grupos de jovens, alguns

preponderantemente do sexo masculino, outros do sexo feminino e outros, ainda, mistos. Os jovens ficam geralmente de pés, consumindo produtos comprados no comércio local tais como cerveja, refrigerante vinho e observando os movimentos, tanto da sorveteria, e do forró, quanto da Praça e dos carros que por ali passam.

A presença de adultos nos bancos da área também é comum e vê-se pouca interação entre estes e os grupos de jovens. A procura de alguém para “ficar” figura entre as atividades dos jovens enquanto ali estão, sendo importante ressaltar o fato de que membros de diferentes grupos se conhecem, seja por morarem nos mesmos bairros ou em locais próximos, por terem algum parentesco, por estudarem na mesma escola ou mesmo por terem se tornado conhecidos na própria Praça.

3.3.6 Área 6

Esta área fica defronte à Igreja Matriz de Santa Tereza e geralmente é ocupada por jovens que participam das atividades que ali são realizadas. São, em sua maioria, moradores do bairro que tem ali um ponto de encontro. Para alguns deles, após as 21:00 a Praça não é um lugar seguro e nem recomendado, fato que foi por nós confirmado no relato de boa parte dos moradores com os quais conversamos.



Figura 16 - Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área 6 - Acervo pessoal

Neste caso, as críticas são similares àquelas feitas por comerciantes e moradores, quando se referiram à ocorrência de atos ligados à violência, sexo e uso/comércio de drogas no local³⁰.

³⁰ Derrubar a passarela e explodir o viaduto foi uma das idéias que freqüentemente apareceu no discurso de jovens moradores do bairro e freqüentadores desta área, para impedir a chegada de “alguns freqüentadores” no local. Isto corrobora a percepção, partilhada por parte dos moradores, de que os problemas de vandalismo e depredação da praça tiveram início após



Figura 17 Fotografia Praça Duque de Caxias 2007- Jovens na Área - Acervo pessoal

Trata-se de um grupo composto majoritariamente por jovens brancos que interagem entre si. Assim, a presença de jovens negros nessa área é pouco notada e, quando estão, não se percebe diálogo entre estes e os outros. Quando perguntados sobre esta questão, os jovens moradores que costumam frequentar a área

afirmam que a inexistência de relação entre eles se explica pela resistência dos outros (os negros) e por sua auto-exclusão.

Por outro lado, ao ser perguntado sobre a relação com o grupo de jovens pertencentes à Igreja, o jovem CORUJA nos disse que

(...) é até difícil de você entrosar com os jovens que estão dentro da igreja, porque, eu não sei o quê que acontece (...) eu não sei se eles que se fecham num grupinho só deles, se o grupo da praça é um e o da igreja é outro, mas é muito difícil de você ver pessoas da igreja se juntando, se relacionando com o pessoal da praça. (CORUJA)

O difícil entrosamento dos jovens da igreja com os jovens da praça foi identificado no campo, e, posteriormente confirmado por esse jovem que, mesmo já tendo conhecimento da “distância” que há entre os dois grupos, ainda tentou, sem muito sucesso, alguma aproximação:

(...) parece mais que é, como se fosse família, esse aqui é da família de tal, que só vai mexer com esse fulano aqui, o pessoal é muito difícil de relacionar... quando cê chega de fora, não sei, eu acho que na igreja é mais difícil que na praça, quando cê chega na igreja pra conversar com o pessoal, o pessoal fica mais quieto, fala ah, (...) não que não sei que lá, então eu já tentei vim aqui nesse grupo, no grupo de jovens que tem aqui, mas nem assim, não gostei muito desse pessoal não, não gostei mesmo. (CORUJA)

Embora o jovem CORUJA não nomeie o que sente e o que vive, sua fala não deixa dúvidas da percepção que ele tem da existência de uma barreira entre os jovens frequentadores da Igreja e os jovens negros que frequentam a Praça em

a construção do Viaduto de Santa Tereza e da passarela do metrô que ligam o bairro a outros bairros mais pobres da Região Leste, e permite o acesso a pé entre aqueles e a Praça.

busca de lazer. Quer se baseie nas famílias ou nos grupos de origem dos diferentes jovens, esta barreira se apresenta, a seu ver, como o principal obstáculo para sua integração naquele universo.

Provavelmente, o fato de estar no interior de uma instituição que prega o amor ao próximo como um valor universal o leva a crer que as relações entre os que ali professam sua fé deveriam se dar de outra forma. Contudo, suas tentativas vãs de se aproximar de outros jovens dali, o levam a uma desistência que, se em sua fala é motivada pelo não gostar *muito daquele pessoal não*, no nosso entendimento é encarada como a atitude tomada por quem percebe que sua presença não é bem quista e que, portanto, deve se manter afastado.

Ainda com relação a este aspecto, é importante ressaltar que a não-interação entre os grupos da área 6 e os outros grupos frequentadores da Praça foi confirmada por jovens negros de todas as demais áreas.

CAPITULO.IV- ANALISANDO OS DADOS: CATEGORIAS E INTERPRETAÇÕES

4.1 Análise dos dados

Na presente seção, buscamos compreender os processos de socialização desses jovens a partir das configurações em torno das quais eles estabeleceram relações de interdependência em um espaço plural de múltiplas referências identitárias.

Para tanto, começamos introduzindo os conceitos e as definições que deram suporte a essa análise, identificando os diferentes níveis de aprofundamento dos dados. Configuração é o conceito-chave³¹. Este foi utilizado, na presente dissertação na acepção de Norbert Elias, retomada, de forma enfática, no prefácio de 1968 à sua obra “Processo Civilizador” (1994, p. 249).

Elias situa o conceito de configuração no próprio processo civilizador, por meio do qual a imagem de homem como “personalidade fechada” é substituída pela “personalidade aberta”. Esta, continua o autor, possui um maior ou menor grau de autonomia (nunca absoluta) em face de outras pessoas e dependentes delas (ELIAS, Op. cit). As pessoas estão, portanto, conectadas em uma rede de interdependência e formam o nexo do que se chama configuração (idem).

Na concepção de Elias, a configuração é uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes (1994, p. 249) Elas se tornam dependentes, inicialmente, “por força da natureza” e mais tarde por meio da aprendizagem social, da educação, da socialização e das necessidades recíprocas socialmente geradas (idem).

Vinculadas dessa forma, essas pessoas só poderiam existir, segundo Elias, como pluralidade, apenas como **configuração**. (idem, o grifo é nosso).

³¹ Embora nas traduções para a língua portuguesa seja utilizado, mais comumente, o termo “figuração”, optamos pela adoção do termo “configuração”, pelo fato de este exprimir, com maior precisão, as idéias contidas no conceito construído pelo autor. Contudo, é importante ressaltar que ambas as terminologias são consideradas adequadas e seu uso varia conforme a época e a língua da tradução (NEIBURG e WAIZBORT, 2006, p. 18).

Ao formular o conceito dessa maneira, Elias enfatiza a importância de a análise sociológica não dicotomizar indivíduo e sociedade, ou melhor, dizendo, de evitar conceber os seres humanos em termos de seres individuais.

Nesse sentido, para ele, seria mais adequado, descrevê-los como pessoas interdependentes formando configurações, isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes entre si (*idem*). Ainda segundo Elias,

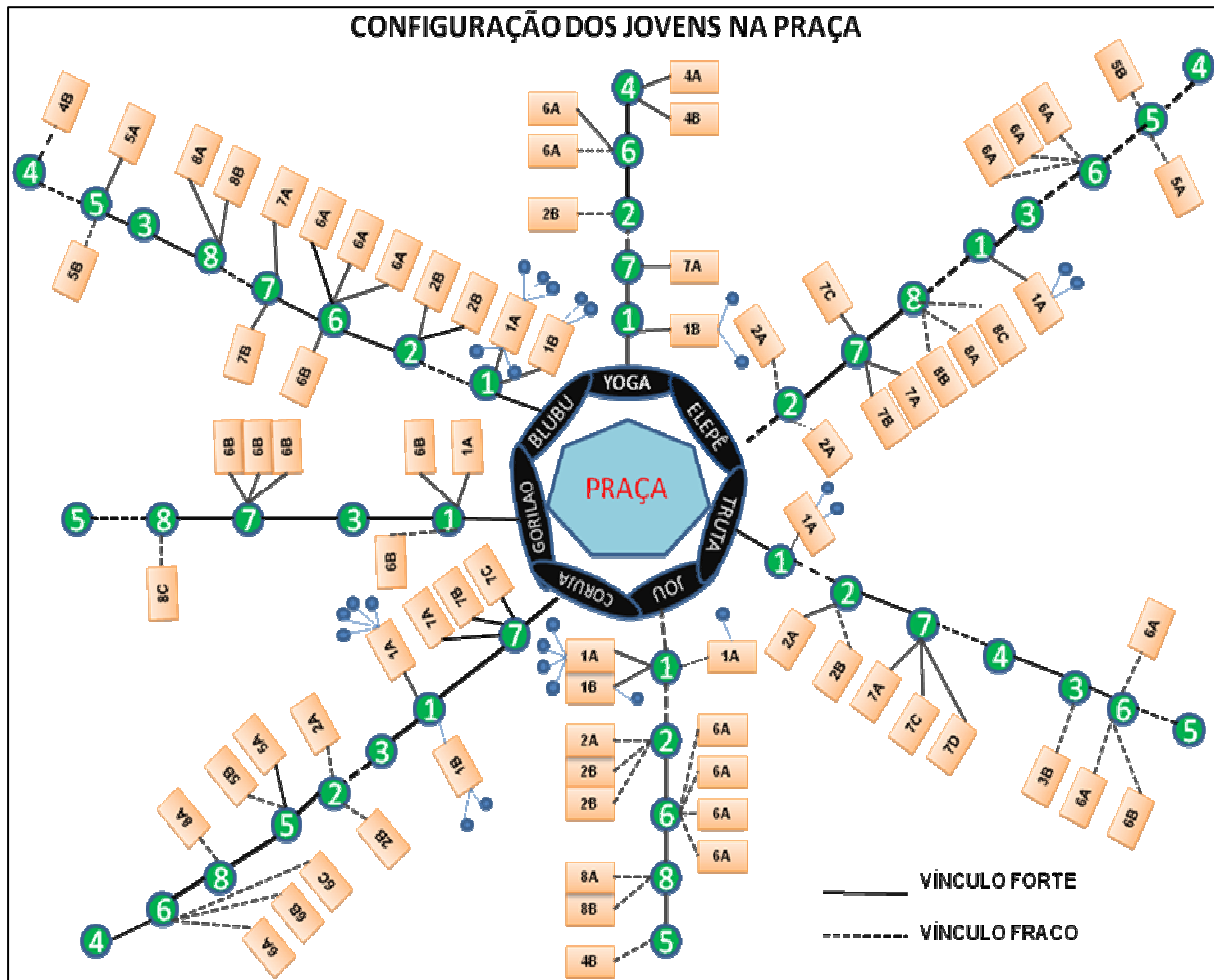
O crescimento de um jovem em configurações humanas, como processo e experiência, assim como o aprendizado de um determinado esquema de auto-regulação na relação com outros seres humanos, é condição indispensável para o desenvolvimento rumo à humanidade. (Elias, 2006, p. 25-26)

Foi, assim, portanto, que buscamos conceber os sete sujeitos de nosso estudo, como sujeitos que compõe estruturas de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Como dito anteriormente, nós os identificamos na Praça Santa Tereza como freqüentadores assíduos em busca da satisfação de necessidades recíprocas socialmente geradas. No fundo estavam orientados para desfrutar oportunidades de lazer: jogar cartas, tomar uma cerveja juntos, jogar conversa fora, zoar as meninas, trocar idéias sobre coisas da vida, família, namorada...

Isto posto, pode-se dizer que a primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa consiste em apresentá-los, em uma de suas configurações, o grupo de lazer, que, dada sua especificidade, decidimos traduzi-la apoiando-nos nas metáforas propostas pelo próprio Elias -“jogo” (Sociedade da Corte) e “dança” (Processo Civilizador). Ambas as metáforas, segundo esse autor, mostram a dinâmica da sociedade à qual os sujeitos estão vinculados.

No esquema abaixo, colocamos os nossos sete sujeitos como se fossem jogadores de carta (truco) em uma praça. Mas poderiam ser também dançarinos de break. Tanto o jogo quanto a dança não têm existência fora dos participantes, dos praticantes. O comportamento de cada um deles está orientado pela configuração das interdependências. Por isso, associamos à cada um deles todas as outras configurações (família, escola, trabalho...) das quais faziam parte. Considerá-las, na análise, nos ajuda, inicialmente, a compreender suas redes de sociabilidade e, segundo, como elas se

correlacionam ao modo como eles, na sua singularidade, diferenciam e integram suas posições. Veremos, na análise subsequente, que, embora se repita a mesma configuração, cada dança ou jogo é único e pode variar conforme as estratégias, recursos ou desejos das partes envolvidas, contidas nas entrevistas.



Legenda

<p>0. A praça</p> <p>1. Família 1A Habitação/casa 1B Agregado</p> <p>2. Comunidade/bairro 2A Membros comunidade da 2B Relações comunitárias</p> <p>3. Trabalho</p>	<p>4. Educação 4A Colega de escola 4B Modalidade de ensino</p> <p>5. Religião/Religiosidade 5A Expressão de fé 5B Sociabilidade em espaços de fé</p> <p>6. Outros espaços de Lazer 6A Danceteria 6B Bares</p>	<p>7. Sociabilidade 7A Amigos 7B Namorada 7C Eventos coletivos 7D Alteridade</p> <p>8. Violência 8A Vida Loka 8B Drogadição 8C Violência Policial</p>
--	--	--

Antes de analisar essas redes, vale descrever como elas foram desenvolvidas na presente dissertação.

Nosso ponto de partida foi a entrevista dos sujeitos da pesquisa. Examinando atentamente cada uma delas, buscamos identificar como cada um deles ia estabelecendo seus próprios *links*. Como se pode ver, em todos, encontra-se aquilo que chamamos de instâncias socializadoras – família, trabalho, escola, igreja. O fato de elas aparecerem em todos os discursos já indica que elas formam as redes de interação e os processos que tornam os nossos sujeitos interdependentes, não apenas entre si, mas com uma infinidade de outros sujeitos em outras instâncias que interferem e moldam os comportamentos dos indivíduos. Esta age, ao mesmo tempo, como instâncias que contribuem para praticar a moderação e controlar os seus impulsos. Segundo Elias:

(...) o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que é regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizadora. (Elias, 2004, p, 193-194)

É nesse processo que os jovens da pesquisa avançam do controle externo (pressão direta de uma dessas instâncias) para o autocontrole (incorporam as regras e passam agir a partir de uma vontade própria).

4.1.1 Tratando das fratrias:

Difícil no tratamento dos dados de pesquisa qualitativa é a análise dos mesmos. Como organizá-los, caracterizá-los e interpretá-los?

RIZZINI et. al. (1999) alertam que os cuidados com esse tipo de análise são requeridos, principalmente, quando se estudam aspectos de um fenômeno que ainda não foi investigado (Op. cit., p 89) Tradicionalmente, se utilizam nos estudos qualitativos dois tipos de análise: de Conteúdo e do Discurso.

Cada uma dessas análises tem história própria e explicações precisas, tanto no campo das Ciências Humanas quanto no da Psicanálise. Sobre esse panorama, vários autores já dedicaram páginas preciosas, descrevendo-os em

profundidade, por isso, vale à pena recorrer aos seus estudos porque ali se terá uma visão mais densa de cada método. Na presente dissertação, nos propomos apenas a falar do procedimento que adotamos em nosso estudo sobre a socialização dos jovens que praticavam lazer em uma praça de Belo Horizonte.

A escolha recaiu nas técnicas da Análise do Discurso, por estarmos, por meio de nosso enfoque, “menos interessados na estrutura formal da língua” e mais atento à busca dos significados compartilhados pelos sujeitos de um dado conjunto social, num determinado contexto de uma época específica (RIZZINI et. al., Op. cit., p. 99).

Os sujeitos foram jovens negros de sexo masculino que se encontram na Praça Santa Tereza para se divertirem, jogar cartas, tomar cerveja, namorar, zoar e etc. São jovens de um mesmo conjunto social, aqui definido em triplo pertencimento: classe social, racial e de gênero. O contexto comum em que vivem, não é apenas o imediato da pesquisa, a praça, mas é também o histórico-cultural, ou seja, são jovens que vivem numa época em que, como vimos no capítulo anterior, tem-se um quadro bastante complexo de juventude.

Apenas para lembrar, alguns autores têm assinalado o fato de vivermos em um contexto sócio-cultural no qual os jovens são vistos como um “problema”, e isto faz com que os coloquemos/vejamos sempre em “situação de risco” (DAYRELL e GOMES, 2005).

Aceitando a crítica postas pelos autores, buscamos verificar na análise do discurso dos jovens estudados se eles se descreviam como indivíduos que estavam em “situação de risco” ou se seus olhares iam em direção oposta a esse estereótipo.

Os estudiosos da juventude nos chamam, também, atenção, para o fato de que os jovens, hoje, se definem por algo que se traduz em termos de estilo³² que o leva a selecionar e hierarquizar valores e idéias, estéticas e modas, formas de relacionamento ou convivência que contribuem para modelar seus

³² Conceito amplamente desenvolvido por GIDDENS (2005).

pensamentos, sensibilidades e comportamentos (DAYRELL e GOMES, op. cit.; ABRAMO e DÁVILLA, 2006).

A busca desses estilos foi uma de nossas preocupações na análise do discurso desses jovens. Como definem o seu jeito de ser no mundo em que vivem? Outro aspecto que queríamos destacar no nosso estudo referia-se aos “ritos de passagem infanto/adolescente/juvenil”.

Mantivemos, sim, o conceito de adolescência tão criticado por alguns paradigmas, sobretudo pelas teorias sociológicas que assinalam o caráter “psicologizante” do termo. Não nos interessa, em hipótese alguma, reforçar esse debate que, embora frutífero, não ajuda esclarecer os processos que compõem a socialização dos jovens estudados. Não nos pareceu muito produtivo considerar um enorme intervalo nas faixas etárias sob a qual hoje se agrupa o conceito de juventude. A nosso ver, o intervalo de 13 a 25 anos não esclarece nuances importantes da trajetória dos jovens por nós estudados.

Lembramos que, quando os entrevistamos, eles já tinham idade superior a 18 anos. Pedíamos que nos falassem de seus primeiro contatos com a praça e seus encontros de lazer com seus novos pares. Nesse momento eles falavam de experiências vividas há cinco ou seis anos atrás, quando eram “adolescentes”. Entendíamos que a análise do discurso não podia negligenciar esse dado, a saber: os sujeitos que falavam de sua “adolescência” já haviam ampliado seu círculo de interação, incluindo novas experiências institucionais em sua rede de configurações, experiências estas que poderiam estar influenciando na forma como significavam as vivências anteriores a esta fase.

Pareceu-nos que a melhor abordagem para essa questão vinha de uma psicanalista, Maria Rita Kehl. Por questões da própria abordagem, ela não abandona o conceito de adolescência. Esta, no dizer da autora, tem, na modernidade (...) *o sentido de uma moratória, período dilatado da espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se comparam à vida adulta.*

Ao dizer isso, Kehl nos deu elementos, para analisar o discurso dos nossos jovens. Encontraríamos ali expressões desse hiato no qual o indivíduo sabe

que não é mais criança, e por isso tem de abandonar parte desse mundo, mas também sabe que não é adulto, tendo muito ainda o que aprender.

Para Kehl, o conceito de adolescência não é uma invenção puramente psicológica como críticos do referido conceito podem nos fazer crer. Como toda produção intelectual, é um conceito historicamente situado. Segundo ela, a origem e a história desse conceito coincidem com a modernidade e a industrialização (KEHL, op. cit., p. 99). Esse conceito, diz ela,

(...) é tributário da incompatibilidade entre maturidade sexual e o despreparo para o casamento. Ou, também, do hiato entre plena aquisição de capacidades físicas do adulto – força, destreza, habilidade, coordenação etc. – e a falta de maturidade intelectual e emocional, necessária para o ingresso no mercado de trabalho (p. 91).

Ao construirmos suas histórias, buscamos nos discursos dos jovens se haviam indícios dessa incompatibilidade descrita pela autora, ou como essa incompatibilidade foi experimentada por alguns deles que, embora não tenham tido uma experiência de casamento, tiveram relacionamentos sexuais que geraram filhos e até abortos. Ampliando o olhar para o mundo trabalho, decidimos interrogar como foram entrando para esse universo?

Kehl ainda assinala outro aspecto que nos interessou muito na análise do discurso dos nossos jovens. Ressalta a autora que, na atual sociedade capitalista, a condição de “adolescente” se estende cada vez mais para os chamados “jovens adultos”. Isto porque a exigência de maior escolarização, a alta competitividade no processo de trabalho e a escassez de empregos têm aumentado o período de dependência da família, têm apartado os “jovens adultos” das decisões e responsabilidades da vida pública (op. cit. p, 91). Em compensação, tal situação tem aumentado, e muito, a auto-responsabilização. Cada vez mais, falhas das políticas públicas têm sido apontadas como falhas individuais. Aos jovens tem-se atribuído uma imensa carga de responsabilidades que só lhes aumenta a angústia e a ansiedade.

Na lógica do capitalismo industrial, a adolescência, tal como descrito acima, só poderia, como diz Kehl, *se tornar uma idade crítica* (p.91). Mas o capitalismo, diz autora, tudo transforma segundo seus interesses. Aquela “crise” que *alia o*

tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou produzindo uma “nova fatia no mercado”. (op. cit. p, 91).

É importante ressaltar que tal perspectiva é também apontada por estudiosos da sociedade contemporânea. Renato Ortiz (2006), por exemplo, reconhece que para a juventude contemporânea são cotidianamente, dirigidos apelos incitando ao consumo de produtos que são apresentados como sendo elementos fundamentais de distinção e que rapidamente passam a sê-lo, entrando na lista das novas aquisições. O autor, identifica neste processo uma especificidade mercadológica do segmento adolescente (*teen*) e juvenil. Para este ele,

(...) a complexidade da vida urbana transforma os jovens em consumidores atomizados e necessitados de um vínculo, o qual é fornecido por agências de consumo que consagram valores e orientam a conduta. (p. 106).

Na visão do capitalismo atual, tanto para Renato Ortiz quanto para Maria Rita Kehl, o jovem passa a ser *considerado cidadão porque virou consumidor em potencial*. (op. cit. p,91).

Kehl não partilha muito do entusiasmo dos analistas sociais que lêem os jovens, de hoje, com padrões típicos das sociedades industriais, - no seu apogeu, entre as décadas de 1950 e 1960 -, quando o *jovem era a rebeldia contra os padrões estabelecidos, contra a moral hipócrita que sacrificava os prazeres do corpo em nome de uma dignidade vazia. Jovem era a adesão a utopias políticas que propunham um futuro melhor*. (op. cit., p. 91)

Para autora, as mesmas forças do capital que, na década de 1960, contribuíram para produção contra a qual os jovens protestaram, reorganizaram o *caos em um tipo de chamada lógica do mercado trazendo alguns benefícios e novas contradições*. A associação entre juventude e consumo, diz Kehl, *favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente hedonista* (op. cit. p, 93).

Engana-se quem acredita que essa cultura só atinge os jovens das elites, os únicos que de fato podem consumir e desfrutar da condição de jovens adultos

cujos desejos e caprichos são sustentados pelos pais. Kehl rejeita essa imagem, alegando que, na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas (p. 93).

Certamente, poucos são os que podem consumir todos os produtos que são oferecidos ao adolescente contemporâneo, mas a imagem do adolescente consumidor espalha-se e difunde-se inexoravelmente por toda a sociedade, oferece-se à identificação de todas as classes sociais (op. cit., p. 93), por meio da publicidade e da televisão.

A imagem que inclui todos os adolescentes de que fala Kehl envolve *a cultura da sensibilidade adolescente, da busca do prazer e de novas “sensações”, de desfrute da liberdade*. Na visão da autora, essa imagem integra

(...) do filhinho-do-papai ao morador de rua, do jovem subempregado (...) ao estudante universitário do Morumbi (ou do Leblon), do traficante à patricinha, todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do(a) jovem hedonista, belo(a), livre, sensual. (op.cit., p.93)

O efeito paradoxal dessa imagem, é que, enquanto imagem ela se estende a todos, mas apenas poucos têm acesso ao que ela oferece. Isso, segundo a autora, é o que tem aumentado exponencialmente a violência entre *aqueles que se sentirem incluídos pela imagem, excluídos das possibilidades de consumo*. (idem)

Inserimos essa longa reflexão de Maria Rita Kehl, em nosso trabalho, exatamente pela importância que ela tem no que se refere à construção das identidades juvenis no atual contexto. É lógico que o tema consumo não era o objeto de nosso estudo. Mas a emergência dele em todos os discursos analisados nos fez pensar que ali havia um padrão, apesar da pluralidade tão decantada nos estudos da juventude. Na análise dos discursos, tentaremos destacar como, nos enunciados dos sujeitos, o consumo emerge como um tema em torno do qual aparecem questões referentes ao trabalho e à aceitação e reconhecimento social.

Mas, como dissemos anteriormente, nosso interesse pela obra de Kehl, está ligado à sua abordagem psicanalítica. Lendo clássicos (Freud) e

contemporâneos (Jean-Jaques Rassial) da Psicanálise, a autora indica aspectos que achamos pertinentes incorporar na análise do discurso. É na adolescência, que se torna premente a questão do *amadurecimento dos órgãos genitais e da maturidade hormonal/genital*. É nesse período que se intensificam, segundo a autora, as perturbações relativas ao hiato entre o não-ser-mais-criança e não-ser-ainda-adulto.

De acordo com especialistas da adolescência, nesse momento, o indivíduo se *vê de uma hora para outra, excedido por seu corpo*. Para equilibrar essa abrupta percepção, o adolescente se vale de *objetos-fetiche* (Kehl). Ou seja, objetos que *sustentam como apêndices do corpo, o crescimento por ele reivindicado*. O boné, as bermudas largas que escondem as formas corporais crescidas em demasia, os tênis e sapatos descomunais são exemplos de tais objetos que, cada vez mais, ganham a adesão deste segmento.

Kehl reforça a idéia de que esses *objetos-fetiche* nada mais são que objetos transicionais que ajudam na difícil tarefa de reescrever esse novo corpo, estranho até para o próprio sujeito, nesse lugar também de transição entre a infância e a vida adulta que ele passa a habitar (op.cit., p. 95)

Essas indicações feitas pela autora foram por demais preciosas para o nosso estudo. Inicialmente, nós as vimos como elementos densos para análise da subjetividade juvenil em uma era de transições, mas, posteriormente, passamos a nos interrogar se, nos enunciados discursivos dos jovens estudados, encontraríamos indícios desses elementos: objeto-fetice e lugares, para eles, de transição entre a infância e a vida adulta.

Foi nesse ponto que adotamos, também, outra noção desenvolvida por Maria Rita Kehl, a saber: *ritos de passagem*. Lembrando que esses processos foram estudados por antropólogos para falar de momentos da trajetória dos indivíduos no momento em que estes passam de um estágio a outro da vida, e essa mudança representa prestígio e reconhecimento. É assim, que, em inúmeras sociedades, se caracterizou o célebre rito da passagem das crianças que ingressam na vida adulta.

Kehl assinala a falta de tais ritos nas sociedades laicas, o que obriga que se inventem situações que sinalizem essa passagem do mundo da infância para a vida adulta. Na sua concepção, são os *objetos de consumo e os espaços de freqüentação de adolescentes* que substituem os *ritos característicos das culturas pré-modernas*. São eles *a lanchonete, o baile funk, a boate, os megashows de ruas* (Kehl, op cit p. 95). A esta lista poderíamos, ainda, acrescentar as formas, as danças de rua, o jogo de truco etc, considerando serem estes elementos que, presentes no universo dos sujeitos de nossa pesquisa, possuem potencial para serem identificados como parte do conjunto de *situações de passagem* referidas pela autora.

Alguns tipos de consumo de substâncias “legais ou proibidas” para menores de dezoito anos podem, segundo autora, funcionar como *prova ou desafio para decidir a entrada dos novatos em certos grupos, estabelecendo a linha não só entre os caretas e os entendidos, mas entre os que são vistos como ainda crianças e os que já se consideram com um pé na vida adulta* (idem, p.95).

Desnecessário dizer que, na análise de discurso dos jovens, buscamos rastrear essas passagens, esses ritos, essa necessidade de se demarcar não mais como criança. A identificação destas passagens, por sua vez, nos permitiu caracterizar nossos sujeitos como estando, por um lado, para além da infância e/ou da adolescência – posto que se referem a estas fases como passado – e, por outro lado, aquém da fase adulta – posto estarem, ainda, aprendendo a sê-los.

O fato de vermos-lhes num movimento oscilatório por meio do qual suas formas de ser e estar os aproximava ora de um extremo, ora de outro, nos levou a identificá-los como **jovens-entrando-no-nundo-adulto**, expressão que, acreditamos, dá conta de captar a transição por eles experimentada.

Finalizando as contribuições adotadas da obra de Kehl para a análise dos discursos, ressaltamos um conceito fundamental para se compreender configurações, central em nosso estudo, que é o de grupo de jovens. São todos da mesma faixa etária, da mesma condição social e se encontram na praça para se divertir, para gozar a vida, para viver tudo que o princípio do prazer

requer. O conceito apresentado pela autora que ajuda a ler essa configuração é o de *função fraterna*.

Kehl considera que as “formações fraternas” se contrapõem ao individualismo das gerações jovens. A autora identifica formações fraternas que são próprias para a saída da infância e que *servem como ancoragem para novos pólos de identificação e para as criações de linguagem, necessárias à renovação de vida social*.

Essa observação é preciosa, na medida em que o nosso objetivo era encontrar, na interação dos jovens, esses laços de identificação e essas novas linguagens. Para a autora, o período em que se formam “turmas, grupos, bandos e gangues” é o da adolescência. Por isso, quando os nossos jovens, na entrevista, recuperam laços que tinham na adolescência, imaginamos que ali podíamos identificar as “fratrias”, para falar como Kehl, que os teriam socializado para além, é claro, do grupo familiar e da escola.

A diferença entre relações fraternas e as outras reside exatamente na sua articulação. Nas “fratrias”, as ligações são horizontais, tais como as que ocorrem nas relações entre irmãos, no interior da família, enquanto as ligações com outros membros adultos são verticais.

Kehl reconhece que a Psicanálise deu pouca atenção aos laços fraternos, enfatizando as relações verticais com os pais. Mas, entende a autora, que as “relações horizontais” têm uma função importantíssima para o indivíduo na passagem da infância para o mundo adulto.

O pertencimento a uma turma de amigos funciona, segundo a autora, como novo “batismo” do adolescente. Pode acontecer que, na entrada, se ganhe um “novo apelido, baseado em algum traço predominante de sua aparência ou comportamento”. Para Kehl, “o apelido não é exatamente uma nova identidade(...) mas auxilia na passagem das identificações infantis para um novo campo identificatório de indivíduos que está tentando ultrapassar as referências familiares” (p. 112)

Segundo a autora, as turmas funcionam como incentivo para as experiências transgressivas, essenciais para que o sujeito possa simbolizar a lei e se relacionar com outro e com as restrições que ele impõe. As pequenas transgressões são, neste contexto, muito mais uma demonstração de liberdade. Os adolescentes experimentam, por meio delas, uma ampliação do campo de possibilidade e de criação, percebendo que alguns tabus impostos pelos pais podem ser desafiados, com a proteção do grupo, sem grandes e graves conseqüências. (idem)

Outro aspecto importante da socialização em “fratrias” é a linguagem desenvolvida pelo grupo. Passam a nomear o mundo de outra maneira, às vezes até em linguagens secretas, ou com termos e vocabulários que precisam ser traduzidos pelo pesquisador.

Foi assim que passamos a caracterizar o grupo de jovens do estudo. Seus encontros e suas trocas de experiência se dão sob laços horizontais por meio dos quais eles foram amparados nessa transição do mundo da família para o “mundo”, no sentido amplo do termo.

Voltando para análise do discurso dos nossos jovens, situamos os textos que iremos interpretar. São as transcrições das entrevistas foram realizadas, por escolha dos próprios sujeitos da pesquisa, na praça. Tais textos contêm enunciações que denunciam posições sócio-históricas; falam da situação de jovens que buscam oportunidades de inclusão social e que se deparam com barreiras sociais e com preconceitos.

Ao ouvir os sete jovens, tínhamos como pressuposto de que havia um processo discursivo que caracterizava o seu grupo. Entendíamos, também, que eles produziam um discurso para mim, pesquisador, e que me identificavam desde o início como professor. Isso significa que “essas condições” interferiram na produção dos discursos, pois, como lembra RIZZINI et. al, *quando alguém fala ou escreve, o faz para um outro ou outros com objetivos determinados* (RIZZINI, 1999, p,100). O discurso é preparado sempre com uma intenção, mesmo que o sujeito falante não tenha consciência totalmente disso.

Assim nem tudo o que os jovens estavam dizendo se dirigia a mim. Por isso, procuramos, na medida do possível, identificar para quem estavam se dirigindo, o que diziam e com qual intenção.

Transcritas as entrevistas, nós, o pesquisador e o orientador, fizemos inúmeras leituras dos textos, visando identificar como os sujeitos se articulavam no discurso. Quem era, de fato, o autor ou os autores dos discursos e para quem eles falavam e por quê. Para isso, usamos o que tradicionalmente ajuda nesse tipo de identificação: as marcas lingüísticas, as relações entre sujeito e predicado, os tempos verbais, o tratamento, a pessoa do verbo, o gênero, etc.

Nos discursos de nossos jovens, todos muitos falantes e com muito trato argumentativo, nem sempre os “autores”, do que estava sendo anunciado, eram eles mesmos. Muitas vezes, escondiam a autoria de quem falava. Em geral, isso acontecia, quando o enunciado discriminava ou estigmatizava o jovem que estava sendo entrevistado. Sem diminuir a presença do jovem no discurso, o que estávamos buscando era determinar quem o falante elegia como autor do seu discurso e por quê. Em suma, quem ele escolheu para dar significado às coisas que ele estava vivenciando.

Quanto aos temas que privilegiamos no estudo, passou-se, também, por um amplo debate o orientador e o pesquisador para que pudéssemos escolher o que seria mais adequado ao estudo. Como o nosso objeto estava centrado na questão da socialização desses jovens, decidimos que os temas focalizariam, sobretudo, instâncias responsáveis por tal processo, assim como as interações dos jovens com cada uma delas.

Nos discursos dos jovens, privilegiamos os diálogos nos quais eles falam do lugar em que vivem e no qual estabelecem conexões entre o bairro em que moram e a praça que escolheram para diversão e lazer. Nesse discurso, eles falam também das transgressões, do convívio com os outros jovens, com histórias e vivências muito diferentes das deles. Outro enunciado privilegiado na análise de discurso refere-se às questões da família: como os jovens as vêem, como significam a vida familiar, que valores são destacados. Buscamos, também, situar enunciados que falassem das relações desses jovens, com o

mundo do trabalho e com suas ambições. O tema do lazer foi ampliado para outros espaços de socialização com o intuito de captar as “fratrias” sobre as quais Kehl nos alertou. A escola aparecia nas falas dos jovens, fragilmente, muito embora todos apresentassem vivência e experiência relativamente recentes com a instituição ensino. Outros temas também foram analisados não com a mesma ênfase dos anteriores, posto que tiveram pouco espaço nos discursos, como é o caso da discriminação racial.

Os nossos jovens falam como jovens. Dito de outra forma, eles fazem “um certo” uso da linguagem que os identifica. As principais características de suas linguagens é a simplicidade e a recorrente não concordância entre o sujeito e o predicado. O uso constante de expressões típicas do universo juvenil, classificações próprias para designar as diferenças sociais dentro do grupo, tais como patricinhas, mauricinhos, boy e vida loka.

Não foi fácil estabelecer a coerência interna do discurso, porque a pluralidade de temas e sub-temas que desfilam em cada enunciado davam ao texto uma complexidade não esperada. Mas, mesmo assim, tentamos, na medida do possível, revelar as intenções e as motivações do falante. Quando comparamos cada discurso analisado, não foi difícil identificar formas consensuais de exprimir idéias. Em todos os discursos, existem coisas subentendidas, frases inacabadas cujo sentido, para nós, foi muito difícil decodificar. Mas, como, nos lembra Rizzini, et. al (op. cit), *quando falamos para alguém que pertence ao mesmo grupo, muitas coisas não precisam ser ditas. Basta a menção a algum aspecto compartilhado para obtermos a compreensão do outro* (op. cit, pág. 104).

Como nos lembram esses estudiosos da análise do discurso, os pertencimentos de cada indivíduo podem formar um bloco semântico, ou seja, um mesmo jovem é filho, pai, negro, um profissional e aluno. Cada uma dessas categorias pressupõe sua participação em um dado grupo e cada grupo desenvolve sua maneira de ver e de dizer as coisas. (RIZZINI et al, op. cit).

O intertexto, em nossa pesquisa, aparece sempre no final das análises das temáticas. Nele tentamos revelar os nexos implícitos de um discurso. Não

serão, portanto as significações que estaremos procurando desvendar, mas *aquilo que dá inteligibilidade e organização ao discurso* (RIZZINI et. al. op. cit. p. 105).

Finalizando a parte de orientações para a análise do discurso, ressaltamos que trabalhamos, em nossa pesquisa, com a idéia de tipologias de Eni Orlandi (1983), por meio da qual ela se baseia nas características do próprio discurso, a saber: reversibilidade entre os interlocutores, o objeto do discurso e o grau de polissemia. Existem situações em que o falante não volta atrás em hipótese alguma, foi dito e ponto. O objeto permanece oculto. Há um único agente do discurso; trata-se da polissemia contida. Em outras situações, tudo se inverte: os interlocutores voltam atrás e mudam os seus argumentos. O objeto de estudo se mantém como tal na interlocução, resultando em uma polissemia escancarada. Nesse segundo modelo, os falantes são do mesmo nível hierárquico e suas intenções se adaptam em cada momento de discurso. Mudam facilmente de ponto de vista. Por fim, há o modelo, sobre o qual a presente dissertação trabalhou. Neste, a reversibilidade no discurso se deu sobre certas condições. O objeto do discurso estava presente, mas sob perspectivas particularizantes, dadas pelos participantes que procuravam dar-lhe um sentido. A polissemia ali estava controlada.

Entendemos que o terceiro modelo foi o mais adequado uma vez o pesquisador e os jovens eram próximos no gênero e no pertencimento étnico, mas diferiam em todas as outras variáveis. Talvez as que mais tenham pesado foram a idade e a atividade. Não esquecer que quase todos eram jovens, recém saídos do ensino médio e o pesquisador se identificou como docente. A imagem de um professor para jovens que acabam de sair da escola tem uma representação que não se pode negar. Dificilmente teríamos com aqueles jovens uma relação horizontal. Contudo, garantimos que esta não fosse vertical, autoritária. Por isso, nossa interlocução com eles foi flexível o tempo todo. Não interferíamos quando mudavam suas posições discursivas. Não os checávamos para saber se era mentira ou verdade o que estavam dizendo. Tentamos contornar os riscos da polissemia interrogando-os sobre palavras e conceitos que poderiam estar sendo empregados com sentidos diferentes. Consideramos todos os enunciados ditos por eles como elementos que

compõe suas identidades, mesmo naqueles casos em que estava claro que o discurso que nos estava sendo dito era a incorporação do discurso de outra pessoa não presente fisicamente, mais que havia influenciado muito o pensamento dos jovens.

Dito isto, passemos à análise do discurso. A apresentação seguiu a lógica temática. Alertamos, entretanto, para o fato de que vários temas que aparecem nos discursos foram abandonados na presente dissertação. Alguns porque não permitiam traçar uma estrutura de pontos comuns e outros porque se distanciavam muito do objetivo da pesquisa.

Como pretendemos esclarecer os processos de socialização dos jovens a partir de diferentes configurações começaremos pela configuração “praça”, tendo em vista que ela foi a razão do próprio estudo. Nas páginas seguintes tentaremos esclarecer como os jovens chegaram à praça e o que os levou a tomá-la como um espaço no qual encontravam pares para se divertir.

4.1.2 A praça e o encontro com os pares: as relações fraternas

Com exceção de dois jovens que moravam no bairro de Santa Tereza todos os outros eram moradores de outros bairros da Regional Leste da cidade de Belo Horizonte. Os discursos dos jovens sobre o bairro mostram em detalhes como a Praça de Santa Tereza se compõe para cada um deles, constituição que, como se poderá ver, contém certo padrão dos costumes que não escapa à percepção dos jovens.

Começemos com o discurso de ELEPÊ, que vem, como já informamos no início dessa dissertação, de uma cidadezinha do Norte de Minas Gerais para viver com a mãe que, na época, morava no Bairro de Santa Tereza. Acompanhemos seu discurso para ver como ele vai construindo a descrição do bairro:

(...) Eu tô aqui em Belo Horizonte já tem três anos e uns três meses (...), cheguei e me deparei com Santa Tereza que é o lugar que minha mãe se encontra e comecei a fazer amizades (...) como eu sou mais sério, um pouco tímido, foi difícil de fazer amizades... (ELEPÊ)

Chama-nos a atenção a mudança de rota no enunciado. Começou falando como chegou e porque está em Santa Tereza. Interrompe para fazer referências à sua forma do ser. O tempo verbal está no presente. Significa que sua timidez e seriedade não existiam apenas quando chegou, mas continuam existindo.

(...) fui fazendo [amizade] aos poucos, entrosando no meio da galera, trocando idéias e vi, também, que aqui na Praça rola, sempre desde que eu cheguei, bebida, drogas. **O que cê procura aqui, você acha nessa praça**, no meu ponto de vista... (ELEPÊ, o grifo é nosso).

Veja como na seqüência ele vai introduzindo no discurso algo que considera muito importante. Em sua capacidade de ir perdendo a timidez e ir se mostrando, ELEPÊ não tem qualquer constrangimento de chamar o grupo com quem se entrosou de “galera”. Mostra, também, que é capaz de ver todas as transações que ocorrem na Praça, mesmo as que são julgadas como ilícitas. Ele passa uma imagem da Praça como sendo um território onde é possível satisfazer todos os desejos, sem restrição. Mas, ao entrar nessa linha de apresentação, ELEPÊ muda bruscamente o sujeito de ação. Não é mais o seu “eu”, mas é um “você” (impessoalíssimo): o que “você” (e não eu) procura, você encontra”.

É preciso esclarecer que esperávamos que ELEPÊ falasse de suas relações pessoais na Praça. Mas, como se verá na seqüência do discurso, sua intenção era, antes de mais nada, nos fazer conhecer algo do lugar que supunha que não soubéssemos.

(...) se ocê quer um beck (...) desce ali embaixo que encontra... Se quer fumar, **cheirar uma farinha** (...) procura aí em redor que você vai encontrar alguém que tenha (...) vai disponibilizar a você (...). (ELEPÊ, grifo nosso).

Nesta fala, ELEPÊ demonstra que tem domínio sobre o espaço que frequenta e que sabe tudo o que ali acontece, mesmo as coisas que nem sempre estão visíveis. Elas existem e ele sabe onde se encontram.

Mas, logo a seguir sua intenção no discurso muda radicalmente. Como está produzindo um relato para nós, parece-nos que ele pretende nos dizer que apesar do fato de todas essas “coisas” estarem à sua disposição, ele tem controle sobre si próprio. Ele se auto-controla, e nos revela isto por meio de um

com um discurso poderoso; ou seja, ele não precisou se afastar dos grupos e pessoas envolvidas com bebidas e drogas. Ao contrário, está entre eles, mas não partilha das mesmas necessidades:

(...) pelo fato de eu sempre estar envolvido no meio disso, dessa **galera**, dessa **rapaziada um pouco rebelde**, que eu sempre procuro estar no meio (...) mas não me entrosando tanto. Não fazendo o que eles fazem. Já fui convidado para roubar (...) falaram vamos pra Savassi. Vamos meter umas fitas. Pegar uns celulares, um V3. Falei: não... (ELEPÊ, grifo nosso)

Essa posição apresentada nos interessa sobremaneira à medida que ela nos remete a questões relativas aos processos de controle e autocontrole. O discurso acima intenciona mostrar ao pesquisador que o jovem é capaz de se auto-controlar. Pode-se ver que a sua rejeição veemente não se deu em relação às drogas, mas em relação a um tipo de delito que implica infligir um dano a outrem. Na seqüência do discurso, ELEPÊ admite que as pessoas (inclui o pesquisador) podem ter dele uma imagem, mas elas, segundo ele, se enganam:

(...) eu posso aparentar ser uma coisa. Mas eu não sou. Esse é o meu lado. Não gosto de atrasar o lado dos outros (...). Vim convivendo aí no meio do pessoal (...) de um tempo (pra cá) procuro evitar (...) ficar no meio da galera. Se tá rolando um **beck**, eu já saio de perto (...). (ELEPÊ)

É inevitável a comparação. Nessa relação entre os pares, nesse relacionamento horizontal, a passagem dos indivíduos de uma situação a outra é separada por um fio muito tênue. Atravessar a fronteira é uma questão de minuto. Mas ELEPÊ faz questão de acentuar que, apesar de estar no meio da galera, ele é diferente. Não porque ele não faça algumas coisas que os outros membros do grupo fazem. Mas porque ele sabe se portar perante o mundo social que lhe cobra controle de suas pulsões e desejos:

(...) eu não tô falando que eu não fumo. De vez em quando eu fumo. Mas eu gosto de ser aquele cara discreto (...) eu fumo um **baseado** e não vou sair por aí gritando pra todo mundo (...) ah! Eu fumo um **beck!** Eu cheiro! Eu bebo! Eu viro a noitada... (ELEPÊ, grifo nosso)

Com essa fala, ELEPÊ re-classifica suas transgressões e revela que tem, algumas que ele não descarta da sua vida. Entretanto, ele procura preservar sua imagem e, nesse caso, a discrição é a atitude adotada.

Na continuidade imediata de seu relato, ELEPÊ rememora outro momento da praça em que, para ele, a “galera” era outra:

(...) no começo, quando cheguei, aqui era legal, ficava uma galera tocando um violão, fazendo um lual na Praça (...) só dava gente boa. Não rolava briga nem nada. Só curtindo a noite, a night. (ELEPÊ)

Ressaltamos o tom em que essa parte do discurso foi proferida: de uma certa nostalgia provocada, talvez, pela sensação de que algo muito especial se foi e que não voltará mais. Essa sensação de que o bem se esvaiu, foi observado, com o tempo, por nós em antigos moradores de Santa Tereza, que não se sentiam mais satisfeitos nem seguros com a atual situação.

O discurso de ELEPÊ reflete um pouco esse sentimento. Ele constrói os argumentos para mostrar o que se esvaiu em tom absolutamente impessoal. Ele não se coloca como sujeito no discurso, mas com sua fala se torna portavoza de um sentimento que é mais geral.

(...) No decorrer desse tempo, coisas mudam. Como tudo muda, a Praça vai ganhando novas caras. Umas bem antigas que nunca mudam, sempre as mesmas (...). Mudou a pessoa que vem (...) que passou a ficar (...) como diz, a **galera** mais da periferia que antes não rolava, já tá descendo mais. Então, começa aquela quebração de garrafa, gritarias, palavras de baixo calão (...) coisa que eu não curto. Não é do meu feitio (...) começa a quebradeira (...) eu procuro sair de perto, me ausentar daquele pessoal que está fazendo isso. (ELEPÊ, grifos nossos)

Fica claro que ELEPÊ, como morador recente da cidade, mas residente em Santa Tereza, expressa um sentimento de contrariedade com o que está acontecendo. O “diabo” é outro. Quem perturba o ambiente é a periferia e não os moradores de Santa Tereza. São os jovens que vêm de outros bairros. Diante disto a pergunta que fica é por que ele ainda vinha à Praça neste contexto de quebradeira e gritaria? Sua fala seguinte é esclarecedora:

(...) pelo fato de eu vir morar com a minha mãe e o meu padrasto, eu não me senti totalmente, como é que se diz? Eu não me sinto à vontade dentro de casa com eles. Então chego à noite, eu chego do trabalho, aí eu venho pra Praça... é minha rotina. Quando eu trabalhava de sete às cinco da tarde, trabalhava o dia todo, à noite, podia marcar, eu estava aqui na praça, **quando não encontrava um outro lugar para ir** (...) eu tô levando essa vida até hoje, **procurando alguma coisa**, algum lugar pra mim, (pra) que eu possa ficar tranquilo, **para que eu possa evitar um pouco essa Praça**, porque quem está aqui, uma parte da galera (..) tem um lado bom. Essa parte eu coloco como o meu lado (...). O lado de lá, o lado acima do

coreto (...) o lado do quartel, o lado do bolão³³ rola um “beckzinho”, a galera fuma, mas é menos, eu acho que é uma parte light... [Já] essa parte de cá (...) em frente do quartel, rola mais bagunça (...) a galera chapando, fumando escrachadamente (...). Então, eu gosto de ficar lá do outro lado, do lado que tem como **cê ficar lá sozinho** se você tiver a fim de refletir. A galera não te acha do outro lado (...). Teve uma vez que eu vim, fiz por experiência de estar vindo na praça, mas não freqüentar o lado que a galera fica. Então ficava mais escondido, lá nos fundos, **só observando**. Aí e tal, dava uma volta e a galera falava: noh!, cê sumiu! Cadê ocê? Eu tava lá do outro lado **observando** todo mundo (...). Eles pensavam que eu não estava vindo na praça, mas eu continuava freqüentando só que do lado que eles não costumavam freqüentar (...), eu tava **observando** eles sem que eles me **observassem** (...). Eu continuava na praça, por falta, talvez, de **opção de ter ouro lugar pra eu ir**.” (ELEPÊ, grifos nossos)

De um só golpe, ELEPÊ esclarece um bom número de questões que tínhamos ao começar o estudo. O que faz com que os jovens venham à praça? Como se estruturam os espaços na Praça? Por mais fina que fosse a percepção do pesquisador, dificilmente conseguiríamos captar uma “estratificação” de galeras na Praça tão detalhada como ELEPÊ nos ofereceu.

Deixando para a outra seção o seu relacionamento conflitivo com a família, centramos por ora a atenção no significado que a Praça tem para ELEPÊ como um complemento de sua rotina. Sutilmente em seu discurso aparece “um senão” que indica que “vai à praça” por não ter outro lugar para ir, ou seja, em seu caso, ela não é exatamente um porto-seguro como havíamos pensado. Sem muita dificuldade ELEPÊ traça um panorama muito sugestivo do lugar e revela que a Praça tem, para ele, divisões muito claras e que só alguém, como ele, que convive intensamente no ambiente estudado é capaz de identificar. Em poucas palavras, ELEPÊ subdivide o lugar em três setores que agregam “galeras” diferentes e assinala que ele se situa no “lado bom” da Praça.

Mas o mais surpreendente no relato é o seu gosto de ficar só. O sujeito do enunciado muda para um “você” indeterminado. O excitante do jogo é observar sem ser observado. Essa vontade de sumir na multidão, de ficar invisível, de ver sem ser visto, talvez seja um dos sintomas mais prementes do universo midiático e monitorado aos quais os jovens estão submetidos cotidianamente.

³³ Restaurante da praça, freqüentado em Belo Horizonte e tombado como patrimônio da cidade.

Com o relato de ELEPÊ, vimos que há uma infinidade de imagens e de desejos que muito provavelmente são compartilhados por outrem e é em busca destes que iremos a seguir. Para tanto, comparamos o seu relato com o de outro jovem que, como ele, também não nasceu em Santa Tereza, embora residisse lá no período da realização da pesquisa.

JOU mora no Bairro de Santa Tereza, e o considera como sendo “a região mais nobre e calma de Belo Horizonte”. Sorri, ao dizer isso, o que deixa o entrevistador em dúvida quanto a seu sentimento em relação ao bairro. Mudou-se para lá para morar com o pai e a madrasta, quando tinha trezes anos de idade, ou seja, ainda no início de sua adolescência. Antes, morava com a mãe e a avó, na favela da Pedreira Prado Lopes. Ele não explica o motivo que fizera com que o pai fosse buscá-lo para morar com sua nova família mas, ao descrever suas impressões do antigo local de moradia, nos oferece algumas pistas:

(...) Favela!, e lá no miolo!. A área onde os negócios aconteciam (...). Era tudo de ruim, tudo o que você pode pensar: droga, mortes, traficantes batendo nos outros, tiro, tudo. Tudo envolvendo isso acontece logo lá. E polícia batendo em neguim que não tinha nada a ver (...) dando geral nas pessoas erradas. Você dormindo e tiro sapecando na sua janela (...) tendo que dormir no chão, desse jeito. É aonde você aprendia virar homem (..), com dez anos, já tinha aqueles que achavam que era homem (...) com uma arma na mão (...), dez, doze anos (...). Hoje, a maioria está no caixão (...) desse jeito. (JOU)

Em um breve e curto relato, JOU descreve o que vários estudos acerca do homicídio entre jovens já falaram e denunciaram. Recentemente, Marcelo Paixão divulgou resultados de sua pesquisa com base em dados do PNAD mostrando que essa triste estatística é composta, na maioria, por jovens negros entre 15 e 24 anos, faixa etária em que JOU se encontrava. A diferença entre o seu relato e os das pesquisas é que ele nos fala da sua vivência, revelando que esta corrobora com o cenário da violência no qual vive uma parcela significativa dos jovens no Brasil.

Ainda que não ele diga a razão pela qual o pai o arrancou daquele ambiente, fica subentendido em seu discurso que a motivação principal era de protegê-lo, de alguma forma, do “futuro breve” que ele afirma ter marcado a vida dos muitos meninos de lá, que aos dez, doze anos “aprendiam a virar homem”.

Assim, aos 13 anos JOU vai viver com o pai e a madrasta. A considerar as imagens que ele seleciona para falar de sua chegada na nova morada, inferimos que sua vinda para Santa Tereza representou para ele a ruptura com coisas e pessoas com as quais ele tinha importantes ligações afetivas:

(...) vim morar com meu pai. Tinha deixado todos os **meus amigos para trás, colegas, minhas meninas**, tudo para trás. Vim para um lugar **totalmente novo, totalmente diferente da cultura mesmo**, de onde que eu vivia, do jeito, do estilo de viver. Quando eu cheguei aqui, para mim, **todo mundo era estranho**. Eu era estranho também. (...) Então eu não gostava de ficar dentro de casa porque eu não ia muito com a cara de meu pai nem da minha madrasta. Então eu vinha pra Praça sozinha, tomar um sorvete, beber, fumar. Depois fui enturmado com as pessoas que freqüentavam aqui, que pareciam um pouco comigo no estilo. Fui criando amizade com alguns. Hoje eu tô aqui com os meus amigos e feliz. (JOU, grifos nossos)

Veja que para JOU, assim como o foi para o ELEPÊ, a Praça foi uma espécie de refúgio. O espaço em que poderiam encontrar a “tranqüilidade” desejada não foi o lar, “foyer”, mas a praça, o espaço público; foi ali que eles encontraram os seus afetos.

Esse trecho de seu discurso é para nós significativo porque ele, um jovem de 20 anos, rememora uma experiência de quando tinha 13 anos. Ao fazê-lo, ele cria um argumento poderoso no qual trata duas situações de forma contundente: o mundo do qual foi arrancado (dos amigos, colegas e meninas, todos tratados carinhosamente pelos “possessivos” meus e minhas) era algo que ficava para trás com certo pesar; e o mundo para o qual foi trazido, este que, por sua vez lhe era frio, distante, estranho.

O primeiro obstáculo que teve de enfrentar foi o do convívio familiar: viver sob a lei do pai e de uma madrasta com a qual não tinha qualquer relação. Mas, desse conflito com a família falaremos na próxima seção; por ora, continuaremos nossa análise de sua aproximação com a Praça.

Um primeiro elemento que esclarece a aproximação foi o próprio jovem quem nos ofereceu: na Praça ele foi reconstruindo laços fraternos com seus pares. A forma como ele a descreve deixa transparecer que ali havia uma “formação fraterna” tal qual esta foi descrita no estudo apresentado por Maria Rita Kehl (op. cit.,) que lhe serviu de *ancoragem para novos pólos de identificação e para as criações da linguagem* (idem, p. 111).

JOU deixa bem claro que o encontro na Praça com a “sua turma” representou um importante momento de afirmação nessa passagem do mundo da infância para o mundo adulto, conforme sinalizou Maria Rita Kehl na citação acima.

Quando lhe perguntamos o que vinha fazer na Praça, ele não titubeou e nos disse:

(...) quando eu to aqui na praça, eu bebo. Agora até que eu dei um tempo de beber e fumar. Mas antes? Bebia, fumava, zoava aqui com os **meus amigos**. Brincava. Trocava uma idéia, às vezes mesmo uma idéia séria (...) os problemas da casa da gente, coisa do trabalho, do serviço (...) até negócio de emprego, de igreja, eu já conversei aqui com muitos amigos **meus**. A gente vem mais pra falar dos problemas de casa, desabafar um com o outro, zoar, ficar com as meninas. (JOU, grifo nosso)

Essa citação lembra os “ritos de passagem” de que falou Kehl no estudo supracitado: beber e fumar são marcadores na passagem para o mundo adulto, ou pelo menos, é uma indicação para dizer que “eu-não-sou-mais-criança”.

A idéia da passagem ao mundo adulto fica reforçada com a descrição do que mais ele faz na Praça com a sua “turma”: conversar coisas sérias. Não é coisa de criança. Mas tem mais, ali, eles não só desabafam, ou seja, os contatos propiciam dizer coisas que não podem ou não querem falar em casa, ou em outro lugar qualquer. Fazem coisas próprias dos jovens, da cultura juvenil: **zoar**. E ainda, **ficam** (o que, na linguagem dos jovens, é o mesmo que namorar, sem compromisso).

Mais adiante, em outro momento da sua entrevista, JOU nos oferece um retrato tão detalhado quanto o que ELEPÊ nos ofereceu na praça, a partir de suas observações. Interrogado acerca de como era o “visual” do pessoal que freqüentava a Praça de Santa Tereza, ele disse que

(...) é mais as **tribos**, os **grupinhos**, a **galerinha**. Tem o pessoal tipo **boy**. Tem os **vida loka** que é mais solto. Tem o pessoal **mais-na-deles**, mais quietinho. Tem o pessoal que já **zoa prá caramba** (...) apronta (...), tem os **bombadão** que fica tirando onda, os **branquelos** (...). Cada um pro seu lado (JOU, grifo nosso).

Só um nativo ou um antigo freqüentador de Santa Tereza poderia classificar com tantos detalhes os grupos que se formam naquele espaço público. Lembrando que a classificação é, ao mesmo tempo, uma das possibilidades

dos processos cognitivos e um processo social que se aperfeiçoa à medida que os indivíduos constituem suas pertenças. O classificado é sempre o grupo que é diferente do meu grupo.

Ainda que JOU não nos tenha dito de onde surgiram essas classificações, não há como não reconhecer que ele utiliza um vocabulário próprio para nomeá-las. Consciente ou inconscientemente, elas são usadas para dar significado à pluralidade ou, se preferir, à juventude no plural de que falam os especialistas.

Mas deixamos para que o próprio “etnólogo” de Santa Tereza nos explicasse o significado de alguns termos:

(...) **Vida loka** para mim seria aquele **cara** mais **do meu jeito**: um cara que trabalha, faz sua **correria**. Não são todos que trabalham, são alguns. Mas mesmo assim, fazem a **correria** deles para ganhar o dinheiro só deles, de uma forma ou de outra. E quando ele ganha, vem curtir os amigos dele. **Zoar**. Beber. Fumar. Dar um **rolé** com a **mina** dele. Fazer uma gracinha para outras mulheres, tipo ficar trocando aquela idéia já mais zoeira com os amigos dele. (JOU, grifos nossos)

Nesta passagem é interessante observar como, sorrateiramente, ele se definiu na explicação. Ele diz como ele acha que é ou, pelo menos, como quer ser visto. O **vida loka** é um cara que trabalha, mas curte o prazer. Alguém que tem, na sua concepção, um certo controle:

(...) **Os mais-na- deles** (...) é um **grupinho** menor (...) tá sempre ele e mais um (...) mais dois (...) conversa light (...) nem toma muito (...), tá ali quietinho. Não arruma confusão com ninguém (...), bebe ali a **cervejinha** dele, **quietinho** no canto dele. Dá dez horas, onze horas. Vai embora, é isso. (JOU, grifo nosso)

Da forma como é descrito, trata-se de um grupo quase imperceptível. Os diminutivos do enunciado demonstram que os assim chamados não interferem ou não atraem o jovem JOU. Fazem muitas coisas que os jovens fazem, mas sem transgressões. Recolhem-se cedo, o que destoa de certo imaginário que se tem dos jovens.

(...) O **bombadão, branquelo e boyzinho** (...) esses são o pessoal aqui de Santa Tereza. A massa de Santa Tereza. A maioria (...). É o pessoal mais... Eles se acham, se denominam de classe média-alta (...). Na maioria das vezes, eles não têm nada ou têm **igual a você**. Mas ficam aí tirando **onda e sarro** da cara dos outros, porque andam um pouco melhor, é porque andam com roupa da moda (...) roupa de marca, original (JOU, grifos nossos).

JOU deixa claro que não tem nada a ver com esse modelo de jovem. Curiosamente, ele os identifica como jovens do Bairro de Santa Tereza, bairro no qual ele mora, também, com a família. A distinção que ele faz é de classe e os indicadores de distinção são as roupas, as marcas, o consumo. Mas à frente analisaremos a dimensão consumista aventada por Kehl (op.cit).

Outro jovem, BLUBLU, que não mora no bairro, mas frequenta a Praça de Santa Tereza desde os quatorze anos de idade tem uma percepção da mesma, pautada em imagens “míticas” e históricas de uma época em que ele nem era nascido.

Eu gosto muito da Praça Duque de Caxias porque além de ser uma praça linda, é uma praça onde foi criado o Clube da Esquina que é um clube de cantores que eu admiro muito... Admiro muito a música popular brasileira. Acho **até uma sensibilidade muito grande da minha parte**, por ser um rapaz jovem e gostar da música que nem todos os jovens admiram... (BLUBLU, grifos nossos)

Ao falar do porquê gosta da Praça, BLUBLU aproveita para se apresentar. Ele inicia trazendo uma informação que, de fato, é um pouco distante das experiências de sua geração e dos estilos musicais apreciados por seus pares, mas que o faz se sentir distinto do conjunto; descreve a si próprio como um “jovem sensível” por admirar algo que acredita que a maioria dos seus colegas “desconhece”.

BLUBLU mora em outro bairro de Belo Horizonte, considerado pelos moradores de Santa Tereza como “periferia”. Manteremos o termo entre aspas, porque ele não corresponde ao sentido dado pela Sociologia urbana ao termo para falar da dinâmica das cidades na constituição de seus aglomerados humanos. Para os jovens por nós entrevistados, “periferia” designava tudo o que não era Santa Tereza, e ainda, associava-se à idéia da “favela”, entendida enquanto área de moradia de pobres, desprovida dos recursos básicos, mesmo que o indivíduo a quem se referissem não morasse em uma favela.

BLUBLU fala de seu bairro utilizando duas imagens opostas. *Lá é um bairro igual a todos, tá um pouco **violento** e tal, mas é um bairro muito **tranquilo**.* Em seguida ele indica o quanto seu local de moradia abriga referências importantes para sua socialização:

Eu **gosto** muito da convivência lá com os **meus amigos**. Conheço bastante gente lá. **Minha família** praticamente toda mora lá. A diferença de casas é de quarteirões(...). (BLUBLU grifos nossos)

BLUBLU fala de um bairro que foi fundado no início da criação de Belo Horizonte, bairro de classe popular, de trabalhadores; pode-se dizer que é um bairro tradicional que preserva, como marca a concentração de pessoas de uma mesma família ou aparentados em uma grande extensão. Na perspectiva da socialização e das configurações no interior das quais os indivíduos estabelecem suas redes de interdependência e desenvolvem sua capacidade de auto-controle, temos aqui um bom exemplo de como ainda é possível persistir núcleos habitacionais em um grande centro urbano, preservando traços das pequenas cidades. Mas esse assunto envolvendo configurações familiares será tratado mais à frente. Por hora, basta identificar no discurso de BLUBLU, o que o faz sair de seu bairro e chegar a Santa Tereza:

Oh, eu comecei a vir a Santa Tereza, que eu lembre, foi a partir de quando eu comecei a vir com meus amigos pra freqüentar a feirinha (...) que era toda sexta feira... era o **point** aqui de encontro dos jovens e tal (...). Vinha para **paquerar**, paquerava bastante (...), arrumei **várias gatinhas** aqui na Praça (...). vinha também no **forrozinho** que tem aqui num lugar bem próximo; já vim no Clube da Esquina, um bar que tem aqui perto (...), no Bolão e vários outros lugares aqui... (BLUBLU grifos nossos)

Claramente o deslocamento de BLUBLU de seu bairro para a Praça, aos quatorze anos de idade, se deu por meio do suporte dos pares, de seus “fraternos”, todos atraídos por um evento que, segundo sua percepção, juntava os jovens. O uso do termo em inglês *point* e a forma como foi usado no discurso retrata que BLUBLU é um jovem diferenciado dos outros que entrevistamos por conseguir identificar no encontro de jovens algo a mais do que o próprio encontro. Buscamos descobrir em seu discurso pistas que nos levassem a explicar o que teria contribuído para que ele desenvolvesse esse tipo de discernimento.

Seu vínculo com expressões da cultura, principalmente da cultura musical, pode ser o responsável por esse elo.

Eu gosto bastante daqui (Santa Tereza) (...). Acho que o movimento da praça diminuiu bastante (...) acabaram com a feirinha (...). Também tava tendo muita violência! Mas, apesar de tudo, **nunca** deixei de freqüentar a Praça Duque de Caxias. Eu acho que deveria ter mais eventos, igual sempre tem aqui o **Minas ao Luar**(...), o

pessoal do Clube da Esquina devia fazer mais shows aqui, igual eles fazem na **Praça da Liberdade** (...). Acho que deveria fazer mais aqui, porque as pessoas que, às vezes, até moram aqui, mas não sabem da história (...) por falta de conhecimento (...) não sabem, não tem informações como foi, como é que foi criado (o clube da Esquina) etc. (BLUBLU grifos nossos)

Não tivemos oportunidade de explorar o conhecimento de BLUBLU sobre o conhecimento que tem do Clube da Esquina, até porque nos afastaríamos muito do objetivo do estudo. Mas não dá para não ressaltar o quanto nosso jovem se regozija por ter um conhecimento que ele supõe que a maioria não tenha. Entretanto, parece que ele não valoriza o fato de se ter ou não um conhecimento, mas sim de, uma vez tendo, poder repassá-lo. O repasse, para ele, assegura a continuidade e reconhecimento do mesmo. Essa visão reaparece em outro trecho de seu discurso em que ele fala do que lhe agrada na Praça:

Gosto da Praça porque vejo muitos jovens (...); gosto muito de conversar. Sou muito extrovertido e gosto de ser feliz (...), aqui eu encontro isso tudo, **entendeu?** Gosto de ver as pessoas passeando, as **galeras**, as **crianças** brincando. Eu **reparo** nas mínimas coisas da Praça. Gosto de, às vezes, até mesmo freqüentar a base aqui perto da Praça, só para sentir que estou mais próximo dela (BLUBLU grifos nossos)

BLUBLU repete, com ênfase, o verbo gostar para se referir a coisas diferentes, mas conectadas entre si: Praça, conversa, felicidade, pessoas, crianças, tudo se articula nessa sua positividade diante da Praça. Mas há algo que nos chama a atenção: a presença do termo criança no discurso do jovem. BLUBLU é pai. Na ocasião da entrevista tinha um bebê de seis meses, que vivia com a esposa e em cuja criação ele ajudava. Essa experiência, ao nosso ver, pode estar na raiz de sua preocupação de transmissão cultural de uma geração a outra. Não temos certeza de que essa condição possa ter moldado seu olhar sobre a Praça, mas, o fato é que, dos sujeitos por nós entrevistados, esse jovem pai foi o único a pintar a Praça com os seguintes tons:

(...) em relação às crianças (...), acho que os pais deveriam trazer mais as crianças à Praça (...), acho muito importante para isso não acabar, porque a criança guarda as coisas muito mais fácil do que as pessoas adultas (...). Elas vindo à Praça mais vezes, com os pais (...), quando elas estiverem uma pessoa mais madura, mais adulta, vai refletir em sua mente, em sua memória (...), vai querer também passear, **o que faz até parte de seqüência de vidas entre família.** (BLUBLU grifos nossos)

Quando lemos este trecho da entrevista e nos reportamos aos cuidados demandados na análise do discurso, nos vêm à mente perguntas tais como para quem BLUBLU dirige esse discurso?; ou, ainda, como, na ocasião ele era um “pai de primeira viagem”, talvez devêssemos nos interrogar, de quem ele ouviu esse discurso, que durante a entrevista foi transformado em seu próprio discurso?

De uma coisa temos certeza, este discurso não era para nós, pesquisadores, mas era o que ele imaginava que gostaríamos de ouvir. Entretanto, não tínhamos idéia sobre de quem ele teria recebido tão explícita mensagem reportando sobre a importância da educação de pais e filhos no sentido de perpetuar hábitos e costumes. Talvez algo que tenha a ver com sua relação familiar (família biológica).

Terminado essa análise de trechos do discurso de BLUBLU sobre o que ele pensa da Praça, vale examinar como ele classifica todos que ali circulam. No primeiro momento, ele os define segundo o que imaginava ser a intenção deles para estarem ali:

Cada grupo de jovens que eu vejo aqui (...) **eu não convivo com todos**, evidente, porque a pessoa faz seu espaço (...), mas eu acho que está bem diferenciado (...) umas pessoas vêm para **conversar** (...), outras vêm para **tocar música**, outras vêm para **namorar**, outras para **brincar** e outras, às vezes, até para mexer com certo tipo de coisas, que é proibidas pela lei (...), mexer com vários tipos de tóxico e coisas assim (...) e que espantou um pouco o movimento da Praça (BLUBLU grifos nossos)

Como se pode ver, com essa fala de BLUBLU, começa-se a repetir o olhar sobre a Praça. Há uma saturação das idéias. Atividades como conversar, namorar, ouvir música e consumir drogas se misturam o tempo todo. BLUBLU, como os outros jovens da entrevista, não esteve imune à influência dessas ações sobre seu próprio comportamento. Em outro trecho da entrevista, ele mesmo declara ter sido usuário de drogas:

(...) já experimentei praticamente todos tipos de tóxico que você [pode] imaginar (...), menos crack que eu tive **medo** (...). Mas acho que o jovem tem que ter **bom senso** de saber que errar é normal (...), a burrice é permanecer no erro (...). Uma coisa eu pus na cabeça (...) hoje em dia, estou aqui [na praça] faço uso apenas do cigarro e de álcool que eu bebo (...). Mesmo assim, não gosto muito de bebida destilada porque tenho cálculo renal (...). (BLUBLU grifos nossos)

Poderíamos continuar analisando outros discursos, mas as situações se repetem, há certo padrão de descrição, o que era de se esperar à medida que esses jovens partilham o mesmo espaço, exercitam, juntos, atividade de lazer e desenvolveram um vocabulário comum no qual expressam seus sentimentos sobre a praça e as pessoas que por ali estão.

Para efeito de nossa dissertação, parece-nos que os aspectos acima comentados são suficientes para dar continuidade às análises de outros elementos temáticos que ajudam a compreender o papel de outras instâncias de socialização desses jovens.

No conjunto, os sete entrevistados tiveram, em suas vivências na Praça, contato com a violência e até com pequenas transgressões que compreenderam não só o uso de drogas, mas também de situações que envolvem assédio sexual e/ou sexo programa, este como modo de sobrevivência. Em relatos, por vezes dramáticos, eles mostraram um processo de superação que nem sempre é percebido quando não se conhece a trajetória dos sujeitos. Veja como um dos jovens descreveu um período de “adolescência”, ele tinha dezenove anos.

(...) eu fui muito louco. Eu saía, bebia lá semana toda. O dinheiro que eu ganhava na semana, de segunda a sexta, eu gastava na sexta à noite, chegava no sábado não tinha mais nada (...). Deixava o dinheiro na mesa do bar, cheirando, bebendo, bancando para os outros, porque aqueles colegas, cê sabe, gostam de aproveitar (...)
(ELEPÉ)

É certo que ele fala de um passado recente do qual entende que não pode se livrar tão facilmente. Não tínhamos dúvidas que ELEPÉ falava-nos aquilo que ele imaginava que gostaríamos de ouvir. Mas isso não foi só com ele, os outros jovens, também, construíram parte de seus discursos em função de expectativas que tinham sobre nós.

Entretanto, para o objetivo do nosso estudo, pouco importava o quanto eles “fantasiavam” as coisas que nos diziam. Só o fato de organizarem um discurso para nos falar algo sobre suas vidas já representava um passo importante na construção de suas identidades, pois, pelo menos naquele momento da entrevista, selecionavam aspectos que imaginavam que apresentaria melhor o

seu próprio retrato. É claro que tudo isso era feito em meio a ambigüidades e contradições, mas, também, com o forte sentido de nos mostrar que se hoje (no momento da entrevista), haviam conseguido não ficar no mundo da absoluta transgressão, isso se deu sob a força de muita determinação interior. Esse era um valor para eles.

Vejamos no relato abaixo como ELEPÊ, num determinado momento de seu discurso, se descrevia no mundo da droga como se estivesse num beco-quase-sem-saída, no qual a droga e o sexo se misturavam intrinsecamente. E isso ocorria num momento de transformações importantes, em que rompia, ou lutava para romper seus laços maternos.

Droga é droga. O nome já fala tudo (...) não presta (...). Eu me drogava muito (...). No tempo que me droguei [foi na sua adolescência] pra caramba, eu conheci uma mulher, uma **coroa**, uma coroa de uns quarenta e dois anos. Acabei tendo um relacionamento com essa mulher e fiquei com ela uns quatro meses (...). Droga e bebida, tranqüilo (...), não precisava tirar um centavo do meu bolso, porque ela segurava minha onda (...): quer tomar isso? Pois então toma! [era] **pó desembolado!** Toda hora pegava um de vinte [reais]. (...) fiquei quatro meses com ela, mas ela era muito louca (...). (ELEPÊ, grifos nossos)

Não deixa de ser impressionante o relato do jovem acima acerca de sua experiência sexual, aos dezoito anos de idade, com uma mulher que tinha na época a idade de sua mãe. Trata-se de uma ausência total de interditos em um momento de constituição de sua identidade, no qual como diz Maria Rita Kehl, o tabu do incesto que compõe o quadro da condição edipiana, poderia trazer seqüelas na sua socialização. Mas não foi isso que observamos. Tudo indica que outras instâncias de socialização contribuíram para reorientar os sentidos do mundo do jovem ELEPÊ. Na medida em que ele vai ampliando sua rede de socialização, vai tendo de lidar com novos centros de controle. Assim, aos poucos, ele vai incorporando os limites e, a partir daí, seu comportamento vai ficando mais próximo ao mundo dos adultos, o que tem implica em maior autocontrole dos seus impulsos.

4.2 Estilos e jogos na configuração

Como se vê, não há nada de surpreendente no fato de os nossos jovens produzirem uma classificação das diferentes “galeras” que eles identificaram na Praça. A questão, para nós, era saber se eles classificavam o próprio grupo que formavam com alguma categoria que expressasse especificidades da vida juvenil.

Na realidade, não encontramos, nas entrevistas analisadas, nenhuma indicação mais explícita que nos ajudasse a construir uma denominação para a sua “fratria”. Mas, mesmo assim, continuamos a nos interrogar acerca das relações daqueles jovens na Praça: formavam eles uma “fratria”?

Em geral, os estudos sobre a juventude no mundo contemporâneo têm apontado para a formação de novas configurações juvenis que nascem e se desenvolvem a partir de manifestações da cultura musical e/ou do que se chama dança de rua (DAYRELL, op.cit, CARRARO, op.cit, SPÓSITO, op.cit). É daí que se identificam os grupos de hip hop, capoeira, baile funk, pagodes. Entretanto, não foi dentro de nenhuma dessas configurações que encontramos os sete jovens que participaram de nosso estudo.

Individualmente todos eles manifestaram durante a entrevista que se ligavam a algumas daquelas expressões culturais, mas nenhum se enquadrava como um participante/praticante deste ou daquele grupo de cultura. Na realidade, a única atividade (além, é claro de bate papo, de tomar uma cerveja ou um vinho) que os sete jovens praticavam juntos era o jogo de truco. Eles se encontravam na Praça e usavam boa parte do tempo juntos jogando cartas.

Lembrando a imagem do “jogo” na trama das configurações tal como formulada por Elias, buscamos entender até que ponto aquela atividade desenvolvia nos jovens o sentido de interdependência, da necessidade de cumprir regras, de se orientar na direção do outro, criando empatia ou tensão. Enfim, que significado esses jovens atribuíam àquela atividade? TRUTA fala um pouco de alguns significados da seguinte maneira:

(...) lazer (...). A gente costuma reunir todo mundo aqui. Trazem baralho, vamos jogar (...) vamos bater um papo (...) então são horas de lazer (...) aquela coisa de descarregar o estresse do meio de semana, trabalhando direto, sem ter... (...). É trabalho e casa (...), trabalho e casa e quase, às vezes, não tem tempo de dar uma

espairecida na mente, esquecer um bocado dos problemas também.... Então, aqui é o ponto de encontro pra isso... (TRUTA, grifos nossos).

“Esquecer um bocado de problema” é uma marca forte no discurso de TRUTA. O “jogo”, segundo ele, ajuda distensionar, quebrar a rotina do “trabalho e da casa”. Pode não parecer, mas quem atribui esse significado ao jogo de cartas é um jovem de vinte e três anos.

Esses encontros na Praça começaram quando ele tinha dezessete anos, em plena adolescência, momento em que saiu de seu bairro para freqüentar a feira de Santa Tereza. Mas sua independência se deu mais tarde quando tinha dezenove anos, momento por ele descrito da segunda maneira:

(...) é aquela fase, a pessoa adquiriu a maioria (...) agora pode sair a hora que quiser (...) não tem restrição de horário (...); gandaia um bocado, bagunça e depois dá um jeito de ir pra casa... (TRUTA, grifos nossos).

TRUTA expressa claramente que cumpriu um “ritual de emancipação da maioridade”. Seu discurso demonstra que ele teve de cumprir regras, certamente de seu núcleo familiar, que lhe impunha restrições quanto a sair de casa e a retornar dentro do horário. Libertou-se dessas regras aos 19 anos. Em seguida, ele nos informa que o estar na Praça Duque de Caxias era quase um prolongamento de interações que mantinha com os colegas na escola. Segundo ele:

(...) descia a maioria dos alunos do colégio. Todo mundo estudava junto. Outros vinham do trabalho (...). Tinha alguém pra bater papo, tocar violão (...) a gente curtia um pop rock (...) tomar vinho e (...) tirar todo mundo do sossego (TRUTA).

Alguns poucos anos depois, como vimos, TRUTA continua vindo à Praça, mas agora para jogar truco, para espairecer e aliviar os problemas. Pode-se dizer que ele saiu do universo do adolescente para o do *jovem já quase entrando com os dois pés no mundo do adulto*. E, ao considerar outros relatos, fica claro que Truta não estava sozinho no jogo de cartas. Em seu relato, Blublu descreve como se dava o processo: não é algo organizado; é espontâneo. Não tem equipes formadas; quem chega, joga. Mas tem que esperar a vez...

(...) a gente marca para (alguém) trazer o baralho (...) sempre tem um que traz o baralho, mas quem quiser jogar, aí faz a de forinha (...); é

até melhor porque a gente enturma mais (...) faz a de fora. Perdeu a rodada, sai, aí entra a outra turma (...). É só um jogo normal, não vale nada (...). (TRUTA, grifo nosso).

O jogo, enquanto processo interativo no qual os indivíduos aprendem a estabelecer as regras, a modificá-las e a se submeter a elas enquanto o jogo existir é, ainda, uma atividade pouco estudada na socialização da juventude. Mas, certamente, é um processo fecundo, como nos indica Elias (op.cit.), pois ele revela, em uma situação em miniatura, como os indivíduos vão estabelecendo relações de interdependência entre eles e como essas relações os ajudam na construção da suas próprias individualidades.

O “jogo de truco” jogado pelos sete jovens por nós entrevistados possui algumas outras características que não são intrínsecas ao jogo, mas fazem parte do contexto cultural desses jovens e das exigências que vão se impondo nessa passagem para o mundo dos adultos. Isso fica muito claro em uma passagem do discurso de Truta quando diz que, no jogo, ninguém está impedido de entrar. Participam mesmos os jovens que são discriminados ou estigmatizados como “favelados”. Mas eles têm de seguir as regras...

(...)às vezes que eles costumam juntar com nós e quando a gente tá aqui na Praça jogando um truco (...) quando rola (...) a rapaziada traz um baralho pra bancar (...) entrar pra jogar com nós, não tem problema nenhum. A gente avisa pra eles, nada de ficar usando droga enquanto tiver jogando com nós (...) pra coisa não ficar feia pro nosso lado também (...). Porque eles têm o vício deles, eles usam, já é uma coisa visada pela própria polícia e se eles estiverem usando... Vamos supor que a polícia chegue (...), às vezes por causa de um, todo mundo vai levar bronca (TRUTA, grifo nosso).

Não são apenas as regras do jogo de cartas que entram em cena; temos claro que foram definidas ali, também, as regras de um jogo social. Na fala acima fica explícito que no “ato de jogar” há uma série de valores compartilhados que orientam a conduta do grupo.

Uma simples observação de um grupo jogando truco na Praça não permite desvendar a quantidade de valores que estão ali implicados. O jovem Truta os revela muito bem: não há qualquer restrição quanto ao tipo de pessoa que entra no jogo. Eles sabem que muitos jovens com quem estão jogando fazem parte de outras galeras. Alguns têm até uma vivência maior no mundo da drogadição. Mas isso não é impedimento para “fazerem o jogo”, desde que não

façam uso de droga enquanto jogam. E não é o uso em si que os incomoda, mas as conseqüências que o uso pode acarretar: ela atrai o controle externo. E os nossos *jovens, entrando no mundo dos adultos*, querem mostrar que não precisam disso, já têm “maturidade suficiente” para se auto-controlarem.

Teríamos mais coisas para falar do jovem na praça, mas entendemos que os exemplos acima dados já esclarecem o papel que o jogo exerce na construção da configuração lazer. Foi, por isso, que o erigimos no esquema acima apresentado como o “elemento central” de toda a configuração, de toda a trama.

Talvez seja importante incluir nesse momento algumas observações acerca do estilo dos jovens, embora este tema não tenha se caracterizado como um elemento aglutinador em nossa pesquisa. Os jovens que entrevistamos não se definiam como sujeitos que fazem parte deste ou daquele grupo. Não se trata de pagodeiros, nem de rappers, menos ainda de membros de grupos de hip hop. Mas eles freqüentam todas as rodas que envolvem essas manifestações culturais e outras não especificadas acima.

Alguns falam em detalhes dos espaços – boates e danceterias - que freqüentam, de vez em quando. Mas isso não os torna membros permanentes ou totalmente identificados com as expressões culturais desses ambientes. Entretanto, chamou-nos a atenção que mesmo não se identificando com nenhuma dessas manifestações, o visual dos jovens está carregado de imagens e símbolos que compõem aqueles universos culturais: as bermudas, as camisetas, os penteados, os sapatos, as calças, as jaquetas... Tudo isso numa mistura de estilos que resulta em diferentes combinações.

Sobre esse tema, recorreremos ao estudo que Gonçalves (2005) fez sobre lazer e juventude negra, para mostrar que uma grande parte dos objetivos de consumo para o qual os jovens se lançam no mundo globalizado tem a ver com a lógica do atual capitalismo mundializado. É de sua natureza deslocar os objetos e os artefatos de suas bases morfológicas, para que estes tenham aceitação em outros contextos que não os de origem (GONÇALVES, op.cit, p.

128). Foi assim que valores do rap, reggae, hip hop atravessaram fronteiras e integraram a vida de jovens pelo mundo afora.

O jovem GORILÃO explicitamente, ao descrever suas vestimentas nos apresenta essa realidade:

(...) ah, eu **gosto de andar muito de hip hop**: brinco grande, boné assim, a aba reta, calça larga, uns tênis doido assim... Eu gosto muito disso.(...) porque hoje em dia é moda né? Hoje em dia **todo adolescente se veste assim** (...); a maioria hoje em dia é roupa larga (...). Hoje é normal, **hoje a moda evoluiu** (...). (GORILÃO, grifos nossos)

Neste discurso, ao tratar sua forma de vestir, nosso jovem de 23 anos de idade, nos indica que estilo não é um suporte identitário pessoal. Nos revela que gosta *muito de andar de hip hop* para estar na moda, porque *todo adolescente se veste assim*. Sua identificação é com o universo adolescente. Isto para ele é normal, uma vez que *hoje a moda evoluiu*.

Com os outros jovens não foi diferente, assim como para milhares de outros. Eles consomem os produtos que lhes agregam valor. Embora já tenham passado do momento inicial de crise da adolescência, eles consomem, também, objetos-fetiche que, se não mais representam um suporte da própria corporeidade, significam uma forma de se sentirem incluídos em um mundo que ultrapassa os limites do bairro, da praça...

(...) as minhas roupas? É camiseta dos Racionais, Facção (...), as jaquetas a mesma coisa (...):conjuntão do hip hop, umas camisas mais largas, bermudão mais largo, calça jeans larga estilo skatista (...); os tênis, também, mais estilosos (...), boné, brinco, corrente (...). Os relógios? Grandão!, bitelo que eu gosto... (JOU, grifos nossos).

E para que tudo isso? É o próprio jovem que responde: “pra chamar atenção das meninas!”. E assim foi o relato dos outros seis. Blublu, por exemplo, admite que se veste com um certo estilo para encantar as garotas:

(...) tem um estilozinho aqui. Eu tô calçado com uma bota Timberly (...), com uma calça jeans com alguns detonados na perna, uma blusa azul com uma estampa de um DJ black Power, com óculos escuro (...) e um boné da Hipcool (...) fundo, de aba reta... (BLUBLU, grifos nosso).

Já Coruja faz escolhas bem diferentes para enfeitar o seu visual:

(...) eu sou... vamos dizer assim... um esporte fino (...): uma blusa social (...) uma calça jeans (...) um sapato social, bico quadrado (...), tipo pagodeiro (CORUJA, grifos nossos).

Pouco importa se o que o jovem usa é a calça de “estilo skatista” com “detonado na perna”, tênis muito doido ou se o sapato é de estilo pagodeiro, o importante é que “ele faça a cabeça das mulheres” (JOU).

É claro que os objetos-fetiche para os *jovens-entrando-no-mundo-do-adulto* tem outro significado daquele que seria atribuído aos jovens-na-adolescência. Mas, em ambos os casos, trata-se de objetos erorizantes; todos têm um sentido erótico. São usados para aproximar, para seduzir, para se fazer aceitar e para se fazer reconhecer no mercado das relações afetivo-sexuais.

De certa forma, a relação que os nossos jovens estabeleceram entre o próprio visual e sua relação com as mulheres trouxe elementos importantes para se compreender um pouco como se dá a construção deles mesmos enquanto homens, enquanto machos.

Afora a relação que eles têm com as respectivas mães (madrasta, avó ou irmã) e, por vezes com as namoradas (ou companheira conjugal), a imagem da mulher que aparece nos discursos desses jovens varia intensamente. Em um extremo, a mulher aparece como um ser com forte poder de transformar o homem. Segundo JOU:

(...) mulher sempre tá mudando o gosto do homem (...); uma hora ela quer um cara bombadão, um cara fortão. Outra hora, ela quer um cara com dinheiro (...); outra, quer um cara arrumado (...); outra, um cara que tenha idéia... (JOU).

Veja que, na ordem do discurso supracitado, o sujeito desaparece tendo sido transformado em objeto do desejo do outro (que, neste caso, é mais precisamente “a outra”) literalmente.

Diante desse quadro interrogávamo-nos acerca da construção que o jovem fazia de sua própria identidade masculina. Entendendo que, esta não era algo dado mais construído, buscamos pistas no próprio discurso que pudessem ajudar a compreender que experiência com mulheres o jovem teria tido para desenvolver uma representação de mulher, como o ser que molda o homem à sua revelia.

Em uma passagem de seu discurso em que JOU nos fala de suas relações afetivas, encontramos um relato no qual ele declara que em uma de suas relações a namorada engravida e aborta, segundo ele, sem seu conhecimento:

Eu arrumei uma menina que não gostava de mim (..) mas gostava do que eu fazia com ela na cama (...). Então eu gostava também (...), foi rolando (...) foi acontecendo (...) até um certo dia eu estar trêbado, foi sem camisinha (...). Eu perguntei se ela tomava remédio, ela falou que tomava (...); eu falei com ela que se ela não tomasse que eu comprava a pílula do dia seguinte (...), ela falou que tomava que eu podia deixar que não tinha nada a ver (...). Depois de dois meses ela sumiu (...). As amigas dela começou falar comigo que ela estava grávida. Achei que era brincadeira (...). Tinha completado cinco meses, perguntei a ela se era verdade que ela tava grávida (...), ela falou que tinha tirado o menino. Aí eu achei ruim com ela, até comecei a chorar na hora. Perguntei o que ela tinha na cabeça para ela ter feito isso (...). Tinha tirado uma vida para mim (...) fazer um aborto. Aí ela falou que foi por influência das amigas dela (...), ela achou que eu não ia assumir nem nada. Aí eu perguntei pra ela, se ela tinha pelo menos me perguntado, falado alguma coisa comigo. Ela respondeu não! Eu falei, como ela então (...) presume que eu não ia assumir o menino sem ela ter falado comigo (...)? Aí a gente começou a brigar feio (...); as amigas dela separaram (...), as amigas dela iam chamar a polícia, mas acabou e a gente resolveu. E depois disso eu nunca mais fui ver ela, porque eu achei a maior palhaçada que fez na vida dela (...). Uma coisa tão linda que é uma vida, a pessoa tirar (JOU).

Antes de analisar o discurso, vale situar o leitor porque essa história apareceu na entrevista. O pesquisador perguntou a JOU se ele tinha filhos. Na realidade a pergunta nasceu de uma observação que havíamos feito com outros jovens da Praça: registramos um número de adolescentes negras, mães. Algumas passeavam com filhos por ali. Esse era um dado que havíamos levantado em uma etapa anterior da pesquisa de campo, a saber: a existência de adolescentes na condição de “*pãe*” (acumulando as responsabilidades e representando o papel do pai e da mãe).

Um dentre os nossos jovens, havia declarado espontaneamente ser pai. Diante deste fato, decidimos perguntar sobre o tema a todos, para sabermos se eles já tinham experimentado a vivência da paternidade e o modo como o faziam, em caso positivo. Na construção das configurações familiares, esse é um dado importante porque abre perspectivas para se compreender como se constituem, para os sujeitos, o princípio de responsabilidade segundo o qual eles têm de assumir a guarda e a formação de outro ser. Foi por isso que apareceu a pergunta se “ele tinha filhos”.

De um modo geral, tanto no diálogo com nossos jovens entrevistados, quanto em diversos diálogos com outros jovens do mesmo perfil que interpelamos em etapas anteriores da coleta de dados, foi possível perceber que, muito embora não seja um “segredo” ou assunto sobre o qual os jovens se recusem a tratar, a paternidade, quando existe, consiste em um dado que não aparece espontaneamente, mas apenas quando são incitados a tratar do tema, quer seja por meio da inquirição direta, quer seja por meio da intervenção de uma terceira pessoa que a ela faça referência.

O discurso de JOU apresentado acima acerca do assunto condensa muitas histórias ao mesmo tempo. Na primeira parte do discurso ele fala um pouco de como, para ele, pode existir a relação sexual: sexo não tem nada a ver com o gostar. Antes que lhe perguntássemos se fez “sexo-seguro”, ele já incorporou no seu discurso o argumento para justificar a razão de, numa dada ocasião, não ter usado preservativo: estava sob forte efeito de álcool. Não deixa, entretanto, de ser interessante como ele constrói o cenário em que, mesmo “trêbado”, ele interroga à parceira acerca do uso de algum método contraceptivo e, ainda, manifesta sua “preocupação” em comprar a “pílula do dia seguinte” caso fosse necessário.

JOU intencionava nos mostrar que a gravidez ocorreu não porque ele desconhecesse os processos para evitá-la, queria nos assegurar que seu senso de responsabilidade não havia se perdido; queria nos convencer de que o seu estado extremo de bebedeira não o impedia de tomar a decisão mais adequada ao contexto. No fundo, ele culpabilizava a parceira da gravidez “indesejada” (ao menos por ela).

A seqüência da história é ainda mais impactante. JOU fica sabendo por terceiros da gravidez da parceira. Cinco meses depois, descobre que era verdade e aí constrói outro discurso no qual cria para si a imagem de um “homem frágil” que chora diante de um ato que, segundo ele, não concordaria. Uma vez mais ele culpabiliza a parceira pelo aborto e, ainda, envolve as amigas que a incentivaram a abortar. É interessante notar, contudo, que em momento algum, ele afirma que desejava ter um filho. Mas, em seu discurso,

sugere que o assumiria, caso soubesse da gravidez em tempo de evitar o abortamento.

O que interessa ressaltar nessa análise são as “marcas externas” que impregnam o discurso de JOU. As expressões que ele incorpora ao discurso para relatar sua discordância em relação ao aborto fazem parte de um discurso muito mais amplo da dogmática religiosa: tirar a vida é um erro; a vida é uma coisa tão linda para ser tirada.

Afora esse episódio, as referências dos jovens ao mundo feminino sobre o qual constróem suas visões masculinas de mundo passam, de fato, pelo jogo da sedução. E aí, fica claro que eles relatam o quanto se esforçavam para construir um “visual” que atrairia as mulheres, o que passa pela roupa, pelo cuidado com o cabelo, com a pele e com muito mais.

Passando a outro ponto no que se refere às relações com os outros, nós os interrogamos sobre como eles lidavam com o fato de serem negros, **afro-descendentes**. O discurso que esses jovens elaboraram sobre o tema indicou, como esperávamos, uma diversidade muito grande de experiências.

Às vezes, no discurso, eles deixaram entrever que ser negro, na sociedade em que vivem, podia trazer alguns prejuízos para o sujeito. JOU apontou uma ação da polícia batendo **indiscriminadamente** em um indivíduo negro, mas não viu isto como um problema de discriminação racial. Nas poucas referências que ele fez sobre esse tipo de discriminação, identificamos uma associação direta entre negro, favelado e droga:

(...) o pessoal acha que a droga faz parte só do meio ali do **gueto**, da **favela**, do pessoal negro, da **juventude** ali (JOU, grifos nossos).

É claro, JOU reproduz uma longa queixa que movimentos sociais e estudiosos já fizeram sobre a produção de estereótipos contra os negros. Mas no seu discurso ele reage: *a droga tá em todo lugar (...) tá no pessoal branco, no meio dos boyzinhos.*

BLUBLU inicia falando da discriminação que já sofreu, mas não a associa à raça ou não consegue associar. A sensação é que, para esses jovens, o tema

racial é ainda um tabu. Veja como ele constrói o discurso para falar da discriminação:

(...) pra mim é uma ignorância, às vezes até mesmo **a pessoa não tem culpa**, às vezes é por **criação**, às vezes é por embalo (...), eu até sinto. Já aconteceu comigo em várias ocasiões (...), igual às vezes, você chega num grupo e a pessoa **te isola**, às vezes você está com as roupas até melhor que o outro, mas a pessoa prefere dar mais atenção que outro (...). Aí você chega numa gatinha, numa mina, ela faz um corpo mole (...), mas isso nunca que [me] deixou abalado, nunca me deixou chateado. **Admiro muito minha raça** (...), **tenho muito orgulho de ser uma pessoa negra**. (BLUBLU, grifos nossos).

É impressionante que, neste discurso, só aparece a palavra negro e mesmo assim “pessoa negra” no final de seu relato. Não há dúvida de que a discriminação racial existe nas suas relações pessoais; ele as identifica inclusive na relação afetiva, mas não consegue nomear. Isso mostra que o tema da discriminação racial, embora seja vivido pelos jovens entrevistados, está longe de ser algo discutido por eles.

Por fim, traçamos alguns comentários acerca dos apelidos pelos quais os nossos jovens foram identificados, lembrando as observações de Maria Rita Kehl acerca dessa maneira de nomear. Segundo esta autora, os apelidos podem ser também, marcadores da passagem para a adolescência.

Todos concordaram que mantivéssemos seus apelidos pesquisa. Interrogados sobre o significado dos apelidos, todos os jovens responderam que eles foram cunhados nas suas relações primárias, antes mesmo de seus contatos na Praça. Eles os mantiveram e passaram a ser conhecidos mais pelos apelidos do que pelo próprio nome.

ELEPÊ referia-se a uma característica pessoal do jovem: ele tinha a língua presa, por isso, o chamavam de LP; o mesmo acontecia com TRUTA: desde pequeno os irmãos e um tio assim o chamavam; GORILÃO adquiriu o apelido no jogo de futebol; JOU afirmou que seu apelido, colocado por colegas, referia-se a uma brincadeira originada por uma personagem de novela e, posteriormente, em uma música (DE OUTRO MUNDO); BLUBLU indica uma forma carinhosa de o jovem ser chamado por seus familiares; CORUJA, por sua vez, é um apelido dado por colegas, em alusão ao gosto extremo do jovem

pela noite; YOGA, por fim, é um apelido referenciado em uma personagem de uma série de desenho animado (Cavaleiros do Zodíaco) com o qual o jovem se identifica.

Esses foram alguns traços detectados nos discursos dos jovens. Há outros, mas que não vimos necessidade de detalhá-los. Consideramos que os traços apresentados eram suficientes para amparar nosso estudo das configurações. Dito isso passaremos ao segundo tema do nosso estudo que retrata a instância de configuração que ordena a rede de socialização dos nossos jovens: a família.

4.3 Família

Na configuração familiar encontram-se variações que provocam efeitos muito significativos. Como exemplo, destacamos **o caso do Jovem JOU** que se insere numa relação onde há três famílias: filho de pais separados, viveu com a mãe e avó durante um tempo. Posteriormente foi levado para morar com o pai, que, por sua vez, já havia constituído uma nova família (madrasta e dois irmãos). Entretanto, isso não impede que o jovem tenha conexões com os outros dois núcleos familiares, ou ainda com o terceiro (o da avó), pois a mãe, encontrando outro companheiro, mudou-se para outro lugar e formou uma nova família, enquanto a avó permaneceu na antiga moradia, fazendo com que o jovem em apreço a visite constantemente mantendo com ela antigos elos da infância.

Uma situação encontrada no depoimento de nosso sujeito, nos fez levantar questões acerca do processo de socialização, de cada um: essas configurações de interdependência produzem que tipo de efeito no processo socializador desses jovens? Até que ponto elas contribuem para o desenvolvimento de suas individualidades, ou seja, como elas contribuem para o desenvolvimento de suas idéias e para a construção de suas visões de mundo?

Lembrando que nos referimos, na presente dissertação, à definição de indivíduo defendida por Norbert Elias (op. cit) segundo a qual não existe

indivíduo separado da sociedade, ou ainda, de que ele precisa do social para se constituir enquanto tal. Assim entendido, o indivíduo é um produto do social, de configurações de redes das quais ele faz parte. (idem)

Para o autor, *socialização* e *individualização* são termos que designam um mesmo processo. Segundo Elias, uma criança se torna indivíduo humano por meio da integração em determinadas configurações; assim ela *assemelha-se aos outros*. Por outro lado, em sua acepção, este mesmo indivíduo humano *difere de todos os outros*, mediante a apropriação e reelaboração de um patrimônio simbólico social. Nesse sentido,

Só a conscientização da autonomia relativa aos planos e ações individuais que se entrelaçam, da maneira como o indivíduo é ligado pela vida social a outros permite uma compreensão mais profunda do fato da própria individualidade. A coexistência de pessoas, o emaranhado de suas intenções e planos, laços com que se prendem mutuamente, tudo isso longe de destruir sua individualidade, proporciona o meio no qual ela pode desenvolver-se. Estabelece os limites do indivíduo, mas, ao mesmo tempo, lhe dá maior ou menor raio de ação. O tecido social nesse sentido, forma o substrato a partir do qual e para dentro do qual gira constantemente e tece suas finalidades da vida. (Elias p, 288)

Visto de outra maneira, pode-se dizer, na esteira de Elias, que o aprendizado social nessas redes é a condição que permite que o indivíduo se constitua como indivíduo. Elas funcionam como instância de controle. Foi por intermédio delas que os jovens aprenderam o bem e o mal, a controlar suas emoções, a dominar os seus impulsos, a saber dosar as medidas que são fundamentais para atender desejos imediatos. É por intermédio dessas instâncias que se efetuam o “processo civilizador” e, é por meio dele, que os jovens conseguem sair de um estado no qual seu comportamento e impulsos ainda não estão controlados, para chegar a um estado em que sejam capazes de internalizar regras e de se auto-dominar.

Mas, como o próprio Elias anuncia, esse processo não cessa nunca, ou seja, ele dá à construção do indivíduo, um status de profunda mutação. Podemos dizer que se trata de uma “metamorfose ambulante” (para falar como o poeta Raul Seixas). E, como em toda mutação, há persistências e mudanças nos comportamentos que co-existem por muito tempo. Por vezes essa coexistência se dá sob forte tensão e conflito, para não dizer contradição. Essa

aparente desordem será por nós avaliada mais à frente e mostraremos, em detalhe, como os jovens vão lidando com seus impulsos e desejos; como estes serão controlados, ora pelas instâncias familiares, ora pela própria autoconsciência deles de que suas situações de vida mudaram por alguma razão e que por isso, terão de agir sobre seus próprios anseios, controlando-os ou adiando suas satisfações.

Considerando, entretanto que o presente estudo focaliza a socialização de jovens em pleno século XXI não há como não considerar a especificidade do atual momento por que passam as atuais sociedades no mundo globalizado. Neste sentido, é importante reiterar que os jovens entrevistados moram em um grande centro urbano e que, por isso, convivem em uma formação social cujo paradigma cultural mundializado constitui-se em uma realidade inexorável. (SETTON, 2002)

Com o crescimento e a diferença funcional dentro dessa “nova realidade” há, segundo Maria das Graças Setton, uma proliferação de instâncias socializadoras, e estas não são apenas múltiplas mas são também, e sobretudo, heterogêneas (idem). Assim, o processo de socialização pode ser considerado *como um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e os agentes distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis.* (SETTON op cit. p 112)

Voltando ao esquema de configuração anteriormente apresentado, pode-se ver que cada jovem entrevistado participa praticamente das mesmas instâncias (família, escola, trabalho e grupo de amigos). Ainda que não haja um único modelo de família, de escola, de trabalho, pode-se afirmar que, malgrado as diferenças entre esses modelos, cada uma dessas instâncias tem propósito e práticas distintos. Como lembra Setton, elas *possuem natureza específicas, são responsáveis pela produção e difusão de patrimônios culturais diferenciados entre si.* (idem)

Seguindo as pistas apontadas pela autora supracitada, entendeu-se que a análise da socialização dos jovens estudados não poderia considerar apenas

as relações de interdependência entre as próprias instâncias: família-trabalho, família-escola, escola trabalho e assim por diante.

4.4 O entrelaçamento das instâncias

Um de nossos entrevistados já era pai de família. As pressões, sejam do grupo familiar biológico ou das famílias recém-construídas, apontam para um aumento gradativo de responsabilidade em relação ao grupo como um todo, em duas dimensões: tinham que trabalhar e que contribuir para renda familiar. O trabalho, seja este formal ou informal, tem um valor central na vida desses jovens.

Em seus discursos, o mundo do trabalho não aparece apenas como uma fonte de sustento familiar, mas se configura, também, como uma instância que organiza a vida desses jovens dentro de uma rotina com todos os seus rituais e ainda permite que eles se incluam, ainda que precariamente, no mundo do consumo capitalista (MARTINS op.cit.).

Vejamos como essa situação aparece no discurso de nossos jovens entrevistados. JOU fala de sua contribuição em casa nos seguintes termos:

(...) eu dependo de meu pai, o pouco que ganho não dá nem para mim direito (...) eu trabalho na feira de domingo, ganho 40 reais por semana, no total são 160. Aí eu dou 100 para meu pai e sobra para mim 60, mais ou menos. Aí eu gasto comigo. Dia de semana, eu ajudo em casa, arrumando cozinha, lavando roupa. Essas coisas assim (...), fazendo um serviço doméstico. (JOU)

Embora a figura que apareça na fala seja a do pai, esse controle sobre seu ganho é exercido pela família como um todo. No caso de JOU, sua referência familiar é bastante complexa. Vive atualmente como o pai biológico, a madrasta e mais dois meios irmãos do lado paterno. Segundo sua descrição o pai...

Fez até oitava e depois, o cursinho no SENAI de metalúrgico. Tem amor à profissão (...); minha madrasta (...) fez faculdade. Professora. Agora, eu não sei especificar exatamente de quê. Mais ela já foi professora. Depois desistiu do cargo e tá trabalhando no fórum da polícia civil. E meus irmãos só estudam (...). (JOU)

Segundo a própria descrição do jovem, tem-se, neste caso, uma configuração familiar típica: a chamada família nuclear, no qual os papéis estão muito bem

definidos. Como veremos mais abaixo, este modelo, ainda que teoricamente estruturado, não é vivido sem tensões. Ao contrário, o jovem, apesar de se submeter ao controle desse núcleo familiar, não o faz harmoniosamente. Tem conflitos com o pai e a madrasta, e também com os irmãos que gozam do “privilégio” de apenas estudar. Um deles tem 15 e o outro 11 anos. Vê-se aqui que seu atual núcleo familiar privilegia a escolarização dos filhos mais novos e exige que o filho, maior de idade, trabalhe e ajude nos gastos familiares. Essa situação fica explícita no discurso que se segue:

(...) na minha casa o clima parece que é mais fechado para o meu lado, eu acho que é pelo motivo de eu ser mais velho e pelo motivo de eu não ter sido criado junto com meu pai e com minha madrasta, do jeito deles (...), no estilo eles de viver, no jeito de andar deles (...). Meu pai cobra muito de mim, minha madrasta também (...), coisa que às vezes não tem nada a ver comigo, meu pai chega xingando, cobrando, esbravejando (...). Eu fico meio chateado porque o tratamento que eles me dão é totalmente diferente do tratamento dos meus dois irmãos (...). (JOU)

Como veremos mais adiante, a percepção que JOU desenvolve sobre a diferença de tratamento entre os irmãos está pautada em dois pontos: na relação com os objetos de consumo, e na discriminação de raça e de condição social. Estes pontos passam a desempenhar o critério de distinção do mundo juvenil do qual JOU faz parte.

Mas essa não é a única referência familiar que se encontra nas configurações de JOU. Em outro momento de sua entrevista, ele confessa que não se desvinculou totalmente da mãe, e nem da avó; tratam-se de referências familiares importantes, carregadas de afetividade, sobre as quais ele discorre da seguinte maneira:

Minha mãe, já há um bom tempo eu não vejo ela. Tô com saudade. Mas ela mora sozinha atualmente, ela tem um filho que também mora com ela (...). Hoje ela mora em outra favela. (JOU)

Mais à frente JOU diz que não se afastou totalmente do local onde nasceu. O que o faz ali retornar é a avó. Segundo ele

(...) ela ainda mora lá. Ai eu vou lá de duas em duas semanas mais ou menos. Vou ver se ela está precisando de alguma coisa. Vou lá ajudar ela. (JOU)

Como se pode ver, JOU tem fortes referências familiares, com estruturas e condições diferentes. Embora não tenha falado explicitamente que o ambiente familiar relacionado à avó lhe faça exigências relativas a seu comportamento, fica claro, na sua fala, que ele a tem entre suas responsabilidades.

Passemos à relação familiar de outro jovem, o TRUTA. Em linhas gerais, seu núcleo familiar tem, também, o trabalho como um valor central na socialização de seus membros:

(...) Eu moro com os meus pais, eu moro no bairro do Taquaril próximo aqui da praça. [Meu] Pai trabalha como porteiro, [minha] mãe é diarista e eu atualmente tô trabalhando com padaria, exerço o cargo de embalador. (TRUTA)

Diferentemente de JOU, que concluiu o terceiro ano do ensino médio, TRUTA foi obrigado a parar de estudar, segundo ele porque:

(...) acabei dando mais ênfase ao trabalho do que ao estudo (...), apesar do que sempre me ensinaram (...) de que o estudo vai me dar um retorno econômico bom (...), mas tem aquela coisa, eu estou dependendo do recurso econômico agora (...). Muitas vezes para mim, o trabalho(...) é mais importante do que o estudo. Não deveria ser; é lógico que deveria ser o estudo em primeiro lugar. Mas como para mim não deu para conciliar os dois, eu preferi deixar o estudo para trabalhar. (TRUTA)

O insidioso conflito entre trabalho e estudo embutido no discurso de TRUTA é indicador de uma situação que envolve os jovens de uma dada camada social sobre a qual já falamos anteriormente e para a qual o trabalho se coloca como um imperativo e não como uma escolha, muito embora ele assim considere. Mesmo assim, Não deixa de chamar a atenção o modo como TRUTA constrói a contradição dentro do próprio discurso. É como se um superego lhe dissesse “o estudo em primeiro lugar” e a realidade lhe apontasse direto para suas necessidades básicas.

Compondo mais uma das peças da configuração supra citada, apresentamos o jovem CORUJA que tinha, conforme já dissemos, 20 anos de idade quando o entrevistamos. Ele trabalhava e estudava, estava cursando o terceiro ano do ensino médio no período da noite e descreve a família da seguinte maneira:

Meu pai é aposentado, só que hoje em dia tá trabalhando de motorista. Minha mãe é dona de casa e meu irmão está à toa, ainda. Não começou a trabalhar ainda (...). Eu tô aí trabalhando, mas tô

querendo correr atrás de um negócio melhor (...) eu mexo com (...) eu sou mecânico de ar condicionado. (CORUJA)

No plano do ideal familiar, especialmente no de sua família, o trabalho está também no centro da socialização. CORUJA descreve esse ideal, usando uma metáfora curiosa, mas reveladora dos valores que permeiam sua condição masculina na sociedade em que vive. Para ele, *a família é igual mulher*

(...) se você não vê (...) se você não tem muito tempo para ver, não tem jeito de você ter discussão; não tem briga. Agora você, desempregado, você fica o dia inteiro dentro de casa, o dia inteiro vendo a mulher. Não tem jeito não. Você briga, você discute com a mãe, com a mulher, com o pai, com o irmão. Se você começa a trabalhar, o negócio todo melhora (...): você acorda às 6, vai trabalhar, depois vai para escola, chega em casa às 10 (...), final de semana, você fica dentro de casa, vai ver mais a mulher (...), a mãe tá com saudades (...). (CORUJA)

O discurso de CORUJA é irresistivelmente ordenador, sem que tivéssemos a intenção de que ele nos descrevesse uma simples rotina familiar, ele o fez, sem nenhuma dificuldade. O fato de ter “focalizado” a mulher como um suporte do argumento foi-nos muito valioso, uma vez que a descrição ou as comparações que faz tendo a mulher como exemplo indicam como ele a concebe em seu imaginário ou em seu ideal de masculinidade, seja na figura da mãe ou da companheira.

Quanto maior a ausência em casa, menor a possibilidade de conflito. O trabalho altera a rotina de casa e cria seu próprio ritmo, reorienta os finais de semana, e atribui outro sentido ao encontro das pessoas dentro da casa.

Seguindo na configuração familiar, vamos encontrar em BLUBLU dois modelos em torno dos quais ele constrói suas referências, e dos quais ele recebe elementos básicos para sua socialização. Por meio de seu discurso, pode se ter idéia da interdependência que existe entre os diferentes membros do grupo familiar, bem como da interdependência dessa instância com o mundo do trabalho. Com exceção da irmã mais nova que *só estuda*, todos os outros membros da família estão no mercado de trabalho, inclusive ele:

(...) eu sou nascido e criado em Belo Horizonte (...). Tenho quatro irmãos, sendo um por parte de pai (...). Minha mãe é funcionária do estado, meu pai é pedreiro, eu sou auxiliar administrativo, meu irmão é agente penitenciário, minha irmã é balconista, e tenho também uma

irmã estude. O meu irmão por parte de pai trabalha com locação de veículos, o emprego mais recente dele. (BLUBLU)

Mas BLUBLU não para por aí. Ele tem outra família formada por ele, a companheira e um filho. Vive com ambas as famílias ao mesmo tempo, como se pode ver no seu relato a seguir.

(...) tenho um filho agora com seis meses. Teve ele aos dezoito anos de idade (...) ela [a companheira] tinha vinte anos (...). Eu tenho um convívio muito bom com ela (...); às vezes tem as desavenças, que é o que todo ser humano tem. Como qualquer grupo tem as suas desavenças, o ser humano, para mim, tem desavença com tudo. (BLUBLU)

BLUBLU incorpora, em seu discurso sobre a família o tema da desavença, que segundo ele, é entendido como humano, demasiadamente humano. Em seu relato uma desavença desagregadora em sua família que levou à separação de seus pais ocorreu dezoito anos depois de uma “infância e adolescência” que ele descreveu como felizes

(...) eu sou um rapaz muito feliz, tive uma adolescência muito boa, uma infância muito boa (BLUBLU)

Boa, mas “tumultuada” como ele mesmo a define para falar da experiência de conviver com um pai (...)

(...) que bebia muito. Quando nasci, ele era até mesmo alccólatra (...), falava das dez horas da manhã até às cinco da tarde ou também da manhã do outro dia (...). Hoje (...) vivo em casa com minha mãe, sem meu pai, eles estão separados, já tem um ano e meio (...). Moro em uma casa boa, de aluguel, mas boa, com cinco cômodos sem contar o banheiro e tenho uma vida feliz lá (...).

A mesma felicidade é compartilhada com a companheira com quem tem um filho:

(...) Vivo também com minha namor... esposa, na casa dela (...). Ajudo a olhar [o filho], ajudo a cuidar. Ela trabalha em uma casa de família aqui no bairro.(BLUBLU)

O relato sobre as duas famílias exige um repensar sobre o papel da socialização dessas instâncias em suas duas versões. Pouco importa se a convivência é sangüínea ou afetiva, ou as duas ao mesmo tempo. Pouco importa se eles se referem à família biológica ou a outro tipo de arranjo social com funções familiares, o certo é que os casos acima apresentados fornecem aos jovens um patrimônio econômico e cultural específico.

Ajustando essa visão ao caso de BLUBLU, é possível afirmar que sua família biológica, na qual vivera a maior parte de sua vida, oferecia os princípios que ele, consciente ou inconscientemente, tentava aplicar na família que estava construindo, produzindo, é claro, com modificações segundo a circunstâncias. Tanto a mãe biológica quanto a companheira trabalham fora de casa. Eram, assim, parte de um amplo segmento de mulheres brasileiras que tiveram de ir à luta, em busca de ocupação, remuneração e até de reconhecimento profissional (re)significando os antigos papéis da divisão sexual do trabalho. Nessa nova circunstância, os homens são forçados a dividir e a se responsabilizar pelas chamadas atividades do lar; a partir daí dividem, também, a responsabilidade de cuidar da casa e, conseqüentemente das crianças pequenas.

A ambivalente situação de BLUBLU de estar, ao mesmo tempo, em duas famílias, torna complexo o seu processo de socialização, pois, como autores têm assinalado, o que conta, na análise das instâncias familiares, é sua capacidade de ser um espaço de relações identitárias e identificação afetiva e moral (Berger & Luckman, 1983).

Dito isso, passaremos à análise das fotografias tiradas pelos jovens, discutindo o que o discurso fotográfico agregaria às discussões até então apresentadas.

4.5 Das fotografias

Como explicitado nas considerações metodológicas no Capítulo II, a fotografia foi utilizada para conhecer as interações, rotinas, horários, indumentária, enfim, a sociabilidade dos sujeitos da pesquisa, no campo de pesquisa e, também, para captar parte dos diferentes representações que cada um tem daquele espaço, para além e/ou em conformidade com o que disseram durante o processo de entrevista. Nesse último sentido, as fotografias nos permitiram interrogar, em seus termos, os sujeitos sobre as representações que tinham do espaço e serão exemplificados adiante.

Cabe ainda lembrar que no conjunto de fotografias feitas pelos sujeitos não constam as fotografias do jovem TRUTA, em função da chuva que se iniciou

durante o processo de entrevista e também porque a luz acabou no bairro. Sendo assim, apresentaremos fotografias de apenas seis jovens.

Desse conjunto de fotos, selecionaremos apenas algumas em função da qualidade das imagens. O não domínio pleno de técnicas de fotografia por parte dos jovens, somado às condições de iluminação da praça e, ainda, ao fato de serem fotografias noturnas, se revelaram como elementos limitadores impedindo a apresentação e análise de todo o acervo.

4.4.1 As representação de espaço interno nas fotos da Praça

O coreto foi fotografado por três jovens: ELEPE, GORILÃO, YOGA. Vejamos como eles falam desse lugar e da opção por registrá-lo na foto:

(...) o coreto é uma lembrança que eu tenho quando eu ficava com a menina. Aí é lugar muito bom quando eu encontro alguns colegas meus pra poder conversar. (YOGA)

(...) esta foto do coreto, eu tirei ela porque [foi] a primeira vez que eu cheguei que eu comecei a entrosar no meio da galera. Eu tava afastado, juntou uma galera nesse coreto, um colega meu, como eu, um cara mais na minha, não sou muito de tá chegando e entrosando facilmente assim com as pessoas, tava a galera lá (...), ele me chamou (...): vamos pra cá sô, vem pro meio da galera sô. Ô, cê tem que entrosar com a galera, cê vai ficar por aqui mesmo. (ELEPE)

(...) o coreto (...) nós ficamos ali treinando uns free style ali né (...), batendo um racha (...) e os outros dançando né, uns batendo no combate com o outro pra ver quem ganhava (...) no break né. Quem fazer paradinha com o corpo mais mole ganhava a aposta (...). Ficamos até uma meia noite, uma hora da manhã, foi numa sexta, no sábado, foi no sábado mesmo, aí me marcou muito. (GORILÃO)

Para YOGA, o coreto traz as lembranças de um afeto feminino e de um lugar



Figura 18 – YOGA – fotografia do coreto ao fundo 12/05/2007

de encontro e de trocas com “alguns colegas”, onde se pode conversar; já para ELEPE, este lugar o remete à memória de sua chegada na Praça, quando um amigo *mais na dele* o convidara para conhecer outros jovens. Para GORILÃO, o coreto parece ter outras funções: ele o fixa em sua biografia com uma foto, porque o coreto foi recriado pelos jovens como pista

de dança.

O segundo conjunto de fotografias que selecionamos foi o parque de brinquedos:

(...) eu tirei foto do parquinho, porque é o lugar que tá pichado e pra mim, quando a pessoa picha, ela tá querendo demonstrar alguma coisa, fazer algum protesto pra sociedade ver que ela tá ali. Então eu tirei essa foto por causa disso. (JOU)

Ao fotografá-lo, JOU estava preocupado, com se vê em seu relato, em registrar as marcas deixadas por pichadores na torre do castelinho do parque. Seu discurso, de certa forma, reproduz certo jargão acerca da pichação juvenil, Justifica-a como sendo um “protesto” ou uma forma de expressar aquilo que



Figura 19- Fotografia JOU – 11/04/2007

não se consegue dizer em contextos institucionais. A pichação foi, assim, interpretada como um desabafo e transgressão. Por isso ela é pública, tem de ter visibilidade. Mas o que chama a atenção no enunciado de JOU é o fato de ele se colocar no lugar daquele que picha, e se acreditar intérprete de seu desejo: *para mim, quando a pessoa picha, ela tá querendo demonstrar alguma coisa.*

O mesmo parquinho de brinquedos foi fotografado por ELEPÊ e ganhou novos significados. Veja como ELEPÊ o descreve.

Ué, (...) essa foto aí do parquinho, é que nem a parte que eu te falei, tem a parte boa e a parte ruim, que eu divido essa Praça né?, que essa parte de cá é o parte dos maluco e lá é o pessoal mais família assim, de dia assim na parte de um horário assim de seis hora até oito horas, família vem pra cá com a criançada, a criançada vai brincar lá e o pessoal, acho que os namorados preferem namorar mais do outro lado também. Então isso requer a parte de eu ter tirado o brinquedo então, colocando a família do outro lado, ali é mais família, aqui é mais loucura. (ELEPÊ)

Sua intenção era mostrar que naquele pequeno pedaço da praça estava sua parte “boa”. E em seguida, ele esclarece que era “boa” porque era freqüentada por crianças e namorados. Contrastava-se, assim, com outros trechos da praça onde se concentravam à “loucura” ou a “parte dos malucos”.

Já CORUJA, do parquinho, focalizou alguns detalhes, fotografando um detalhe do playground: o banco no qual conheceu uma de suas namoradas:

(...) Aqui, foi o lugar onde (...) namorei com ela, (...) tinha dois meninos. Aí sempre quando vinha pra cá, ficavam eu, ela e os meninos brincando (...), nós três ali, igual menino pequeno brincando nesse negócio (...). Eu posso ver ela (...), ela vem aqui (...). Já tem muito tempo que ela não vem (...). Eu tenho uma recordação boa desse lugar. (CORUJA)

As imagens evocadas na memória do jovem ao comentar a foto são bastante significativas. Inicialmente, despertam momentos de seu aprendizado afetivo: namorava e brincava; “brincavam como meninos”. É assim que o *jovem-entrando-no-mundo-do-adulto* descrevia sua relação com a segunda namorada que já era mãe de duas crianças. Embora ele não tenha explorado a intensidade dessa relação em sua fala, não deixa de ser interessante o fato de as crianças serem envolvidas no jogo afetivo dos dois. Fica claro que eram “ficantes”. Não se viam com a frequência de namorados duradouros. Talvez por isso seja algo que se conserva como uma “boa recordação”, tão boa que CORUJA inventou uma oportunidade de incorporá-la em sua entrevista.

Como era de se esperar, o colégio Tiradentes foi fotografado. Aliás, quem conhece a Praça de Santa Tereza entende o que isso significa. A arquitetura e o prédio desse tradicional estabelecimento de ensino são imponentes demais para passarem despercebidos. Mas as imagens evocadas pelos dois jovens que o fotografaram despertam outros significados que pouco têm a ver com a idéia que, em geral, se tem daquele colégio, a saber: templo do saber e exemplo de disciplina.



Figura 20 – Fotografia CORUJA – 05/04/2007

Para COURUJA o colégio foi fotografado porque ali...

(...) dá muita mulher bonita (...) e aí (...) fica aqui (...), os mulherengos (...) aí [quando] as mulheres saem (...) do colégio vêm aqui pra praça (...) e aí rola aquela azaração (...), aquela mexidinha. (CORUJA)

BLUBLU fotografou um par de bancos que, à primeira vista, parecia-nos algo próximo ao que os outros haviam indicado: banco lembra imagem de garotas com quem se sentaram para namorar. Mas não foi isso que ele nos revelou. É preciso lembrar que as fotos foram tiradas quando entrevistamos cada jovem, e eles tinham de interpretá-las ao final da entrevista, o que não lhes dava tempo de construir uma justificativa muito elaborada sobre a foto. Eles falavam da primeira imagem que lhes vinham à mente e assim foi com todos os jovens. Por isso pareceu-nos significativa a forma como BLUBLU interpretou a foto dos pares de bancos. Esta imagem já estava em sua retina de alguma forma:

(...) esse banco, é semelhante à [foto] que eu tenho. Eu tenho um retrato dos componentes (...) do Beto, do Lô, do Milton, sentados nesse banco (...) com aquela árvore, eu não recorro dessa árvore atrás deles (...) sentados com o violão na mão, tocando (...). Por isso é que eu tirei essa foto (...), eu gostei dessa foto [a que tem em casa]. Eu tenho ela lá em casa guardada num book que eu fiz (...), e eu tirei ela mais pra lembrar e pra poder até falar né?, sobre isso também. (BLUBLU)



Figura 21 - Fotografia BLUBLU 03/05/2007

Sobre essa ligação do jovem BLUBLU e o mítico Clube da Esquina, já falamos em capítulo anterior. Nós a retomamos aqui para mostrar o quanto o grupo e suas personagens estão ligados às representações que o jovem tem da Praça, e, de certa forma, do que ele considera uma cultura que o distingue dos outros. Ter um álbum (book) com fotos do extinto grupo não é pouca coisa,

em se tratando de um jovem que nasceu pelo menos duas décadas após o sucesso do referido grupo. Em todo caso, manter viva essas imagens e identificar-se com elas deve ter um significado ainda mais forte para BLUBLU, mas não os exploramos, o que nos impede de aprofundar seus comentários.

O busto de Duque de Caxias, inaugurado há anos, não só chancela o nome da praça como evoca, em termos de imaginário social, ídolos da pátria, figuras cívicas. Ele foi fotografado pelo jovem JOU, por outras razões bem particulares:

(...) Duque de Caxias? É onde que a gente senta ali de vez em quando e fica olhando a praça toda (...). É um lugar que dá pro cê (...) observar muito se for pra pensar (...). Porque ali, quando já, a gente já acabou de beber de fumar, que a gente quer ficar observando os negócios, a gente senta ali e fica olhando todo mundo, observando as coisas, às vezes ninguém nem conversa um com o outro não, mas fica só observando. Acho isso legal, dá pra ver a Igreja, eu vou vendo a igreja fico pensando em Deus, aí já é menos coisa errada pra mim pensar, menos ódio no coração.(JOU)

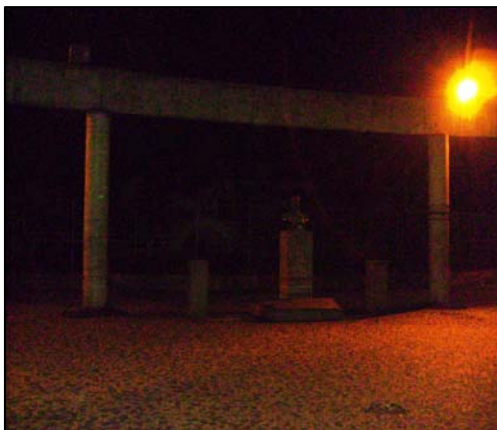


Figura 22- Fotografia JOU 11/04/2007

O busto do patrono do exercito é apenas uma referência, um ponto estratégico: é dali que, segundo JOU, vê-se toda a movimentação da Praça. É dali que ele vê a igreja. Esta, sim, evoca imagens que parecem ter algum significado para o jovem. Ele poderia tê-la fotografado, mas não o fez. Será por quê? O certo é que ele afirma que quando vê a Igreja, ele pensa em Deus. E, quando pensa em Deus, controla seus impulsos levando “menos ódio no coração”.

Embora JOU não tenha falado em momento algum da entrevista de que sentisse ódio de alguém ou de alguma coisa, o que interessa para pesquisa é a explicitação de seus mecanismos de controle. Estes existem e exercem forte influência em sua conduta.

Por fim, destacamos a foto de GORILÃO: uma cruz iluminada, longe, distante e pequenina. A imensa escuridão que a rodeia dá a ela um poder simbólico ainda maior. Embora ela esteja afixada na Igreja esta não aparece; a cruz flutua nas trevas. Tem-se a sensação de que estava num movimento ascendente e que foi apreendida no instantâneo de GORILÃO. Com ele não se definiu em momento algum como um praticante religioso, finalizamos o presente texto com a imagem que ele mesmo deu da foto: *a cruz da igreja no alto*



Figura 23 - Fotografia GORILÃO 26/04/2007

fica bonitinha (...), eu achei legal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração da presente dissertação nos demos conta de que havíamos apenas começado o caminho para conhecer os processos socializadores dos jovens negros que se dispuseram a participar de nosso estudo.

A escolha deles foi, como dissemos no capítulo da metodologia, extremamente cuidadosa. Fugíamos de todos os estereótipos e estigmas, pois não gostaríamos de empreender um estudo tendo como princípio imagens negativas de juventude.

O estudo da literatura sobre a juventude ajudou muito na construção dos pilares da nossa investigação. O breve quadro que apresentamos acerca dos vários estudos sobre os jovens nos mostrou que a produção sobre juventude teve um desenvolvimento significativo nas últimas décadas do século XX e início do Século XXI. Este crescimento da produção tem sido acompanhado por temáticas inovadoras, que ajudam a construir modelos mais instigantes para se compreender os impasses que, hoje, as sociedades vivem para atender a este segmento em toda sua diversidade.

O tema da socialização, tão caro à Sociologia da Educação, tem retornado com muita força não para reproduzir velhos chavões moralistas que, diante da pouca compreensão frente à juventude, propõe-se que ela imponha a si mesma antigas regras de comportamento. Nossa perspectiva foi diferente. No lugar de nos perguntarmos sobre as ausências de regra, controle e limite entre os jovens, buscamos compreender como, para eles, se tem constituído os processos de controle e auto-controle requeridos pela vida social.

Decidimos estudar os *jovens-entrando-no-mundo-dos-adultos*, porque entendíamos que seria o momento no qual poderíamos fazer emergir os mecanismos que permitem a transformação constante dos jovens e que os ajudam a neutralizar as tensões que, em geral, aparecem nesse momento de transformação.

Ao ouvir os diferentes discursos e estudar os dados que caracterizavam a vida dos jovens de nossa pesquisa, impressionava-nos o fato de que todos eles praticamente conviviam em mundos com fronteiras muito tênues.

Ouvi-los, na Praça, um ambiente não-institucional, foi intencional. Queríamos exatamente investigar como eram suas vivências em espaços nos quais eles teriam que participar também da construção de regras de convivência e que, pela própria contingência, estariam expostos a tudo o que se caracteriza, hoje, como “fatores de risco da juventude”: droga, criminalidade, assédio sexual, dentre outros.

Desse processo pudemos apreender que cotidianamente a economia de mercado oferece e impõe aos adolescentes e jovens em nossa sociedade de economia globalizada, uma ampla gama de estímulos para o consumo de bens simbólicos e materiais que se constituem como importantes elementos identitários. Concomitantemente, é nesta mesma sociedade que jovens e adolescentes, vêm negadas as condições sócio-econômicas e culturais mínimas de consumo, o que os tenciona e que, por conseqüência, configura uma realidade limitadora dos modelos de constituição destes jovens enquanto sujeitos de direitos no presente.

Sabíamos que, ao estudar os jovens negros na Praça, estaríamos adentrando um universo no qual tomaríamos contato com situações de vulnerabilidade, o que é amplamente informado pela literatura e corroborado por nossa experiência. Certamente nos surpreendemos com o modo com que eles lidam com o pretérito recente de envolvimento em pequenas transgressões e pela forma como lidavam com as experiências forjadas em suas vivências em ambientes marcados pela violência e criminalidade que foram/são assediados por esse mundo. Entretanto eles demonstraram que não entraram para esse mundo, e sabiam muito bem conviver com essa situação sem se deixar contaminar por ela.

Naquele lugar, tomamos contato com o empenho de um grupo de jovens para construir e se manter num delicado equilíbrio sobre o “fio da navalha” que separa as fronteiras entre a **vida loka** e a construção de alternativas de

integração social, dentro das precárias condições em que vivem; condições essas reveladoras de que os elementos que os afirmam em suas configurações, tais como família, escola e trabalho, também os fragilizam, dificultando ainda mais a manutenção do dito equilíbrio.

No que se refere à identidade racial por nós buscada no início de nossa pesquisa, o contato com os jovens revelou que esta se constrói com base e a partir do reconhecimento de sua condição sócio-econômica em face aos demais freqüentadores da Praça com os quais entram em contato estando ali. Deste modo, o ser e saber-se negro, entre os sujeitos da pesquisa, resulta da percepção do lugar social destinado a uma parcela da população a qual são negadas iguais condições de vida e acesso a bens materiais e simbólicos; parcela esta da qual fazem parte.

Temos consciência de ter deixado muitas questões sem resposta, o que indica que devemos continuar estudando esse tema, importante que nos fascina e desafia o tempo todo.

Entendemos que, embora limitado, o presente estudo pode contribuir para se compreender as redes de socialização dos jovens. Pudemos, por meio deles, entender que os indivíduos, por mais solitários que se possam admitir, têm suportes importantes que os ajudam a fazer frente tanto à chamada dissolução do social quanto contra o individualismo devastador das sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.

ABRAMO, Helena W. Espaços de juventude. In FREITAS, Virgínia de e PAPA, Fernanda de Carvalho (org.). Políticas Públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friederich Ebert, 2003, p. 209-218

ABRAMO, Helena Wendel (2005a). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____ e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel 2005. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. P. 19-35.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n5/6, 1997.

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BERGER, Peter L. & BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, Maria Alice e MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociologia: Leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977, p. 193-214

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARDOSO, Marcos. *O movimento negro em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

CARRANO, Paulo César R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Revista Movimento*. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro. DP&A, 2000.

CARVALHO, André Luís. Memórias visíveis. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

CASTELLAR, S. M. VANZELLA. O Conceito de Espaço: A contribuição da Geografia. In: Antonio Miguel; Ernesta Zamboni. (Org.). Representações do espaço: Multidisciplinaridade. Campinas, SP: 1996, v, p. 93-112.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber; elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed Editora, 2000.

CORTI, Ana Paula e SPÓSITO, Marília. A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes. In: SPÓSITO, Marília (Coord.). *Estado do Conhecimento: Juventude*. São Paulo: Ação Educativa, 2000, p. 289-317.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

DAVILA, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 9-18.

DAYRELL, Juarez. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília. *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília: INEP. 2000.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O Jovem como Sujeito Social. In.: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, nº 24, p. 40-53, set./out./nov./dez – 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p.136-161.

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. In FREITAS, Virgínia de e PAPA, Fernanda de Carvalho (org.). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friederich Ebert, 2003, p. 165-180.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, set./out./nov./dez. 2003, p.40-53.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. *A juventude no Brasil*. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude>>. Acessado em 11/12/2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa. Estampa, 1995. 240.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte. CD-ROOM, Belo Horizonte, 2003.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GÓES, Luis. *Notas cronológicas do bairro Santa Tereza*. Belo Horizonte: Ed. Luis Góes, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. In: 27a. Reunião Anual da ANPEd, 2004, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro : ANPEd, 2004. p. 1-16.

GONÇALVES. L. A. O. e SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência no Brasil. In: Cadernos de Pesquisa, n. 115, março de 2002.

GONÇALVES. L. A. O. Juventude, lazer e vulnerabilidade social. In: SOARES. L. et. all. (org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 105-132

HASENBALG, Carlos A. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Tradução de Patrick Burglin. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

KEHL, Maria Rita. A juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.

MAHEIRIE, Kátia, BOEING, Patrícia e PINTO, Gissele Cristina. Pesquisa e intervenção por meio da imagem: O recurso fotográfico no cotidiano de varredores de rua. In *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 2, pp. 213-219, maio/ago. 2005.

MARTINS, José de Souza, *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo. Paulus, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo : Hucitec-Abrasco, 1998.

NEIBURG F. e WAIZBORT. L. (Org.) *Norbert Elias 1 – Escritos e ensaios: Estado, Processos, opinião pública*. Rio de Janeiro Ed. Jorge Zahar. 2006.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n 5/6, 1997.

PEREIRA, Edmilson de Almeida (2005). *Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do candombe*. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições.

RIZZINI, Irma, CASTRO, Mônica Rabello de e SARTOR, Carla Silvana Daniel. Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SANTOS, Geovania Lúcia dos. A exclusão da escola e a reinserção em um programa de educação de jovens e adultos entre adultos das camadas populares. (Mestrado em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan/jun, 2002.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. 2ªEd. Rio de Janeiro: Mauad. 1998.

SOUZA, Solange Jobim e & LOPES, Ana Elisabete Lopes. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho de 2002.

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília P. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, Anped, n. 5/6,1997.

SPÓSITO. M. P. Juventude: crise, identidade e escola. In: _____. *Estudos sobre movimentos sociais, juventude e educação*. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, p. 144-193, 2000.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/fundação Ford, 2003.

VAZZOLER, Leomar dos Santos. A geografia e os estudos referentes ao segmento negro na sociedade brasileira. In: GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira e PINTO, Regina Pahim (orgs.). *Educação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 147-162.

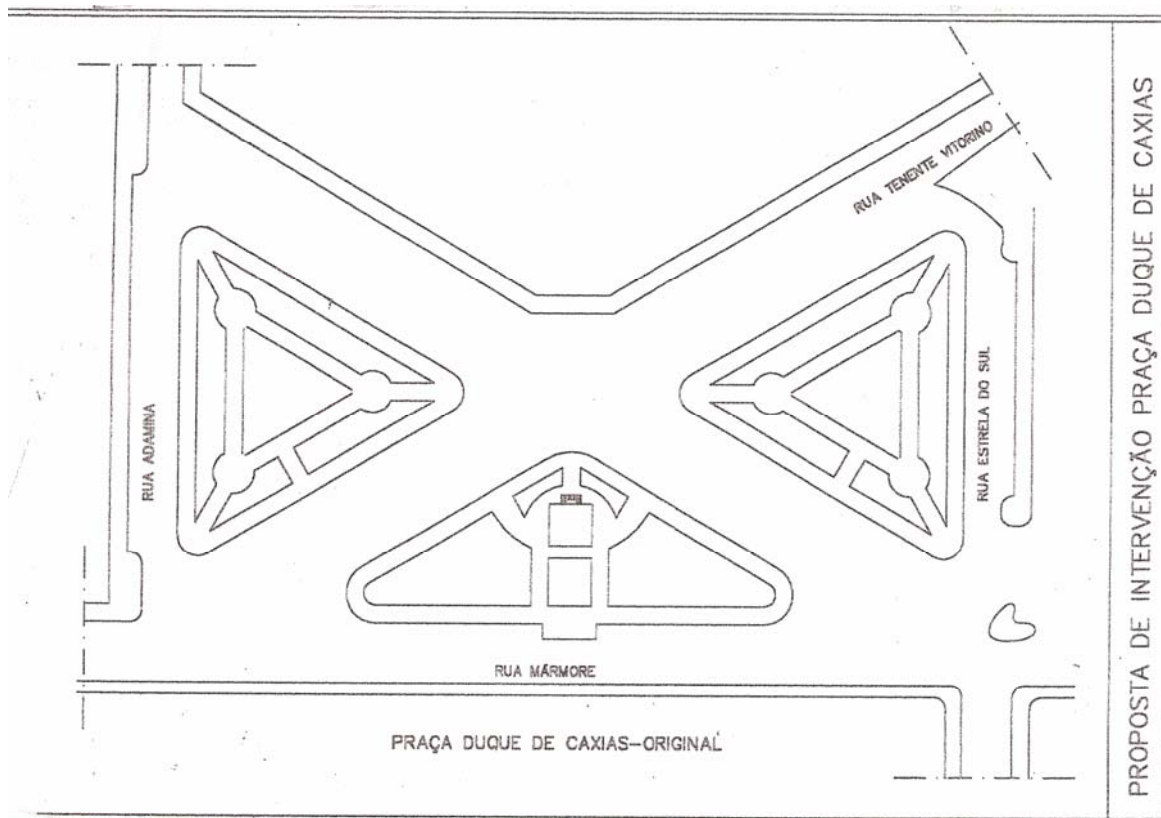
UNIFEM/IPEIA :Retratos das Desigualdades: Programa de desigualdade de gênero e raça, CD-ROOM, Brasília, 2005.

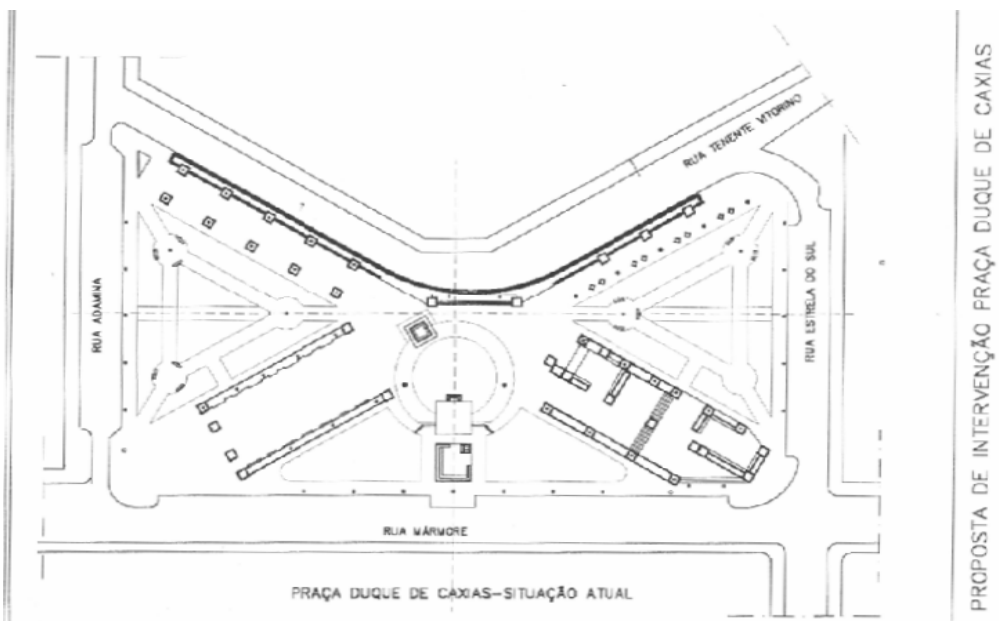
WESTIN, Vera Lúcia Costa. Santa Tereza na construção cotidiana da diferença: um estudo sobre interações comunicativas e apropriação simbólica no espaço urbano: um bairro da Belo Horizonte do final do século. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ANEXOS

ANEXO- A- Mapa do entroncamento das ruas onde se localiza a Praça-2006



ANEXO- B- Planta da Praça de Duque de Caxias de 1937

ANEXO- C – Planta Praça Duque de Caxias 1991

ANEXO D - Roteiro para entrevista em profundidade

1. Conhecer através do discurso do jovem a organização e estrutura familiar.
(Escolaridade, Emprego, Moradia, número de pessoas, quem são e o que fazem?)
2. Conte sua história nessa Praça: Vocês se arruam para vir aqui?
(Como é isso? o que tem pra fazer, o que você faz?)
3. Como se dão os encontros, as brigas, as tretas e as novas amizades?
(O que diferencia o comportamento dos jovens do e das Jovens na Praça?)
4. Como é estar na Praça?
(O que se faz aqui? Quando se faz isso aqui?)
5. Como você vê a questão racial aqui na Praça?

